



**UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA**  
**FACULDADE DE TEOLOGIA**

**MESTRADO INTEGRADO EM TEOLOGIA (1.º grau canónico)**

**JOSÉ MANUEL FERRÃO ABRANTES**

**A fé segundo Rom 3,21-4,25**  
**A confiança perante a salvação manifestada em Jesus**  
**Cristo**

Dissertação Final  
sob orientação de:  
Prof. Doutor José Carlos da Silva Carvalho

**Porto**  
**2022**



**UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA**  
**FACULDADE DE TEOLOGIA**

**MESTRADO INTEGRADO EM TEOLOGIA (1.º grau canónico)**

**JOSÉ MANUEL FERRÃO ABRANTES**

**A fé segundo Rom 3,21-4,25**

**A confiança perante a salvação manifestada em Jesus  
Cristo**

Dissertação Final

sob orientação de:

Prof. Doutor José Carlos da Silva Carvalho

**Porto**  
**2022**



*Tenho tanta confiança em Jesus que, mesmo que eu visse o inferno aberto diante de mim e eu me encontrasse diante do abismo, não perderia a esperança, confiaria n'Ele.*

*Quem pode saber quantas vezes, se Ele não me tivesse estendido a mão, a minha fé teria vacilado, a minha esperança e a minha caridade teriam enfraquecido; a minha inteligência se teria obscurecido, se Jesus, o sol eterno, não ma tivesse iluminado.*

São Pio de Pietrelcina

## ÍNDICE

<b>RESUMO</b> .....	2
<b>ABSTRACT</b> .....	2
<b>SIGLÁRIO</b> .....	3
<b>INTRODUÇÃO</b> .....	5
<b>CAPÍTULO 1: A CARTA AOS ROMANOS E O CONCEITO PAULINO DA FÉ</b> .....	7
1.1. A Carta aos Romanos .....	7
1.1.1. Autor, local e data de redação de Rom .....	7
1.1.2. A comunidade de Roma .....	9
1.1.3. Motivos para a redação de Rom .....	10
1.1.4. Composição, estrutura e conteúdo de Rom .....	12
1.2. A fidelidade de Deus no Antigo Testamento .....	15
1.2.1. O conceito veterotestamentário da fé .....	16
1.2.2. A fidelidade divina na história da salvação ao longo do Antigo Testamento .....	19
1.3. O conceito de fé nas cartas de Paulo .....	22
<b>CAPÍTULO 2: ANÁLISE ESTRUTURAL E COMENTÁRIO DE ROM 3,21-4,25</b> .....	29
2.1. Contexto literário e estrutura de Rom 3,21-4,25 .....	29
2.2. O texto de Rom 3,21-4,25 e a sua tradução .....	33
2.3. Comentário do texto .....	36
2.3.1. Rom 3,21-26: A justiça de Deus manifesta-se pela fé em Jesus Cristo/fidelidade de Jesus Cristo .....	36
2.3.2. Rom 3,27-31: Deus justifica toda a humanidade pela fé .....	42
2.3.3. Rom 4,1-8: Abraão foi justificado pela fé .....	45
2.3.4. Rom 4,9-12: Abraão é o pai de todos os crentes .....	49
2.3.5. Rom 4,13-18: A promessa de Deus a Abraão e aos seus descendentes .....	51
2.3.6. Rom 4,19-25: Da fé de Abraão à fé cristã .....	54
2.4. Síntese .....	56
<b>CONCLUSÃO</b> .....	60
<b>BIBLIOGRAFIA</b> .....	63

## RESUMO

O objetivo desta dissertação é compreender o significado da fé, segundo Rom 3,21-4,25. A comunidade de Roma tinha cristãos judeus e gentios, com potenciais tensões entre os observantes e os não observantes da Lei. Paulo procura uni-los em Cristo, apresentando em Rom 3,21-4,25 a doutrina da justificação pela fé. Para Paulo, a fé é uma fé fiducial, como um ato de confiança em Deus, e está sempre associada a Jesus Cristo. Em Rom 3,21-4,25, ele associa a fé com a justiça e a justificação. Deus manifesta a Sua justiça salvífica na fidelidade de Jesus Cristo, pela Sua morte redentora na cruz que expia os nossos pecados, e esta justiça pode ser recebida pela fé em Cristo. Todos os seres humanos, judeus e gentios, são justificados pela fé, sem as obras da Lei. Em Rom 4, Paulo apresenta Abraão como o modelo da fé, o qual foi justificado pela fé, antes de ser circuncidado, tornando-se assim o pai de todos os crentes. A promessa de Deus a Abraão e aos seus descendentes baseia-se na fé. Os cristãos são chamados a ter a mesma fé de Abraão, isto é, a acreditar no Deus que ressuscitou Jesus dos mortos.

**Palavras-chave:** Carta aos Romanos, fé, confiança, fidelidade de Deus, justiça salvífica, justificação, Lei, obras da Lei, judeus e gentios, Abraão, promessa de Deus.

## ABSTRACT

The aim of this dissertation is to understand the meaning of faith, according to Rom 3:21-4:25. The community of Rome had both jewish and gentile christians, with potential tensions between the Law-observants and the non-observants. Paul seeks to unite them in Christ, presenting in Rom 3:21-4:25 the doctrine of justification by faith. For Paul, faith is a fiducial faith, as an act of trusting in God, and it is always associated with Jesus Christ. In Rom 3:21-4:25, he associates faith with righteousness and justification. God manifests His saving righteousness in the faithfulness of Jesus Christ, by His redeeming death on the cross that atones for our sins, and this righteousness can be received by faith in Christ. All human beings, jews and gentiles, are justified by faith, apart from the works of the Law. In Rom 4, Paul presents Abraham as the model of faith, who was justified by faith, before being circumcised, thus becoming the father of all believers. God's promise to Abraham and his descendants is based on faith. Christians are called to have the same faith as Abraham, that is, to believe in the God who raised Jesus from the dead.

**Keywords:** Letter to the Romans, faith, trust, faithfulness of God, saving righteousness, justification, Law, works of the Law, jews and gentiles, Abraham, promise of God.

## **SIGLÁRIO**

### **BÍBLICO**

AT: Antigo Testamento

At: Atos dos Apóstolos

Col: Carta de São Paulo aos Colossenses

1 Cor: Primeira Carta de São Paulo aos Coríntios

2 Cor: Segunda Carta de São Paulo aos Coríntios

Dt: Livro do Deuteronómio

Ef: Carta de São Paulo aos Efésios

Ex: Livro do Êxodo

Ez: Livro do Profeta Ezequiel

Fln: Carta de São Paulo a Filémon

Flp: Carta de São Paulo aos Filipenses

Gal: Carta de São Paulo aos Gálatas

Gen: Livro do Génesis

Hab: Livro do Profeta Habacuc

Heb: Carta aos Hebreus

Is: Livro do Profeta Isaías

Jer: Livro do Profeta Jeremias

Jo: Evangelho segundo São João

Job: Livro de Job

Jos: Livro de Josué

Lc: Evangelho segundo São Lucas

Lv: Livro do Levítico

1 Mac: Primeiro Livro dos Macabeus

2 Mac: Segundo Livro dos Macabeus

Mq: Livro do Profeta Miqueias

Mt: Evangelho segundo São Mateus

Nm: Livro dos Números

NT: Novo Testamento/New Testament

Os: Livro do Profeta Oseias

OT: Old Testament

Pr: Livro dos Provérbios

1 Re: Primeiro Livro dos Reis

2 Re: Segundo Livro dos Reis  
Rom: Carta de São Paulo aos Romanos  
Sl: Livro dos Salmos  
Sb: Livro da Sabedoria  
Sf: Livro do Profeta Sofonias  
Sir: Livro de Ben Sirá  
2 Sm: Segundo Livro de Samuel  
1 Tes: Primeira Carta de São Paulo aos Tessalonicenses  
2 Tes: Segunda Carta de São Paulo aos Tessalonicenses  
Tg: Carta de São Tiago  
1 Tim: Primeira Carta de São Paulo a Timóteo  
2 Tim: Segunda Carta de São Paulo a Timóteo  
Tit: Carta de São Paulo a Tito

### **COLEÇÕES E INSTRUMENTOS**

CIC: Catecismo da Igreja Católica  
DS: El magisterio de la Iglesia: Enchiridion symbolorum definitionum et declarationum de rebus fidei et morum  
DV: Dei Verbum  
LXX: Septuaginta  
PG: Patrologia Grega  
PL: Patrologia Latina  
1QS: Regra da Comunidade de Qumran da primeira gruta

## INTRODUÇÃO

A fé é um dom de Deus, é uma virtude sobrenatural que Deus infunde nos seres humanos (cf. CIC 153). Deste modo, a fé é uma graça, pois só é possível o ato de fé com o auxílio da graça divina. No entanto, a fé também é um ato autenticamente humano, pois a inteligência e a vontade humanas cooperam com a graça divina, para que o ser humano possa confiar em Deus que se revela (cf. CIC 154; cf. CIC 155). Assim, a fé é «uma adesão pessoal, do homem todo, a Deus que Se revela» (CIC 176).

A fé é essencial para a vida cristã, pois só através dela é que os seres humanos podem ter acesso a Deus e entrar numa relação pessoal com Ele. Pela fé em Jesus Cristo, que nos amou e se entregou na cruz por cada um de nós, podemos receber uma vida nova. Se Cristo habita nos nossos corações pela fé, então podemos ter um espírito de confiança, pois sabemos que Deus é nosso Pai e providencia. Pela fé, podemos ter um espírito de misericórdia, pois sabemos que Deus perdoou os nossos pecados e assim também podemos perdoar os outros. Pela fé, também podemos ter dentro de nós um espírito de ressurreição, que nos permite não ter medo dos sofrimentos da vida e enfrentar a morte com confiança na misericórdia de Deus. Em suma, a fé em Jesus Cristo transforma completamente a vida pessoal dos cristãos, na sua relação com Deus, com os outros seres humanos, com o mundo e consigo mesmos.

O apóstolo Paulo, quando fala da fé em Jesus Cristo, não está a falar de um conceito abstrato, mas de algo que ele experimentou concretamente na sua vida pessoal. A experiência pessoal de Paulo é a experiência de um encontro entre um Deus misericordioso e um homem pecador, que é tocado imerecidamente pela graça divina, e que assim pode acreditar e colocar toda a sua confiança em Jesus Cristo. Deste modo, o conceito de fé apresentado nas cartas de Paulo é uma grande ajuda para podermos compreender corretamente o que é a fé cristã e que implicações esta tem na reflexão teológica e na vida das pessoas.

Este trabalho não pretende ser um tratado sobre o conceito paulino da fé, nem pretende responder diretamente às questões pastorais e existenciais levantadas por este tema, como a aproximação da Igreja ao mundo, o acolhimento das pessoas nas paróquias, o diálogo ecuménico, a importância da fé para a vida cristã e para a relação pessoal com Deus. Por uma questão de limitação de tempo e da extensão deste trabalho, vou focar-me no texto de Rom 3,21-4,25 e vou procurar descrever o significado da fé presente neste texto. Para isso, vou utilizar o método bíblico-teológico e vou analisar a estrutura retórica deste texto.

O texto de Rom 3,21-4,25 é muito importante para a compreensão da fé na Carta aos Romanos e nas cartas paulinas em geral. Paulo assume o significado cristão geral da fé como a aceitação do *kerygma*, que é a proclamação de Jesus crucificado e ressuscitado. No entanto, ele

introduz uma novidade para o conceito de fé no Novo Testamento, que é a associação da fé com a justiça e a justificação, a qual se encontra bem descrita em Gal 3,6-14 e sobretudo em Rom 3,21-4,25. Para além disso, existe uma maior prevalência do substantivo πίστις (*pístis*: fé) em Rom 3,21-4,25 do que no resto da Carta aos Romanos (18 ocorrências num total de 40)<sup>1</sup>, o que torna este texto muito relevante neste tema.

Esta dissertação encontra-se dividida em dois capítulos, na qual o primeiro é um capítulo introdutório sobre a Carta de São Paulo aos Romanos e o conceito paulino da fé; e o segundo capítulo consiste numa análise estrutural e num comentário exegético de Rom 3,21-4,25. No primeiro capítulo, em primeiro lugar, vou contextualizar brevemente a Carta aos Romanos, através da abordagem do seu autor, local e data de redação, da descrição da comunidade de Roma, da análise dos motivos que levaram Paulo a redigir esta carta e da análise da composição e estrutura da Carta aos Romanos. A seguir, vou abordar o conceito paulino da fé, descrevendo primeiro a fidelidade de Deus ao longo do Antigo Testamento e analisando depois o conceito de fé nas cartas de Paulo.

No segundo capítulo vou analisar o contexto literário e a estrutura retórica do texto de Rom 3,21-4,25, tendo em conta as técnicas exegéticas greco-romanas e judaicas usadas na sua redação e localizando-o dentro da estrutura geral da Carta aos Romanos. Depois irei comentar as várias partes do nosso texto de estudo: Rom 3,21-26: A justiça de Deus manifesta-se pela fé em Jesus Cristo/fidelidade de Jesus Cristo; Rom 3,27-31: Deus justifica toda a humanidade pela fé; Rom 4,1-8: Abraão foi justificado pela fé; Rom 4,9-12: Abraão é o pai de todos os crentes; Rom 4,13-18: A promessa de Deus a Abraão e aos seus descendentes; Rom 4,19-25: Da fé de Abraão à fé cristã.

---

<sup>1</sup> Cf. I. Howard Marshall (ed.), *Concordance to the Greek New Testament*, 6ª ed. (London: T&T Clark Ltd, 2002), 886-889.

## **CAPÍTULO 1: A CARTA AOS ROMANOS E O CONCEITO PAULINO DA FÉ**

Neste capítulo, em primeiro lugar, irei fazer uma breve contextualização da Carta de São Paulo aos Romanos e, em segundo lugar, irei procurar explicar o conceito paulino da fé. Deste modo, para contextualizar a Carta aos Romanos, num primeiro subcapítulo, irei abordar o seu autor, local e data de redação, irei descrever a comunidade de Roma para a qual Paulo escreveu, irei analisar os motivos que levaram Paulo a redigir esta carta e, por último, irei analisar a composição e a estrutura da Carta aos Romanos. Depois, para abordar o conceito paulino da fé, num segundo subcapítulo, irei descrever a fidelidade de Deus ao longo do Antigo Testamento (AT) e, num terceiro subcapítulo, irei analisar o conceito de fé nas cartas de Paulo.

### **1.1. A Carta aos Romanos**

A Carta de São Paulo aos Romanos é certamente a carta paulina mais importante e a que mais influenciou a espiritualidade, a teologia e a história da Igreja. Tal como toda a Sagrada Escritura, a Carta aos Romanos contém uma profundidade espiritual e teológica que é inesgotável. Ela é o primeiro escrito neotestamentário do qual se preserva um comentário completo, o qual foi composto por Orígenes de Alexandria no ano 243 d. C. Desde então houve outros autores cristãos que comentaram a Carta aos Romanos, desde o período patrístico e medieval até à época contemporânea, como é o caso de São João Crisóstomo, Santo Agostinho, Guilherme de Saint Thierry, São Tomás de Aquino, Karl Barth, Joseph Fitzmyer, entre tantos outros. A Carta aos Romanos foi determinante ao longo da história da Igreja, desde a discussão entre Santo Agostinho e Pelágio sobre a graça e a obras, nos séculos IV-V, passando pela reforma protestante e o Concílio de Trento, no século XVI, até à passagem da teologia liberal para a teologia dialética, nos inícios do século XX.<sup>2</sup> A Carta aos Romanos também esteve na origem de muita discórdia ecuménica, sobretudo no que diz respeito à doutrina da justificação, que hoje felizmente já foi superada.<sup>3</sup>

#### **1.1.1. Autor, local e data de redação de Rom**

O apóstolo Paulo é o autor da Carta aos Romanos. A sua autoria desta carta é quase consensual entre os exegetas desde a antiguidade até à época atual, tendo havido apenas um

---

<sup>2</sup> Cf. Francesco Bianchini, *L'Apostolo Paolo e le sue lettere: Introduzione al Corpus Paulinum* (Città del Vaticano: Urbaniana University Press, 2019), 134; Cf. Romano Penna, *Lettera ai Romani* (Bologna: Edizioni Dehoniane Bologna, 2010), p. XV.

<sup>3</sup> Cf. Igreja Católica Romana/Federação Luterana Mundial, «Declaração Conjunta sobre a Doutrina da Justificação», *Theologica*, 2ª série, 35,1 (2000): 153.

número muito pequeno de exegetas, sobretudo no século XIX, que duvidou da sua autoria, mas que não conseguiram abalar a autoria paulina desta carta.<sup>4</sup>

Logo no começo da Carta aos Romanos, o autor apresenta-se como «Paulo, servo de Cristo Jesus, chamado para ser apóstolo, escolhido para anunciar o Evangelho de Deus» (Rom 1,1). Partindo desta perícopa, o Papa Bento XVI afirma que Paulo «foi escolhido “para anunciar o Evangelho de Deus” (Rom 1,1), para propagar o anúncio da Graça divina que em Cristo reconcilia o homem com Deus, consigo mesmo e com os outros».<sup>5</sup> Paulo descreve-se a ele próprio como sendo «israelita, da descendência de Abraão, da tribo de Benjamim» (Rom 11,1), como «apóstolo das nações» (Rom 11,13) e como aquele que anunciou o Evangelho «desde Jerusalém e arredores até à Ilíria» (Rom 15,19).

Apesar de Paulo ser o autor da Carta aos Romanos, ele não a escreveu pela sua própria mão, como se indica em Rom 16,22: «Eu, Tércio, que escrevi esta carta, saúdo-vos no Senhor». Apenas se sabe que Tércio, que não aparece em mais nenhum lado na Sagrada Escritura, foi o amanuense que escreveu esta carta sob a direção de Paulo. Em Rom 16,1-2, o apóstolo Paulo menciona uma mulher chamada Febe, que é diaconisa da igreja de Cêncreas, a qual ele recomenda aos cristãos de Roma para que a recebam dignamente e a assistam em tudo o que ela precisar. De acordo com esta informação, pode-se deduzir que provavelmente tenha sido ela a levar esta carta de Paulo para Roma.

Relativamente às circunstâncias em que Paulo escreve a Carta aos Romanos, ele afirma que procurou por várias vezes ir visitar os cristãos de Roma, mas que tem sido impedido (Rom 1,13) por causa do seu trabalho missionário na zona leste do Mediterrâneo (cf. Rom 15,19b-22). Mas agora que ele considera que concluiu a sua missão nessas regiões (Rom 15,23), ele planeia ir visitar Roma na viagem de caminho para Espanha (Rom 15,24), na zona ocidental do Mediterrâneo, onde ele pretende anunciar o Evangelho. Mas, em primeiro lugar, ele precisa de completar outra missão antes de ir para Roma, a de levar uma coleta em favor dos pobres que há entre os cristãos de Jerusalém, a qual ele recolheu nas comunidades cristãs gentias (cf. Rom 15,25-29). Para Paulo, esta coleta representa uma partilha dos bens materiais dos gentios, na medida em que também participaram dos seus bens espirituais (Rom 15,27), ou seja, representa «não apenas uma ajuda para os pobres da igreja de Jerusalém, mas também um símbolo da unidade e fraternidade entre os crentes gentios e judeus».<sup>6</sup>

---

<sup>4</sup> Cf. Scott W. Hahn, *Romans* (Grand Rapids: Baker Academic, 2017), XV.

<sup>5</sup> Bento XVI, *Paulo, o Apóstolo dos Gentios* (Lisboa: Paulus Editora, 2008), 14.

<sup>6</sup> Thomas D. Stegman, «Romans», em *The Paulist Biblical Commentary*, ed. José Enrique Aguilar Chiu, Richard J. Clifford, Carol J. Dempsey, Eileen M. Schuller, Thomas D. Stegman e Ronald D. Witherup, (New York, Mahwah: Paulist Press, 2018), 1234.

Paulo escreveu a Carta aos Romanos provavelmente na cidade de Corinto, na Grécia. No próprio texto da Carta aos Romanos existem vários indícios que apontam para este local. Em Rom 15-25-26 diz que Paulo está de viagem para Jerusalém com uma coleta para os pobres entre os santos daquela igreja, para a qual contribuíram os cristãos da Macedônia e da Acaia. Esta passagem pode relacionar-se com a fase final da terceira viagem missionária de Paulo, descrita nos Atos dos Apóstolos (At 18,23-21,16), onde Paulo faz uma paragem de três meses na Grécia (At 20,2-3), mesmo antes de partir para a Jerusalém.<sup>7</sup> Outros indícios são o nome de três pessoas: Febe, Gaio e Erasto, mencionados no último capítulo de Rom.<sup>8</sup> Febe, como já referi anteriormente, é diaconisa da igreja de Cêncreas (Rom 16,1), que é o porto que serviu a cidade de Corinto. Gaio é quem recebe Paulo como hóspede em sua casa (Rom 16,23a), quando ele escreve esta carta, que provavelmente é o mesmo Gaio que Paulo batizou em Corinto (1 Cor 1,14). Erasto é o «tesoureiro da cidade» (Rom 16,23b), que também aparece em At 19,22, como um colaborador de Paulo, juntamente com Timóteo, e surge ainda em 2 Tim 4,20, onde se lê: «Erasto ficou em Corinto».

Paulo escreve a Carta aos Romanos por volta de 56-58 d. C., entre o final do inverno e o início da primavera, na sua terceira viagem missionária. Podemos estimar esta data de redação a partir de alguns indícios. Se os cristãos da Acaia, onde fica Corinto, contribuíram para a coleta a favor dos cristãos pobres de Jerusalém (cf. Rom 15,26), então quando Paulo escreve Rom, o conflito de Paulo com a comunidade de Corinto, datado em meados da década de 50, já devia estar resolvido. Podemos assim datar a Carta aos Romanos por volta de 56-58 a. C. Para além disso, Paulo ficou na Grécia, onde está Corinto, durante três meses (At 20,3), antes de embarcar para a Síria desde Filipos, depois da Festa dos Pães Ázimos (At 20,6), que ocorre na primavera. Deste modo, quando Paulo escreve Rom em Corinto, estamos entre o final do inverno e o início da primavera.<sup>9</sup>

### **1.1.2. A comunidade de Roma**

Roma era a capital do Império Romano e a maior cidade do mundo conhecido por Paulo, o que certamente despertou o seu interesse em anunciar o Evangelho nesta cidade. Para além disso, no século I d. C. existia um fluxo contínuo de pessoas e bens entre Roma e Israel,<sup>10</sup> o que facilitava a comunicação com os cristãos de Roma, apesar das distâncias.

---

<sup>7</sup> Cf. Hahn, *Romans*, XVI.

<sup>8</sup> Cf. Penna, *Lettera ai Romani*, XLVI.

<sup>9</sup> Cf. Frank J. Matera, *Romans* (Grand Rapids: Baker Academic, 2010), 5.

<sup>10</sup> Cf. Hahn, *Romans*, XVIII.

Paulo não fundou a comunidade de Roma, pois quando ele escreveu a Carta aos Romanos, a comunidade cristã em Roma já estava bem estabelecida. Isto pode ser deduzido por alguns indícios na própria Carta aos Romanos. Paulo diz aos cristãos romanos que «a vossa fé é proclamada em todo o mundo» (Rom 1,8); ele afirma que os desejava visitar «há muitos anos» (Rom 15,23) e que «a vossa obediência se tornou conhecida de todos» (Rom 16,19).

Apesar de não sabermos com certeza como a fé cristã chegou pela primeira vez a Roma, podemos afirmar que o primeiro anúncio do Evangelho nesta cidade aconteceu, segundo Romano Penna:

com evangelizadores, cujos nomes não passaram à história, mas que nem por isso se consideraram de condição inferior, mas antes precisamente por isso são dignos de toda a admiração e exaltação. Na prática, eles podem identificar-se ou com os hebreus crentes em Cristo que vieram viver para Roma provenientes da Palestina ou da diáspora, seja como mercadores seja como escravos, ou com os hebreus romanos que, provavelmente a seguir a uma peregrinação a Jerusalém (cf. At 2,10), tiveram contacto com a fé cristã e depois começaram a propagá-la quando regressaram a Roma.<sup>11</sup>

Os primeiros cristãos romanos surgiram provavelmente nas sinagogas da cidade, uma vez que a fé cristã que proclamava Jesus como o Messias encontraria mais facilmente uma audiência pronta para acolher esta fé. Para além disso, os cristãos romanos pertenciam a diferentes igrejas domésticas, o que se pode evidenciar a partir das várias saudações que Paulo envia para os cristãos em Roma no capítulo 16 da sua carta.

A comunidade cristã de Roma era composta por crentes gentios e judeus, sendo que os pontos de vista dos vários académicos variam desde identificar os cristãos romanos como predominantemente judeus a predominantemente gentios. Deve ter havido tensões e divisões entre os crentes romanos, tendo, de um lado, os cristãos de origem judaica e os cristãos gentios observantes da Lei e, do outro, os cristãos gentios não observantes da Lei. Podemos deduzir isto a partir do apelo que Paulo faz aos cristãos de Roma para que eles se acolham uns aos outros como Cristo os acolheu (Rom 15,7), pois Cristo tornou-se servidor tanto dos judeus como dos gentios (cf. Rom 15,8-9).<sup>12</sup>

### **1.1.3. Motivos para a redação de Rom**

Existem várias razões que levaram Paulo a escrever a Carta aos Romanos. As circunstâncias em que ele redigiu esta carta são complexas, como já referi anteriormente. No

---

<sup>11</sup> Penna, *Lettera ai Romani*, XIX.

<sup>12</sup> Cf. Matera, *Romans*, 7-8.

entanto, podemos destacar aqui três motivos: o desejo de Paulo anunciar o Evangelho aos Romanos, o apoio para a missão que ele planeava realizar em Espanha e a resolução dos conflitos dentro da comunidade de Roma.

Quando escreveu a Carta aos Romanos, o apóstolo Paulo procura introduzir-se a ele próprio e aos seus ensinamentos, procurando principalmente apresentar um resumo da sua compreensão do Evangelho (cf. Rom 1,16-17), o qual ele desejava anunciar aos cristãos de Roma há muitos anos (cf. Rom 1,15; 15,23).<sup>13</sup> Paulo ansiava por visitar pessoalmente os cristãos romanos e fortalecê-los na fé (cf. Rom 1,11-13). Deste modo, ao escrever esta carta, Paulo podia preparar a sua visita a Roma, uma vez que a Carta aos Romanos seria certamente lida e escutada pelos cristãos reunidos nas igrejas cristãs de Roma, antes de Paulo chegar lá.

Paulo escreveu a Carta aos Romanos consciente de que a sua missão na região oriental do Mediterrâneo estava concluída e, por isso, procura focar-se na evangelização da zona ocidental, em Espanha (cf. Rom 15,23-24). Assim, ele procura a ajuda dos cristãos romanos para ir até Espanha (cf. Rom 15,24), visto que Roma, como capital do Império Romano, podia ser uma boa plataforma para a sua planeada missão na região ocidental do Mediterrâneo, tal como Antioquia da Síria o foi nas suas viagens missionárias do leste do Mediterrâneo (cf. At 13,1-3; 15,35-41; 18,22-23). Assim, Paulo espera encontrar o apoio dos cristãos romanos com a redação desta carta.<sup>14</sup>

Uma outra razão para a redação da Carta aos Romanos foi o facto do apóstolo Paulo, à luz da sua discussão sobre os fracos e os fortes (cf. Rom 14,1-15,13), procurar resolver os conflitos entre os judeus e os gentios dentro da comunidade cristã de Roma, buscando uni-los em Cristo, visto que estas divisões e tensões podiam pôr em perigo o anúncio do Evangelho.<sup>15</sup> Por um lado, podia haver alguns judeus que se orgulhavam de ser o povo escolhido por Deus, exibindo os seus rituais da Lei (a circuncisão, a observância dos dias festivos e as regulações alimentares) como emblemas da eleição de Israel (cf. Rom 2,23-25; 4,1-11; 14,1-9). Deste modo, eles consideravam-se superiores aos cristãos gentios (cf. Rom 2,17-23), pensando que Deus não fosse igualmente o Deus dos gentios (cf. Rom 3,27-31). Por outro lado, também podia haver alguns cristãos gentios que podiam pensar que estavam a substituir o povo de Israel, considerando, assim, erradamente que Deus tinha rejeitado o Seu povo eleito (cf. Rom 11,1-24).<sup>16</sup>

---

<sup>13</sup> Cf. Joseph A. Fitzmyer, «Carta a los Romanos», em *Nuevo Comentario Bíblico San Jerónimo*, ed. Raymond E. Brown, Joseph A. Fitzmyer e Roland E. Murphy (Estella: Editorial Verbo Divino, 2004), 362.

<sup>14</sup> Cf. Hahn, *Romans*, XXII-XXIII.

<sup>15</sup> Cf. Matera, *Romans*, 9-10.

<sup>16</sup> Cf. Hahn, *Romans*, XXIII.

#### 1.1.4. Composição, estrutura e conteúdo de Rom

Para podermos compreender melhor o modo como a Carta aos Romanos se encontra estruturada, em primeiro lugar, é preciso perceber a sua composição, a designada *dispositio*, tendo em conta que, como afirma Jean Noël Aletti: «Se existe um livro no Novo Testamento que, na sua integridade e em várias das suas secções, usa com originalidade a *dispositio* dos antigos discursos, é certamente a Epístola aos Romanos. É importante reconhecer esta influência para compreender a dinâmica da epístola».<sup>17</sup> Nesta carta são utilizados diferentes modelos de composição, particularmente o modelo epistolar, o modelo discursivo e o recurso a paralelismos.<sup>18</sup>

Na Carta aos Romanos encontramos as características típicas de uma carta, começando com um *praescriptum* (Rom 1,1-7), onde se referem o remetente e os destinatários; apresentando um corpo da carta (Rom 1,8-15,21); e concluindo com um *postscriptum* (Rom 15,22-16,27), onde são dadas notícias (Rom 15,22-33) e são enviadas saudações (Rom 16). Ao longo de toda a Carta aos Romanos, Paulo mantém um tom dialogal. Para além do modelo epistolar, também podemos encontrar o modelo discursivo, no qual Paulo apresenta argumentações muito longas e teóricas, semelhantes a discursos.<sup>19</sup>

No corpo da Carta aos Romanos podemos identificar quatro partes distintas: o *exordium* (Rom 1,8-17), que termina com a *propositio* principal desta carta (Rom 1,16-17); a *probatio* (Rom 1,18-11,36), que se divide em três partes; a *exortatio* (Rom 12,1-15,13) e a *peroratio* (Rom 15,14-21). O *exordium* consiste numa introdução ao discurso, na qual se procura obter a atenção da audiência e a sua benevolência. A *propositio* consiste na definição da tese que vai ser defendida ao longo do discurso. A *probatio* procura provar ou confirmar a tese apresentada e constitui o corpo principal do discurso.<sup>20</sup> A *exortatio* corresponde a um discurso exortativo ou parenético, no qual se prescrevem deveres morais. A *peroratio* conclui a dissertação e pode recapitular os argumentos do orador.<sup>21</sup>

A Carta aos Romanos apresenta uma estrutura argumentativa estratificada, na qual as unidades argumentativas se vão reagrupando de modo a constituir subsecções que, por sua vez, se reagrupam em unidades menores, de acordo com o seguinte esquema<sup>22</sup>:

---

<sup>17</sup> Jean Noël Aletti, *God's justice in Romans: Keys for interpreting the Epistle to the Romans* (Roma: Gregorian & Biblical Press, 2010), 56.

<sup>18</sup> Cf. Jean Noël Aletti, «Romanos», em *Comentario Bíblico Internacional*, ed. William R. Farmer (Estella: Editorial Verbo Divino, 2013), 1416-1417.

<sup>19</sup> Cf. Aletti, «Romanos», 1416.

<sup>20</sup> Cf. Jerome Murphy-O'Connor, *Paulo, escritor de cartas: O seu mundo, as suas opções, as suas técnicas* (Prior Velho: Paulinas Editora, 2010), 101-102.

<sup>21</sup> Cf. Murphy-O'Connor, *Paulo, escritor de cartas*, 105.

<sup>22</sup> Cf. Aletti, «Romanos», 1416.

**Quadro 1.** Esquema representativo da estrutura argumentativa estratificada da Carta aos Romanos.

Secção	Subsecções	Unidades mínimas
<i>Propositio- -probatio</i>	<i>Subpropositio- -subprobatio</i>	<i>subpropositio-subprobatio</i>
		<i>subpropositio-subprobatio</i>
	<i>Subpropositio- -subpropositio</i>	<i>subpropositio-subprobatio</i>
		<i>subpropositio-subprobatio...</i>

Em cada uma das unidades argumentativas encontramos proposições ou teses secundárias (*subpropositios*), com as suas respetivas provas (*subprobatio*s). As teses secundárias permitem explicar de forma mais aprofundada determinados aspetos da tese principal. Para além disso, as *subpropositios-subprobatio*s também permitem que os argumentos utilizados por Paulo se vão desenvolvendo de modo progressivo através de várias de fases que se podem reconhecer com maior facilidade.<sup>23</sup>

Deste modo, ao associarmos os diferentes princípios de composição, temos a seguinte estrutura geral da Carta aos Romanos<sup>24</sup>:

*Praescriptum*: 1,1-7

Corpo da carta:

*Exordium*: 1,8-17

que acaba com a *propositio* principal: 1,16-17

*Probatio* (1,18-11,36):

A) 1,18-4,25: Judeus e gentios justificados pela fé

B) 5-8: Nova vida e a esperança dos batizados

C) 9-11: Israel e os gentios: O futuro de Israel

*Exortatio*: 12,1-15,13

*Peroratio*: 15,14-21

*Postscriptum*: 15,22-16,27

Notícias: 15,22-33

Saudações: 16,1-24

Doxologia final: 16,25-27

De entre todas as cartas paulinas, a Carta aos Romanos é «a sua carta mais importante no aspeto doutrinal».<sup>25</sup> No entanto, nem toda a doutrina de Paulo se encontra nesta carta, pois

<sup>23</sup> Cf. Aletti, «Romanos», 1416.

<sup>24</sup> Cf. Aletti, «Romanos», 1417.

<sup>25</sup> Bento XVI, *Paulo, o Apóstolo dos Gentios*, 35.

há temas paulinos importantes que estão presentes noutras cartas de Paulo e que se encontram aqui ausentes, como «a Eucaristia, a Igreja, a Ressurreição, os ministérios».<sup>26</sup> Os conteúdos teológicos mais comuns na Carta aos Romanos são aqueles que relacionam «pecado-graça, justiça-Lei, bem-mal, Lei-fé, Israel-pagãos».<sup>27</sup>

Agora, irei apresentar brevemente os conteúdos principais que são apresentados em cada uma das partes da Carta aos Romanos, tendo em conta a estrutura geral que apresentei anteriormente. Assim, no *praescriptum* (Rom 1,1-7) é apresentado o remetente com as suas qualificações: «Paulo, servo de Cristo Jesus, chamado para ser Apóstolo, escolhido para anunciar o Evangelho de Deus». Depois, é descrito resumidamente conteúdo do Evangelho (Rom 1,2-6). A seguir, Paulo refere os destinatários, «a vós todos que estais em Roma» (Rom 1,7a) e termina com uma saudação (Rom 1,7b).

No *exordium* (Rom 1,8-17), Paulo, em primeiro lugar, faz uma oração de ação de graças (Rom 1,8-15), que constitui a típica captação da benevolência da sua audiência. Depois, ele apresenta a *propositio* principal (Rom 1,16-17), na qual expõe o Evangelho como a poderosa fonte de salvação para todos os que creem e no qual se revela a justiça de Deus.

A *probatio* (Rom 1,18-11,36) divide-se em três partes distintas. A primeira parte (Rom 1,18-4,25), por sua vez, divide-se em dois blocos (Rom 1,18-3,20 e 3,21-4,25). No primeiro, Paulo faz uma reflexão, juntamente com o judaísmo, sobre as formas da retribuição divina. Ele chega à conclusão que, sem o Evangelho, a ira de Deus se manifesta igualmente para todos os seres humanos, gentios e judeus. No segundo bloco é-nos apresentada a doutrina da justificação pela fé, sem as obras da lei mosaica, segundo a qual a justiça de Deus se manifesta em Jesus Cristo e pode ser recebida pela fé. Depois, Paulo dá o exemplo de Abraão, no AT, que foi justificado pela fé.<sup>28</sup>

Na segunda parte da *probatio* (Rom 5-8), Paulo descreve a experiência da salvação à luz da justiça de Deus, em que o amor de Deus assegura a salvação àqueles que são justificados pela fé. Nesta parte é-nos descrita a nova vida e esperança dos batizados, pois o ser em e com Cristo abre aos batizados novas possibilidades salvíficas e também éticas. Os cristãos justificados, reconciliados com Deus, serão salvos e poderão participar na vida de Cristo ressuscitado. A nova vida liberta o cristão do pecado, da morte e da Lei e é vivida no Espírito.<sup>29</sup>

A terceira parte da *probatio* (Rom 9-11) mostra-nos que a atual situação de Israel não se deve ao facto do plano divino de salvação ter falhado, nem contraria as promessas feitas por

---

<sup>26</sup> José Carlos Carvalho, *Introdução às Cartas Autor(i)ais de Paulo* (Porto: Universidade Católica Editora, 2017), 293.

<sup>27</sup> Carvalho, *Introdução às Cartas Autor(i)ais de Paulo*, 293.

<sup>28</sup> Cf. Aletti, «Romanos», 1420.

<sup>29</sup> Cf. Fitzmyer, «Carta a los Romanos», 364.

Deus a Israel. Esta situação em que se encontra atualmente Israel deve-se ao facto de Israel ter rejeitado Cristo, que é o fim da Lei. No entanto, Deus, que é sempre fiel e cujo chamamento é irrevogável, não rejeitou o Seu povo. Deus que, aproveitou a rejeição de Israel para mostrar misericórdia às nações, salvará o Seu povo.

A *exortatio* (Rom 12,1-15,13) descreve a vida moral de acordo com o Evangelho. Os cristãos, tendo sido justificados pela fé, podem transformar a sua vida numa oferenda agradável a Deus, num culto dado a Deus no Espírito. A vida moral dos cristãos resulta da obra redentora de Cristo e deve dar testemunho da força do Evangelho.<sup>30</sup> Deste modo, o amor ao próximo torna-se no cumprimento pleno da Lei. Os fortes são chamados à caridade com os mais fracos e todos são chamados ao acolhimento recíproco segundo o exemplo de Jesus Cristo.

Na *peroratio* (Rom 15,14-21) Paulo relembra a graça que lhe foi concedida de ser um ministro de Jesus Cristo entre os gentios e justifica a sua carta pelo facto de ter recebido a sua vocação de anunciar o Evangelho entre as nações.

No *postscriptum* (Rom 15,22-16,27), Paulo dá notícias, anunciando os seus planos de viagem (Rom 15,22-33); recomenda Febe e envia saudações para aqueles que estão em Roma (Rom 16,1-16); deixa um aviso de cautela contra aqueles que provocam divisões e escândalos contra a doutrina cristã (Rom 16,17-20); envia saudações dos seus colaboradores (Rom 16,21-23) e termina com uma doxologia (Rom 16,25-27).

## 1.2. A fidelidade de Deus no Antigo Testamento

O substantivo fé traduz o substantivo grego πίστις (*pístis*) e o verbo acreditar traduz o verbo grego πιστεύειν (*pisteúein*)<sup>31</sup>. Para podermos compreender o conceito de fé no Novo Testamento (NT), é necessário, em primeiro lugar, ir ao conceito de fé que é descrito no AT, uma vez que no NT o uso da palavra πίστις engloba o significado veterotestamentário de fé, obediência, confiança, esperança, fidelidade.<sup>32</sup>

O ser humano pode confiar em Deus porque Ele é o único que é digno de confiança. Deus é sempre fiel, mesmo quando nós somos infiéis. A fé como confiança em Deus encontra-se particularmente nos escritos paulinos, onde há «um regresso do uso de πίστις como confiança, encontrando tal aceção quando Paulo descreve a fé de Abraão como confiança na potência miraculosa de Deus (Rom 4,17-20)».<sup>33</sup>

---

<sup>30</sup> Cf. Aletti, «Romanos», 1457.

<sup>31</sup> Cf. Dieter Lührmann, «Faith», em *The Anchor Bible Dictionary*, ed. David Noel Freedman, vol. 2 (New York: Doubleday, 1992), 749.

<sup>32</sup> Cf. Rudolf Bultmann, «πιστεύω/pisteuō, πίστις/pístis», em *Grande Lessico del Nuovo Testamento*, ed. Gerhard Kittel e Gerhard Friedrich, vol. X (Brescia: Paidea, 1975), 338.

<sup>33</sup> Rudolf Bultmann, «πιστεύω/pisteuō, πίστις/pístis», 425-426.

### 1.2.1. O conceito veterotestamentário da fé

Para compreender melhor o significado da fidelidade de Deus no Antigo Testamento e da resposta de fé que é pedida ao ser humano, vou começar por fazer uma análise do conceito da fé no Antigo Testamento.

Na Septuaginta (LXX), o substantivo πίστις significa lealdade (por exemplo: Dt 32,20), fé, confiança em alguém (por exemplo: Hab 2,4).<sup>34</sup> O verbo πιστεύειν significa colocar a confiança em, acreditar (por exemplo: Gen 15,6), admitir a veracidade de (por exemplo: Sl 26,13), confiar (por exemplo: Sb 14,5).<sup>35</sup>

Nos LXX, a palavra πίστις aparece 57 vezes<sup>36</sup> e traduz as palavras hebraicas: אֱמֻנָה ('*ēmûn*), que aparece 8 vezes<sup>37</sup> no AT e que significa fidelidade, fidedignidade<sup>38</sup>; אֱמֻנָה ('*mûnāh*), que aparece 49 vezes<sup>39</sup> no AT e que tem o significado de firmeza, fidedignidade, fidelidade<sup>40</sup>; אֱמָנָה ('*mānāh*), que surge 4 vezes<sup>41</sup> no AT e que significa confiança, fidedignidade<sup>42</sup>; e אֱמֶת ('*meth*), que surge 127 vezes<sup>43</sup> no AT e que tem o significado de confiança, segurança, fidedignidade, fidelidade, constância, estabilidade, verdade, sinceridade, honestidade, genuinidade.<sup>44</sup> Na versão dos LXX a palavra πιστεύειν aparece 92 vezes<sup>45</sup> e traduz a palavra hebraica אָמַן ('*āman*), que aparece 100 vezes<sup>46</sup> no AT, na forma niphil (*ne'eman*), que significa provar ser firme, de confiança, fiel, ser estável, suportar, aguentar<sup>47</sup>; e na forma hiphil (*he'emin*), que significa acreditar, considerar algo como fidedigno, acreditar em, confiar

---

<sup>34</sup> Cf. Takamitsu Muraoka, *A Greek-English Lexicon of the Septuaginta* (Louvain: Peeters, 2009), 559.

<sup>35</sup> Cf. Muraoka, *A Greek-English Lexicon of the Septuaginta*, 559.

<sup>36</sup> Cf. Edwin Hatch e Henry A. Redpath, *A concordance to the Septuagint and the other Greek versions of the Old Testament*, 2ª ed. (Grand Rapids: Baker Books, 1998), 1138.

<sup>37</sup> Cf. Abraham Even-Shoshan, (ed.), *A new concordance of the Bible: thesaurus of the language of the Bible Hebrew and Aramaic roots, words, proper names, phrases and synonyms* (Jerusalem: Kiryat Sefer Publishing House Ltd., 1996), 83.

<sup>38</sup> Cf. Ludwig Koehler e Walter Baumgartner, *The Hebrew and Aramaic Lexicon of the Old Testament*, vol. I, trad. M. E. J. Richardson (Leiden: Brill, 2001), 62.

<sup>39</sup> Cf. Even-Shoshan, *A new concordance of the Bible*, 83.

<sup>40</sup> Cf. Koehler e Baumgartner, *The Hebrew and Aramaic Lexicon of the Old Testament*, 62.

<sup>41</sup> Cf. Even-Shoshan, *A new concordance of the Bible*, 84.

<sup>42</sup> Cf. Koehler e Baumgartner, *The Hebrew and Aramaic Lexicon of the Old Testament*, 64.

<sup>43</sup> Cf. Even-Shoshan, *A new concordance of the Bible*, 92-93.

<sup>44</sup> Cf. David J. A. Clines (ed.), *The Dictionary of Classical Hebrew* (Sheffield: Sheffield Academic Press, 1993), 328-331.

<sup>45</sup> Cf. Hatch e Redpath, *A concordance to the Septuagint and the other Greek versions of the Old Testament*, 1137-1138.

<sup>46</sup> Cf. Even-Shoshan, *A new concordance of the Bible*, 83-84.

<sup>47</sup> Cf. Koehler e Baumgartner, *The Hebrew and Aramaic Lexicon of the Old Testament*, 63-64.

em, acreditar em<sup>48</sup>; e traduz apenas uma vez, em Jer 25,8,<sup>49</sup> a palavra hebraica שָׁמָע (šāma'), cujo significado é escutar.<sup>50</sup>

O substantivo *ʾemeth* consiste na confiança, segurança, fidelidade e verdade de Deus que determinam a Sua natureza e pertencem à Sua divindade. Estas características de Deus permitem ao ser humano que seja seguro confiar em Deus e procurar Nele a Sua proteção, pois «a Sua fidelidade (*ʾemeth*) é escudo e couraça» (Sl 91,4). *ʾemeth* também deveria determinar as ações dos homens, sobretudo no seu comportamento diante de Deus. No entanto, apesar destas características inerentes à palavra *ʾemeth* serem necessárias para os homens, devido à sua fragilidade, eles muitas vezes não as possuem.<sup>51</sup> Só Deus é que é sempre fiel. No Salmo 89, o salmista afirma, referindo-se a Deus: «O amor e a fidelidade (*ʾemeth*) caminham à Tua frente» (Sl 89,15). Deus é aquele que é «cheio de bondade e de fidelidade (*ʾemeth*)» (Ex 34,6).<sup>52</sup>

O substantivo *ʾemūnāh* é usado para se referir a Deus principalmente em passagens bíblicas de origem exílica ou pós-exílica.<sup>53</sup> Enquanto *ʾemeth* se refere mais frequentemente às palavras e obras de Deus nas quais os homens podem confiar, o substantivo *ʾemūnāh* refere-se sobretudo à conduta de Deus, correspondente à Sua natureza divina. O Salmo 33 diz que «as Suas obras nascem da *ʾemūnāh*» (Sl 33,4), ou seja, da Sua constante fidelidade característica da Sua natureza. A fidelidade (*ʾemūnāh*) de Deus estende-se a todas as gerações (Sl 100,5; 119,90).<sup>54</sup> A fidelidade de Deus, que é uma característica da Sua divindade, permite-nos, por um lado, chamá-Lo com confiança em tempos de angústia e, por outro, louvá-Lo pelas maravilhas que Ele realiza. Na Bíblia Hebraica (BH), em Hab 2,4 aparece que «o justo viverá pela sua fidelidade (*ʾemūnāh*)». *ʾemūnāh* refere-se aqui à fidelidade do homem justo. Mais tarde, nos LXX, a passagem bíblica de Hab 2,4 aparece da seguinte forma: «pela Minha fidelidade o justo viverá», referindo-se aqui à fidelidade de Deus. Deste modo, a vida do justo depende primeiramente da fidelidade de Deus e já não da sua própria fidelidade.<sup>55</sup>

A forma verbal niph'al (*ne'eman*) aparece para se referir ao próprio Deus, por exemplo em Dt 7,9, em que Deus é o Deus fiel, Aquele que mantém a aliança de geração em geração; ou no segundo cântico de Servo de Javé, no qual Deus é fiel e por isso manterá as Suas

---

<sup>48</sup> Cf. Koehler e Baumgartner, *The Hebrew and Aramaic Lexicon of the Old Testament*, 64.

<sup>49</sup> Cf. Hatch e Redpath, *A concordance to the Septuagint and the other Greek versions of the Old Testament*, 1138.

<sup>50</sup> Cf. Ludwig Koehler e Walter Baumgartner, *The Hebrew and Aramaic Lexicon of the Old Testament*, vol. II, trad. M. E. J. Richardson (Leiden: Brill, 2001), 1571.

<sup>51</sup> Cf. G. Johannes Botterweck e Helmer Ringgren, *Theological Dictionary of the Old Testament*, vol. I, trad. John T. Willis (Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Company, 2011), 316.

<sup>52</sup> Cf. Botterweck e Ringgren, *Theological Dictionary of the Old Testament*, 313.

<sup>53</sup> Cf. Botterweck e Ringgren, *Theological Dictionary of the Old Testament*, 319.

<sup>54</sup> Cf. Botterweck e Ringgren, *Theological Dictionary of the Old Testament*, 320.

<sup>55</sup> Cf. Botterweck e Ringgren, *Theological Dictionary of the Old Testament*, 318-319.

promessas ao Servo escolhido (Is 49,7). A forma niphil também se pode referir à eficácia real da palavra de Deus (cf. 1 Re 8,26; Is 55,3), aos mandamentos (cf. Sl 111,7) e à Lei (cf. Sl 19,8).<sup>56</sup>

A forma verbal hiphil (*he'emin*), quando é utilizada para se referir a Deus, adquire o significado de acreditar firmemente que Deus é Deus e pode cumprir as Suas promessas e contém a ideia da exclusividade da relação com Deus. Já o contrário de crer corresponde a apostatar, abandonar Deus.<sup>57</sup> Podemos destacar duas passagens bíblicas importantes em que é usado este verbo: Gen 15,6 e Is 7,9. Em Gen 15,6, Abraão acreditou na promessa feita pelo Senhor de que os seus descendentes seriam tão numerosos como as estrelas do céu. Abraão tomou seriamente a promessa divina, confiou em Deus sem duvidar, mesmo contra todas as aparências, e acreditou que Deus é capaz de cumprir a Sua promessa. Deste modo, o Senhor julgou-o justo por causa da sua fé. Em Is 7,9, o profeta Isaías diz ao rei Acaz: «Se não acreditardes, não subsistireis». O rei Acaz encontra-se numa situação difícil, na qual os exércitos aliados da Síria e Israel se preparam para combater contra Judá e Jerusalém. Mas Deus envia o profeta Isaías ao rei Acaz para lhe dizer que ele não tema e fique tranquilo. Não há razão para isso, uma vez que a promessa de Deus é firme. A casa de David tem estabilidade na medida em que se firmar na promessa divina e agir com base nesta segurança. Só se Acaz acreditar e se manter seguro na promessa de Deus, apenas nesta fé, é que Acaz poderá decidir corretamente o que fazer naquele momento.

Todas estas palavras que foram analisadas anteriormente derivam da raiz מְנָה ('*mn*), cujo significado básico é ser constante, digno de confiança. Estas palavras possuem normalmente uma conotação negativa quando se referem aos homens, mas quando se referem a Deus têm sempre uma conotação positiva. Deste modo, as palavras derivadas da raiz '*mn* são muito relevantes para o estudo da teologia e da antropologia do AT.<sup>58</sup> Podemos dizer que «Deus é e tem <sup>e</sup>*meth*, Ele age em <sup>e</sup>*mûnāh*, a Sua palavra é *ne'eman*, e, portanto, pede *he'emin*».<sup>59</sup>

A raiz '*mn* teve uma grande influência na compreensão de πίστις no NT. Como já vimos anteriormente, nos LXX, πίστις e πιστεύειν traduzem quase exclusivamente palavras derivadas da raiz '*mn*, com exceção de Jer 25,8. No entanto, '*mn* não teve tanta importância no AT como πίστις tem no NT para designar a relação do homem com Deus.<sup>60</sup> Podemos concluir que «os LXX e o NT foram justamente buscar os termos relativos à fé e ao crer à raiz

---

<sup>56</sup> Cf. Rudolf Bultmann, «πιστεύω/pisteuō, πίστις/pístis», 367.

<sup>57</sup> Cf. Rudolf Bultmann, «πιστεύω/pisteuō, πίστις/pístis», 375.

<sup>58</sup> Cf. Botterweck e Ringgren, *Theological Dictionary of the Old Testament*, 322-323.

<sup>59</sup> Botterweck e Ringgren, *Theological Dictionary of the Old Testament*, 323.

<sup>60</sup> Cf. Gerhard Barth, «πίστις/pístis», em *Diccionario Exegetico del Nuevo Testamento*, ed. Horst Balz e Gerhard Schneider, vol. II (Salamanca: Ediciones Sigueme, 1998), 944-945.

veterotestamentária *'mn*, já que é no uso desta raiz que se manifesta o aspeto particular e também o mais profundo do conceito de fé do AT». <sup>61</sup>

### 1.2.2. A fidelidade divina na história da salvação ao longo do Antigo Testamento

Após ter feito uma análise do conceito da fé no AT, passarei agora a descrever brevemente como a fidelidade de Deus e a resposta da fé do Seu povo escolhido se apresentam ao longo da história da salvação no AT.

No AT, a fé consiste em apoiar-se somente em Deus, confiar nas Suas promessas, abandonar-se à Sua palavra salvadora, pois Javé é o Senhor que conduz a história e que estabelece a Sua aliança com os patriarcas e, mais tarde, com Israel, o Seu povo escolhido. <sup>62</sup> Deus vai estabelecendo um plano salvífico, ao qual os homens devem responder pela fé. Seguindo o exemplo de Abraão, que é considerado o «pai de todos aqueles que creem» (Rom 4, 11), houve várias personagens do AT que viveram e morreram na fé (cf. Heb 11). Tomando como exemplo o povo de Israel, podemos afirmar que «a luz trazida pela fé está ligada com a narração concreta da vida, com a grata lembrança dos benefícios de Deus e com o progressivo cumprimento das Suas promessas» (*Lumen Fidei* 12). Abraão responde às iniciativas de Javé com confiança, esperança e obediência; Moisés, pela sua obediência ao plano de Deus, torna-se no libertador do seu povo; os profetas aceitam os desígnios de Deus, confiando firmemente Nele, e tornam-se assim nos consoladores de Israel. <sup>63</sup> Podemos assim afirmar que:

segundo o testemunho bíblico, o homem só obtém o terreno firme debaixo dos pés, no momento em que se entrega todo a Deus. Enquanto que no homem é impossível confiar – *omnis homo mendax*, Javé é a fidelidade em pessoa, abrindo ao homem, por meio da Sua Aliança, um firme espaço vital. Segundo a compreensão veterotestamentária, crer significa dizer «ámen» a Deus, radicar a existência inteira em Javé. <sup>64</sup>

Deus chamou Abraão, cujo pai servia a outros deuses na Caldeia (cf. Jos 24, 2), e prometeu fazer dele uma grande nação e abençoá-lo (Gen 12, 1-3), estabelecendo, depois, com ele uma aliança, que liga Deus, e não Abraão, à promessa (Gen 15, 7-21). <sup>65</sup> Deus promete a Abraão uma descendência tão numerosa como as estrelas do céu e Abraão, apesar de já ser

---

<sup>61</sup> Rudolf Bultmann, «πιστεύω/pisteuō, πίστις/pístis», 398.

<sup>62</sup> Cf. Gilles Langevin, «Fe», em *Diccionario de Teología Fundamental*, ed. René Latourelle e Rino Fisichella (Madrid: Ediciones Paulinas, 1992), 472.

<sup>63</sup> Cf. Wolfgang Beinert, «Fe», em *Diccionario de Teología Dogmática*, ed. Wolfgang Beinert (Barcelona: Editorial Herder, 1990), 62.

<sup>64</sup> Walter Kasper, *Introdução à Fé* (Porto: Livraria Telos Editora, 1973), 81.

<sup>65</sup> Cf. John Reumann, «Faith», em *Eerdmans Dictionary of the Bible*, ed. David Noel Freedman (Grand Rapids, Cambridge: William B. Eerdmans Publishing Company, 2000), 453.

idoso e da sua mulher Sara ser idosa e estéril, acreditou em Deus e a sua fé foi-lhe atribuída como justiça (Gen 15,6). Assim, quando chegou o dia da provação, Abraão esteve disposto a sacrificar o seu filho Isaac, pois acreditava que Deus é fiel e iria providenciar (cf. Gen 22). Abraão é o protótipo de todos os crentes (cf. Sir 44, 19-21). A promessa feita por Javé a Abraão irá cumprir-se com a ressurreição de Jesus Cristo, descendente de Abraão (cf. Rom 4, 18-25; Gal 3, 16), e Abraão tornar-se-á então o «pai de muitos de povos» (Rom 4, 17-18, Gen 17, 5), ou seja, de todos aqueles que «acreditam naquele que ressuscitou dos mortos, Jesus, nosso Senhor» (Rom 4, 24).<sup>66</sup>

No livro do Êxodo, a história do povo de Israel segue as pegadas da fé de Abraão. O Deus de Abraão, de Isaac e de Jacob viu o Seu povo que se encontrava escravo no Egito (Ex 3, 16). Na fé de Israel destaca-se a figura de Moisés, o mediador. Deus chamou Moisés, revelou-lhe o Seu nome, «Eu Sou Aquele que Sou» (Ex 3,14), e prometeu estar com ele para conduzir Israel à terra prometida (cf. Ex 3, 1-15). Moisés respondeu à iniciativa divina pela fé (cf. Heb 11, 23-29), apesar das suas fragilidades ao longo do caminho (cf. Nm 20, 1-12). Moisés, como mediador, comunicou o plano de Deus ao Seu povo. Deus confirmou com milagres e prodígios a origem divina da sua missão.<sup>67</sup> Pela fé, Moisés saiu do Egito com o seu povo, atravessou o Mar Vermelho e caminhou pelo deserto em direção à terra prometida. No monte Sinai, Deus estabeleceu uma aliança com o Seu povo (cf. Ex 19). É Moisés que fala com Javé no Sinai e comunica ao povo a vontade de Deus. Assim, «com esta presença do mediador, Israel aprendeu a caminhar unido. O ato de fé do indivíduo insere-se numa comunidade» (*Lumen Fidei* 14). Enquanto Moisés fala com Deus no Sinai, o povo não suporta o tempo de espera e adora um bezerro de ouro (cf. Ex 32). Aqui aparece a idolatria, que é o contrário da fé. Pela sua natureza, a fé implica a renúncia à posse imediata que a visão parece oferecer e, na medida em que está ligada à conversão, a fé implica ainda a separação dos ídolos para voltar ao Deus vivo (cf. *Lumen Fidei* 13). A fé é um caminho longo que o povo de Israel tem de percorrer no deserto, onde ele precisa de aprender a confiar e a depender somente de Deus, antes de poder entrar na terra prometida. O povo de Israel, quando professa a sua fé, narra os benefícios de Deus, do modo como Ele atuou para o libertar e conduzir até à terra prometida (cf. Dt 26, 5-9). Esta narração é transmitida de geração em geração (cf. *Lumen Fidei* 12).

A história da salvação no AT pode ser vista como uma história da fidelidade de Deus e da resposta de fé do Seu povo, apesar das suas várias infidelidades ao longo do caminho. Mas a fidelidade do Senhor permanece para sempre e Ele não desiste do Seu povo eleito. Deste

---

<sup>66</sup> Cf. Jean Duplacy, «Fé», em *Vocabulário de Teologia Bíblica*, ed. Xavier Léon-Dufour. 12ª ed. (Petrópolis: Editora Vozes, 2017), 345.

<sup>67</sup> Cf. Jean Duplacy, «Fé», 346.

modo, desde a entrada na terra prometida até aos profetas, pode resumir-se a história da salvação da seguinte forma, tal como descreve a Carta aos Hebreus:

«Pela fé, as muralhas de Jericó caíram, depois do cerco de sete dias. Foi pela fé que Raab, a prostituta, não pereceu com os incrédulos, por ter acolhido pacificamente os espiões. Que mais devo dizer? Não teria tempo de falar com pormenores de Gedeão, Barac, Sansão, Jefté, David, Samuel e os profetas. Estes, pela fé, conquistaram reinos, exerceram a justiça, viram realizar-se as promessas, amordaçaram a boca de leões, extinguiram o poder do fogo, escaparam do fio da espada, recobram a saúde na doença, mostraram-se valentes na guerra, repeliram os exércitos estrangeiros». (Heb 11, 30-34)

Na terra prometida, Israel passou por várias dificuldades até ao exílio, as quais foram uma dura prova para a sua fé. Houve diversas tentações que punham em perigo a fé deste povo. Estas foram denunciadas pelos profetas, como é o caso da idolatria (cf. Os 2, 7-15), que impedia a fé no único Deus verdadeiro; o formalismo cultural (cf. Jer 7, 22-23), que limitava as exigências da fé; ou a procura da salvação pela força das armas (cf. Is 31, 1-3). Entre estes profetas, destaca-se Isaías. Ele chamou o rei Acáz do temor à confiança tranquila em Javé (cf. Is 7, 4-9), pois Ele manterá as Suas promessas à casa de David (cf. 2 Sm 7). O profeta Isaías também incentiva o rei Ezequias a permanecer na fé em Javé, o único que poderá salvar Jerusalém (cf. 2 Re 18-20). Quando Jerusalém foi tomada e o povo de Israel foi para o exílio, a sua fé foi ameaçada, na medida em que o povo poderia pensar que a impotência de Javé era a causa da sua desgraça e poderia voltar-se para os deuses da Babilónia.<sup>68</sup>

O Deus fiel não podia deixar de cumprir as Suas promessas. O problema foi que o povo de Israel não escutou os profetas que o chamava à fé e a escutar as palavras do Senhor (cf. Jer 29, 19). No futuro, Deus concederá a fé ao Israel da Nova Aliança, dando-lhe um coração novo (Ez 36, 26) e assim poderá passar do endurecimento do coração (cf. Is 6, 9-10) à fé (cf. Rom 10, 9-10). Para os profetas, o futuro povo de Israel será constituído por pequenas comunidades, um povo de pobres unidos na mesma fé em Deus (cf. Mq 5, 6-7; Sf 3, 12-13). Desta forma, este resto de Israel, congregado pela fé, poderá abrir as suas portas às nações, as quais, também pela fé, irão descobrir o único Deus verdadeiro (Is 43, 10).<sup>69</sup>

Os sábios de Israel, tal como os profetas, sabiam que apenas deviam colocar a sua esperança em Javé para serem salvos (Pr 20, 22). Tal como Job, somos chamados a confiar totalmente em Deus (cf. Job 19, 25-26), pois Ele é onipotente e nada Lhe é impossível (Job 42, 2). No saltério encontramos vários salmos que proclamam a fé e a confiança de Israel em

---

<sup>68</sup> Cf. Jean Duplacy, «Fé», 346.

<sup>69</sup> Cf. Jean Duplacy, «Fé», 348.

Javé (por exemplo: Sl 3; 4; 11; 16; 23; 27; 62; 115; 121; 125; 129; 131). No século II a.C., no tempo do domínio selêucida, Israel sofreu uma violenta perseguição religiosa que causou o martírio de muitos (cf. 1 Mac 1,62-64; 2,29-38). No entanto, a fé dos mártires não vacilou, esperando da fidelidade de Deus a ressurreição (cf. 2 Mac 7).<sup>70</sup>

### 1.3. O conceito de fé nas cartas de Paulo

No NT, πίστις significa fé, confiança, fidelidade.<sup>71</sup> πίστις é o principal conceito teológico do NT utilizado para designar a reta relação com Deus. Por um lado, existe uma certa continuidade entre o conceito de fé no AT e no NT, pois a palavra πίστις abrange o significado veterotestamentário de fé, obediência, confiança, esperança, fidelidade.<sup>72</sup> Mas por outro lado, houve um desenvolvimento posterior.<sup>73</sup> No NT verifica-se uma centralização cristológica da fé, isto é, a fé neotestamentária está indissolúvelmente ligada a Jesus Cristo.<sup>74</sup>

Em todo o NT, o substantivo πίστις e o verbo πιστεύειν aparecem 243 e 244 vezes, respetivamente.<sup>75</sup> As Cartas de São Paulo ao Colossenses e a Filémon, a Segunda Carta de São Pedro e o Livro do Apocalipse utilizam apenas o substantivo πίστις. O Evangelho de São João usa somente o verbo πιστεύειν. A Segunda e Terceira Cartas de São João não utilizam nenhum destes dois termos.<sup>76</sup> No *Corpus paulinum*, o substantivo πίστις aparece 142 vezes e o verbo πιστεύω aparece 54 vezes.<sup>77</sup>

**Quadro 2.** Ocorrência do substantivo πίστις e do verbo πιστεύω no *Corpus paulinum*.

πίστις			πιστεύω		
Carta	Ocorrências	Total	Carta	Ocorrências	Total
Rom	1,5.8.12.17(3x); 3,3.22.25.26.27.28.30(2x).31; 4,5.9.11.12.13.14.16(2x).19.20; 5,1.2; 9,30.32; 10,6.8.17; 11,20; 12,3.6; 14,1.22.23(2x); 16,26	40	Rom	1,16; 3,2.22; 4,3.5.11.17.18.24; 6,8; 9,33; 10,4.9.10.11.14(2x).16; 13,11; 14,2; 15,13	21

<sup>70</sup> Cf. Jean Duplacy, «Fé», 348.

<sup>71</sup> Cf. William F. Arndt e F. Wilbur Gingrich, *A Greek-English Lexicon of the New Testament and other Early Christian Literature* (Chicago: The University of Chicago Press, 1957), 668.

<sup>72</sup> Cf. Rudolf Bultmann, «πιστεύω/pisteuō, πίστις/pístis», 338.

<sup>73</sup> Cf. Gerhard Barth, «πίστις/pístis», 945.

<sup>74</sup> Cf. Gerhard Barth, «πίστις/pístis», 948.

<sup>75</sup> Cf. Marshall, *Concordance to the Greek New Testament*, 884-890.

<sup>76</sup> Cf. Gerhard Barth, «πίστις/pístis», 944.

<sup>77</sup> Cf. Marshall, *Concordance to the Greek New Testament*, 886-889.

1 Cor	2,5; 12,9; 13,2.13; 15,14.17; 16,13	7	1 Cor	1,21; 3,5; 9,17; 11,18; 13,7; 14,22(2x); 15,2.11	9
2 Cor	1,24(2x); 4,13; 5,7; 8,7; 10,15; 13,5	7	2 Cor	4,13(2x)	2
Gal	1,23; 2,16(2x).20; 3,2.5.7.8.9.11.12.14.22.23(2x).24.25.26; 5,5.6.22; 6,10	22	Gal	2,7.16; 3,6.22	4
Ef	1,15; 2,8; 3,12.17; 4,5.13; 6,16.23	8	Ef	1,13.19	2
Flp	1,25.27; 2,17; 3,9(2x)	5	Flp	1,29	1
Col	1,4.23; 2,5.7.12	5	Col	_____	0
1 Tes	1,3.8; 3,2.5.6.7.10; 5,8	8	1 Tes	1,7; 2,4.10.13; 4,14	5
2 Tes	1,3.4.11; 2,13; 3,2	5	2 Tes	1,10(2x); 2,11.12	4
1 Tim	1,2.4.5; 1,14.19(2x); 2,7.15; 3,9.13; 4,1.6.12; 5,8.12; 6,10.11.12.21	19	1 Tim	1,11.16; 3,16	3
2 Tim	1,5.13; 2,18.22; 3,8.10.15; 4,7	8	2 Tim	1,12	1
Tit	1,1.4.13; 2,2.10; 3,15	6	Tit	1,3; 3,8	2
Flm	v. 5.6	2	Flm	_____	0
<b>Total</b>		<b>142</b>	<b>Total</b>		<b>54</b>

Nas cartas de Paulo podemos verificar que o conceito de fé, geralmente, significa a fé fiducial, isto é, o ato de confiança e não se trata, pois, da fé teológica ou da fé ortoprática.<sup>78</sup> Para Paulo, o conceito de fé/acreditar (πίστις/πιστεύειν) é um conceito fundamental para o seu pensamento teológico.<sup>79</sup> Paulo vai assumir o significado cristão geral da fé como a aceitação do *kerygma*, isto é, a aceitação da mensagem sobre a ação salvífica de Deus em Cristo, que é a proclamação apostólica de Jesus crucificado e ressuscitado.<sup>80</sup>

Nas cartas paulinas, a fé consiste em aceitar a boa notícia da salvação (cf. Rom 1,16-17; 10,17; 1 Cor 2,4-5; 15,1-2). Na morte e ressurreição de Jesus revelou-se a ação salvadora de Deus, na qual, pela fé, podemos firmemente confiar (Rom 5,2). A fé consiste na firme convicção de que Deus é fiel a todas as Suas promessas e é poderoso para as poder realizar. Ele ama-nos e demonstrou o Seu amor para conosco enviando o Seu Filho, Jesus Cristo, para nos libertar do pecado pelo Seu sangue derramado na cruz. Como Deus ressuscitou Jesus, também

<sup>78</sup> Cf. Carvalho, *Introdução às Cartas Autor(i)ais de Paulo*, 169.

<sup>79</sup> Cf. Gerhard Barth, «πίστις/pístis», 953.

<sup>80</sup> Cf. John Reumann, «Faith», 453.

há de ressuscitar aqueles que Nele acreditam (cf. Rom 3,25-26; 4,24-25; 1 Tes 1,8-10; 4,14).<sup>81</sup> Deste modo, para Paulo, a fé consiste sempre na fé em Jesus Cristo. Assim, em Paulo, a sua centralização cristológica da fé deveu-se a um acontecimento fundamental que deu um novo rumo decisivo à história da salvação: a morte na cruz e a ressurreição de Cristo. Devido a este acontecimento, o NT não é apenas uma continuação do AT, mas torna-se, de facto, como Novo Testamento.<sup>82</sup>

A fé vem pela escuta da palavra de Deus (Rom 10,17), que consiste na pregação da ação salvífica de Deus em Cristo. Este escutar é conduzido pelo Espírito (cf. 1 Cor 2,4-5), que nos dá testemunho que somos filhos de Deus (Rom 8,16). A fé, como é baseada na palavra, exclui a visão e realiza-se na obediência à palavra (Rom 10,16; 2 Cor 9,13).<sup>83</sup> Como a fé que salva surge da escuta do *kerygma* (1 Cor 1,21), ela não pode assumir uma conceção individualista ou privada, nem pode ser uma opinião subjetiva. Por isso, para que outros recebam a fé, ela precisa de ser tornar no anúncio do Evangelho, pois «como hão de acreditar n'Aquele de quem não ouviram falar? E como hão de ouvir falar, sem alguém que O anuncie?» (Rom 10, 14) (cf. *Lumen Fidei* 22). Podemos assim afirmar que: «São Paulo usará uma fórmula que se tornou clássica: “*fides ex auditu*” (a fé vem da escuta) (Rom 10,17). O conhecimento associado à palavra é sempre conhecimento pessoal, que reconhece a voz, abre-se-lhe livremente e segue-a obedientemente. Por isso, São Paulo falou da “obediência da fé” (cf. Rom 1,5; 16,26)» (*Lumen Fidei* 29).

No princípio e no final da Carta aos Romanos, Paulo utiliza a expressão «ὕπακοήν πίστεως» (*hypakoén pisteos*) (Rom 1,5; 16,26), a qual geralmente é traduzida como «obediência da fé», mas *hypakoén* literalmente tem o significado de «escuta sob». Deste modo, para Paulo, a fé tem origem na escuta da palavra de Deus, que leva a pessoa a comprometer totalmente a sua vida com Cristo. Em Rom 10,9, Paulo afirma que «se confessares com a tua boca que Jesus é o Senhor e acreditares no teu coração que Deus O ressuscitou dentre os mortos, serás salvo». No entanto, a fé não consiste simplesmente em afirmar que a proposição «Jesus é o Senhor» é verdadeira, mas a fé é sobretudo um compromisso de toda a pessoa com Cristo, que muda a vida dessa pessoa na sua relação com Deus, com os outros seres humanos e com o mundo. Deste modo, Jesus Cristo torna-se verdadeiramente o Senhor da vida e da história da pessoa que acredita Nele. Quem tem fé em Cristo pode afirmar, como Paulo afirmou, que «já não sou eu que vivo, mas é Cristo que vive em mim. A minha vida presente na carne, vivo-a pela fé no

---

<sup>81</sup> Cf. P. Van Imschoot, «Fé», em *Dicionário Enciclopédico da Bíblia*, ed. A. Van Den Born (Petrópolis: Editôra Vozes Ltda., 1971), 565.

<sup>82</sup> Cf. Kasper, *Introdução à Fé*, 82.

<sup>83</sup> Cf. Max Seckler e Christoph Berchtold, «Fe», em *Diccionario de conceptos teológicos*, ed. Peter Eicher, vol I (Barcelona: Editorial Herder, 1989), 427.

Filho de Deus, que me amou e se entregou por mim» (Gal 2,20).<sup>84</sup> Para compreendermos melhor a aceitação da revelação divina pela fé, coloco aqui o que afirma a Constituição Dogmática *Dei Verbum*:

A Deus que revela é devida a «obediência da fé» (Rom 16,26; cf. Rom. 1,5; 2 Cor 10, 5-6); pela fé, o homem entrega-se total e livremente a Deus oferecendo a Deus revelador o obséquio pleno da inteligência e da vontade e prestando voluntário assentimento à Sua revelação. Para prestar esta adesão da fé, são necessários a prévia e concomitante ajuda da graça divina e os interiores auxílios do Espírito Santo, o qual move e converte a Deus o coração, abre os olhos do entendimento, e dá a todos a suavidade em aceitar e crer a verdade. Para que a compreensão da revelação seja sempre mais profunda, o mesmo Espírito Santo aperfeiçoa sem cessar a fé mediante os Seus dons (DV 5).

A principal novidade de Paulo para o conceito de fé no NT foi relacionar a fé com a justiça e a justificação (cf. Rom 3,21-4,25; Gal 3,6-14).<sup>85</sup> Na Carta aos Gálatas e na Carta aos Romanos, utiliza-se com muito mais frequência do que nas outras cartas paulinas o tema da fé e a sua relação com o tema da justificação. Portanto, só no capítulo 3 de Gal, πίστις aparece 14 vezes e πιστεύω surge 2 vezes; enquanto em Rom 3,21-4,25, πίστις ocorre 18 vezes e πιστεύω ocorre 7 vezes. Para além disso, das 40 ocorrências de πίστις em Rom, 27 delas relacionam-se com o tema da justificação; enquanto que das 22 ocorrências de πίστις em Gal, 18 delas estão relacionadas com a doutrina da justificação.<sup>86</sup> A ênfase que Paulo colocou na justificação pela fé foi o seu modo de combater a relevância que era colocada na justificação pelas obras da Lei.

No seio das comunidades cristãs primitivas, cedo se colocou a questão sobre se os cristãos gentios se deveriam submeter à circuncisão e à observância da Lei de Moisés (cf. At 15, 5; Gal 2, 4). Paulo considera que não se deve forçar os cristãos gentios à observância da lei mosaica, uma vez que é a fé em Jesus Cristo, e não as obras da Lei, que justifica tanto os judeus como os gentios (cf. Gal 2, 15-16; Rom 3,28). Por isso, é que Paulo compreendeu que seria anunciar um outro Evangelho contrário ao anunciado pelos apóstolos (cf. Gal 1, 6-9), quando quiseram impor a circuncisão aos cristãos da Galácia (cf. Gal 5, 2; 6, 12). Esta crise deu origem à reflexão de Paulo sobre o papel da fé e da Lei na história da salvação. Assim, todos os seres humanos, quer sejam gentios ou judeus, estão sob o domínio do pecado e são culpáveis diante de Deus (cf. Rom 1, 18-3, 20). A Lei em si mesma é boa e aponta o caminho da vida, mas ninguém é capaz de cumprir plenamente a Lei pelas próprias forças. Só Jesus Cristo a cumpriu

---

<sup>84</sup> Cf. Joseph A. Fitzmyer, «Teologia paulina», em *Nuevo Comentario Bíblico San Jerónimo*, ed. Raymond E. Brown, Joseph A. Fitzmyer e Roland E. Murphy (Estella: Editorial Verbo Divino, 2004), 1213.

<sup>85</sup> Cf. John Reumann, «Faith», 453.

<sup>86</sup> Cf. James D. G. Dunn, *The Theology of Paul the Apostle* (Edinburgh: T&T Clark, 1998), 372.

plenamente. Deste modo, a Lei deu a conhecer o pecado e a morte (Rom 7, 7-10). A Lei de Moisés não anula a promessa feita a Abraão, que é anterior à Lei. (Gal 3,15-18). Ela serviu de pedagogo até chegar Jesus Cristo, ela conduziu os crentes, na sua menoridade espiritual, até à sua emancipação pela fé em Jesus Cristo (Gal 3,19-29). Assim, como Abraão, os cristãos são justificados pela fé, sem as obras da Lei (cf. Rom 4; Gal 3, 6-9).

No entanto, para evitar que se caia numa falsa concepção da fé, Paulo sabe que a fé é operativa, pois a fé deve operar pela caridade (Gal 5, 6). O que Paulo adverte é que os cristãos não se devem gloriar da sua própria justiça, nem das suas próprias obras, mas devem apoiar-se na «justiça que vem de Deus e que se apoia na fé» (Flp 3, 9).<sup>87</sup> Portanto, a fé é um dom de Deus. Paulo torna esta ideia explícita em Ef 2,8, quando afirma que «pela graça (de Cristo) fostes salvos, por meio da fé, e isso não vem de vós, é um dom de Deus». A fé é, assim, a aceitação ou a resposta do ser humano perante a iniciativa gratuita de Deus.<sup>88</sup>

Há dois textos-chave, como prova das Escrituras, para entender a compreensão de Paulo sobre a justificação pela fé e que aparecem nas Cartas aos Romanos e aos Gálatas: Hab 2,4 – Rom 1,17 e Gal 3,11; Gen 15,6 – Rom 4,3 e Gal 3,6. Para Paulo, a justiça recebe-se pela fé e a sua revelação no Evangelho orienta para a fé (Rom 1,17), ou seja, há um caminho de salvação, que foi aberto por Cristo, para todos os crentes (Rom 1,16) e que corresponde à vontade original de Deus (cf. Gal 3,15-18). Paulo vê este caminho de salvação pela fé anunciado no AT, em Hab 2,4, que, no contexto de Rom 1,17 e Gal 3,11, poderá traduzir-se como «aquele que pela fé é justo viverá». Paulo também vê o poder salvífico de Deus a atuar na fé de Abraão (Gen 15,6). A fé de Abraão consiste em agarrar-se firmemente à promessa de Deus, «que dá vida aos mortos e chama à existência as coisas que não existem» (Rom 4,17). Do mesmo modo, a fé cristã consiste em manter-se agarrado firmemente à palavra d'Aquele que ressuscitou Jesus de entre os mortos e que justifica o ímpio em Cristo (Rom 4,5.24).<sup>89</sup>

Na Carta aos Romanos, Paulo coloca a ênfase na expressão «todos os que acreditam», na qual «todos» se refere tanto aos judeus como aos gentios. Assim, o Evangelho é para «todos os que acreditam» (Rom 1,16), a justiça de Deus é «para todos os que acreditam» (Rom 3,22), Abraão é o pai de «todos os que acreditam» (4,11), «Cristo é o fim da Lei para que a justiça seja concedida a todos os que acreditam» (Rom 10,4), «todos os que acreditam Nele não ficarão frustrados» (Rom 10,11). Com isto, «Paulo pretende quebrar a pressuposição da parte dos seus irmãos judeus de que a sua posição privilegiada perante Deus envolveu algum tipo de restrição

---

<sup>87</sup> Cf. Jean Duplacy, «Fé», 352.

<sup>88</sup> Cf. Fitzmyer, «Teologia paulina», 1213.

<sup>89</sup> Cf. Gerhard Barth, «πίστις/pístis», 954.

da graça de Deus para com Israel em detrimento das outras nações».<sup>90</sup> Nesta polémica do apóstolo Paulo com os judeus acerca da justificação pela fé ou pelas obras da Lei, podemos concluir o seguinte:

Aquilo que São Paulo rejeita é a atitude de quem se quer justificar a si mesmo diante de Deus através das próprias obras; esta pessoa, mesmo quando obedece aos mandamentos, mesmo quando realiza obras boas, coloca-se a si própria no centro e não reconhece que a origem do bem é Deus. Quem atua assim, quem quer ser fonte da sua própria justiça, depressa a vê exaurir-se e descobre que não pode sequer aguentar-se na fidelidade à Lei [...] A salvação pela fé consiste em reconhecer o primado do dom de Deus, como resume São Paulo: “Porque é pela graça que estais salvos, por meio da fé. E isto não vem de vós, é dom de Deus” (Ef 2, 8)».  
(*Lumen Fidei* 19)

Na Carta de São Tiago, em Tg 2, 14-26, parece que ele vai contra a doutrina paulina da justificação pela fé. No entanto, esta polémica, na verdade, vai contra uma falsa interpretação da justificação pela fé de Paulo. Tiago evidencia que é necessário acrescentar as obras à fé (cf. Tg 2, 17.20) e que a fé se aperfeiçoa pelas obras (Tg 2, 22), caso contrário, é uma fé morta (Tg 2, 17.26). Mas esta fé a que Tiago se refere é simplesmente a fé na existência de um único Deus, que se dá também nos demónios (Tg 2,19), mas sem consequências para a conduta. Por outro lado, Paulo concebe a fé como o viver pela graça de Deus em Cristo, mas esta fé é operativa e tem consequências para o comportamento dos crentes. Por isso, não existe contradição entre as concepções de fé de Paulo e de Tiago.<sup>91</sup>

Para Paulo, as obras da Lei não são rejeitadas pelo seu conteúdo, mas pelo modo como se cumprem, ou seja, de serem feitas para se poder gloriar diante de Deus (cf. Rom 3,27; 4,1-2). Assim, a fé é «a atitude fundamental do homem desejada por Deus e tornada possível pela obra da graça de Deus em Cristo».<sup>92</sup> O fé manifesta-se por meio de obras de amor, pois «em Cristo Jesus, nem a circuncisão tem valor, nem a incircuncisão, mas apenas a fé que age pela caridade» (Gal 5,6). O ser humano com uma fé adulta, por um lado, já não está preocupado com as obras da Lei e, por outro, pode fazer tudo o que a Lei pede. A fé cristã permite ter a liberdade para servir os outros na caridade (Gal 5,13). Este amor é fruto do Espírito (Gal 5,22) e tem como origem «o amor de Deus derramado nos nossos corações pelo Espírito Santo» (Rom 5,5).<sup>93</sup> Por isso, Paulo exorta para que «Cristo habite pela fé nos vossos corações» (Ef 3, 17), pois Cristo é capaz de transformar os corações dos crentes, que pela fé se abriram a Deus.

---

<sup>90</sup> Dunn, *The Theology of Paul the Apostle*, 373.

<sup>91</sup> Cf. Gerhard Barth, «πίστις/pístis», 959.

<sup>92</sup> Rudolf Bultmann, «πιστεύω/pisteuō, πίστις/pístis», 465.

<sup>93</sup> Cf. Fitzmyer, «Teologia paulina», 1213.

O ser humano justificado pela fé pode, assim, estar em paz com Deus, graças à fidelidade e obediência de Jesus Cristo ao Pai (cf. Rom 5,1)<sup>94</sup> Na fé, os crentes têm acesso, por Cristo, à esperança de possuir em plenitude no futuro escatológico aquilo que já começam a ter nesta terra, isto é, a glória de Deus, a Sua vida comunicada por Jesus Cristo (cf. Rom 5,2).<sup>95</sup> A fé, a esperança e o amor estão estreitamente ligados e aparecem juntas em 1 Cor 13,13 e 1 Tes 1,3. A fé não só se refere ao que Deus fez em Cristo (cf. Rom 10,9), mas também ao que Deus fará em nós: «se morremos com Cristo, acreditamos que também viveremos com Ele» (Rom 6,8).

A fé não se refere somente ao momento em que uma pessoa se torna crente, mas também se refere ao ser crente, que é uma condição dinâmica. Assim, a fé não se resume apenas à aceitação do *kerygma*, mas deve lutar continuamente contra as tentações. Desta forma, Paulo fala sobre o crescimento na fé (2 Cor 10,15; Flp 1,25), a deficiência na fé (1 Tes 3,10), a abundância da fé (Rom 4,20) ou a debilidade da fé (Rom 14,1).<sup>96</sup> Ele também exorta os crentes para estarem firmes na fé (1 Cor 16,13; Flp 1,27), pois podem ser tentados (1 Tes 3,5) e devem examinar-se para ver se estão na fé (2 Cor 13,5).<sup>97</sup> Podemos assim dizer que «a fé não é, pois, uma postura fixa e inamovível, mas um caminho [...] a fé está sob a lei de todo o ser vivente: quer crescer. Parar seria, também na fé, um retrocesso que conduziria à atrofia e, finalmente, à morte da fé».<sup>98</sup>

As Cartas Pastorais (1 Tim, 2 Tim e Tit) encontram-se dentro da tradição paulina, mas evidenciam um desenvolvimento posterior. Nelas, a fé não consiste somente na aceitação da mensagem da salvífica, mas também consiste na confiança em relação a Deus (2 Tim 1,12), que nos conduz à salvação (2 Tim 3, 15) e à vida eterna (1 Tim 1,16). No âmbito da luta antignóstica, a fé consiste numa fé reta em oposição à falsa doutrina (cf. 1 Tim 1, 19; 2 Tim 2, 18; Tit 1, 13-14). O cristão pode sofrer naufrágio na fé (1 Tim 1, 19), pode apostatar da fé (1 Tim 1, 4), pode desviar-se da fé (1 Tim 6, 10.21) ou pode perverter a fé (2 Tim 2, 18). Por isso, a fé também é um combate (1 Tim 6, 12), que vai determinar toda a existência do crente e a sua conduta.<sup>99</sup>

---

<sup>94</sup> Cf. Alfonso Lozano Lozano, *Romanos 5: la vida de los justificados por la fe y su fundamento, la reconciliación por nuestro Señor Jesucristo* (Estella: Editorial Verbo Divino, 2012), 90.

<sup>95</sup> Cf. Lozano, *Romanos 5*, 105.

<sup>96</sup> Cf. Rudolf Bultmann, «πιστεύω/pisteuō, πίστις/pístis», 460.

<sup>97</sup> Cf. Rudolf Bultmann, «πιστεύω/pisteuō, πίστις/pístis», 470.

<sup>98</sup> Walter Kasper, *La fe que excede todo conocimiento* (Santander: Editorial Sal Terrae, 1988), 62.

<sup>99</sup> Cf. Gerhard Barth, «πίστις/pístis», 960.

## CAPÍTULO 2: ANÁLISE ESTRUTURAL E COMENTÁRIO DE ROM 3,21-4,25

Neste capítulo, irei realizar, num primeiro subcapítulo, uma análise do contexto literário e da estrutura do texto de Rom 3,21-4,25, que é o objeto de estudo deste trabalho, localizando-o dentro da estrutura geral da Carta de São Paulo aos Romanos e tendo em conta as técnicas exegéticas greco-romanas e judaicas utilizadas na sua redação. A seguir, num segundo subcapítulo, irei apresentar o texto de Rom 3,21-4,25 na sua versão original, em grego, e na sua tradução para português. Depois, num terceiro subcapítulo, irei realizar um comentário exegético das diversas partes do nosso texto de estudo. Por último, num quarto subcapítulo, irei sintetizar as ideias principais retiradas do comentário de Rom 3,21-4,25.

### 2.1. Contexto literário e estrutura de Rom 3,21-4,25

Dentro da estrutura geral da Carta aos Romanos, o texto de Rom 3,21-4,25 encontra-se situado na primeira parte da *probatio* (Rom 1,18-4,25) de Rom, na qual Paulo procura provar que tanto os judeus como os gentios são justificados pela fé. Por sua vez, Rom 1,18-4,25 encontra-se dividido em dois blocos: 1) Rom 1,18-3,20 e 2) Rom 3,21-4,25<sup>100</sup>. Esta hierarquia retórica pode ser esquematizada do seguinte modo<sup>101</sup>:

*Propositio* geral – Rom 1,16-17

Primeira *probatio* – Rom 1,18-4,25

Primeiro bloco – Rom 1,18-3,20

Segundo bloco – Rom 3,21-4,25

Segunda *probatio* – Rom 5,1-8,39

Etc.

Tal como já referi no primeiro capítulo deste trabalho, a Carta aos Romanos possui uma estrutura argumentativa estratificada, na qual, em cada uma das unidades argumentativas, podemos encontrar *subpropositiones* com as suas respetivas *subprobatio*s e *subperoratio*s<sup>102</sup>. Assim, estes dois blocos em que se subdivide Rom 1,18-4,25 apresentam esta estrutura estratificada. O primeiro bloco (Rom 1,18-3,20) está estruturado da seguinte forma<sup>103</sup>:

*Subpropositio* – Rom 1,18: «De facto, a ira de Deus manifesta-se, do alto do céu, contra toda a impiedade e injustiça dos homens, que mantêm a verdade prisioneira da injustiça».

---

<sup>100</sup> Cf. Aletti, «Romanos», 1420.

<sup>101</sup> Cf. Aletti, *God's justice in Romans*, 67.

<sup>102</sup> Cf. Aletti, «Romanos», 1416.

<sup>103</sup> Cf. Aletti, *God's justice in Romans*, 64.

*Subprobatio* – Rom 1,19-3,18

- Provas a partir dos factos: Rom 1,19-32
- Provas baseadas em princípios: Rom 2,1-29
- Resposta a possíveis objeções: Rom 3,1-8
- Provas baseadas na Escritura: Rom 3,9-18

*Subperoratio* – Rom 3,19-20

Na *subpropositio* (Rom 1,18), Paulo fala da ira de Deus como uma reação divina em resposta à impiedade e injustiça dos homens. Esta reação não é uma manifestação da natureza divina irascível, mas reflete antes a total incompatibilidade entre um Deus justo e santo e a injustiça e a impiedade dos homens, procurando assim destruir o mal e chamar os homens à conversão. Em Rom 1,18, é indicada a categoria de homens contra a qual a ira divina se manifesta, que são aqueles que cometem a impiedade e a injustiça. No entanto, Paulo ainda «não está a dizer que todos os homens são injustos e ímpios; a universalidade da injustiça e perversão será de facto afirmada mas apenas em Rom 3»<sup>104</sup>. Para confirmar a *subpropositio*, Paulo começa por utilizar factos do passado e do presente (Rom 1,19-32), que provam que Deus sempre reagiu contra aqueles que se recusam a reconhecê-Lo e que praticam a impiedade e a injustiça, ou seja, Deus não deixa o mal impune<sup>105</sup>. Após apresentar estes factos, Paulo apresenta os princípios da retribuição divina em Rom 2. Deus retribui de acordo com as obras (Rom 2,6), de forma imparcial, pois não faz aceção de pessoas (Rom 2,11) e olha para a intenção do coração dos homens (Rom 2,16). A partir destes princípios, Paulo apresenta as suas consequências para os judeus e para os não-judeus: se Deus julga segundo a intenção/circuncisão do coração, então a retribuição divina será igual tanto para um judeu com um coração não circuncidado, como para um não-judeu injusto. Em Rom 3, após responder a algumas objeções (Rom 3,1-8), Paulo vai provar, baseando-se na Escritura, que todos os homens, judeus e gentios, são pecadores (Rom 3,9-18). Por último, ele conclui que não existe uma exceção judaica relativamente à justificação, uma vez que todos são culpados diante de Deus e ninguém é justificado pelas obras da Lei (Rom 3,19-20)<sup>106</sup>. A lei de Moisés não tem uma função soteriológica, pois não é um meio para adquirir a justiça salvífica de Deus, mas tem uma função gnosiológica, na medida em que nos permite ter consciência do pecado.

Em Rom 1,18-3,20, Paulo pretendeu mostrar que todos os seres humanos, judeus e gentios, se encontram na mesma situação no que diz respeito à retribuição divina. Perante Deus são todos iguais, uma vez que Deus é um juiz imparcial. Mas esta imparcialidade da ira de Deus

---

<sup>104</sup> Aletti, *God's justice in Romans*, 66.

<sup>105</sup> Cf. Aletti, *God's justice in Romans*, 68.

<sup>106</sup> Cf. Aletti, *God's justice in Romans*, 64-65.

para com os judeus e os gentios é usada por Paulo para, a seguir, apresentar a boa notícia de que o dom da justificação pela fé é oferecido igualmente para os judeus e os gentios<sup>107</sup>.

A unidade retórica de Rom 3,21-4,25 apresenta uma estrutura análoga a Rom 1,18-3,20. Assim, podemos representar a sua estrutura da seguinte maneira<sup>108</sup>:

*Subpropositio* – Rom 3,21-22a: «Agora, independentemente da Lei, manifestou-se a justiça de Deus, testemunhada pela Lei e pelos Profetas; justiça de Deus que opera pela fé em Jesus Cristo, para todos os que creem.»

*Subprobatio* – Rom 3,22b-4,22

- Provas a partir dos factos: Rom 3,22b-26
- Provas baseadas em princípios: Rom 3,27-31
- Provas baseadas na Escritura: Rom 4,1-22

*Subperoratio* – Rom 4,23-25

Na *subpropositio* (Rom 3,21-22a), Paulo começa por afirmar que a justiça de Deus se manifesta independentemente da lei mosaica, na medida em que os judeus, apesar de terem a Lei, não foram capazes de ser tornar justos. Depois, ele diz que a justiça divina é «testemunhada pela Lei e pelos Profetas» (Rom 3,21), ou seja, ela é confirmada pelo testemunho da Sagrada Escritura. Aqui, Paulo anuncia «as provas que ele vai confirmar ou explicar e que serão desenvolvidas em Rom 4»<sup>109</sup>. Na expressão «justiça de Deus», Paulo indica a origem divina da justificação, pois a graça divina é a fonte da justificação dos seres humanos. Em Rom 3,22a, Paulo indica qual é a causa instrumental e os recetores da justiça de Deus<sup>110</sup>. Deste modo, Deus pode justificar gratuitamente os homens graças à fidelidade de Jesus Cristo, que morreu pelos nossos pecados e ressuscitou para nossa justificação. Esta justiça divina pode ser recebida por todos os que creem em Jesus Cristo.

A seguir, a *subpropositio* (Rom 3,21-22a) vai ser explicada com o recurso a três tipos de provas<sup>111</sup>. Em primeiro lugar, Paulo apresenta as provas baseadas nos factos, nas quais ele mostra a obra de Deus em Cristo em favor dos homens (Rom 3,22b-26). Aqui distinguem-se três fases: a universalidade dos recetores (Rom 3,23); Cristo e a fé Nele como a causa instrumental da justificação (Rom 3,24b-25a); e o propósito teológico, no qual Paulo evidencia que a justiça divina é coerente e contínua (Rom 3,25b-26)<sup>112</sup>. Em segundo lugar, apresenta os

---

<sup>107</sup> Cf. Aletti, *God's justice in Romans*, 86-87.

<sup>108</sup> Cf. Jean Noël Aletti, *Justification by faith in the Letters of Saint Paul: Keys to interpretation* (Roma: Gregorian & Biblical Press, 2015), 139.

<sup>109</sup> Aletti, *Justification by faith in the Letters of Saint Paul*, 140.

<sup>110</sup> Cf. Aletti, *Justification by faith in the Letters of Saint Paul*, 141.

<sup>111</sup> Cf. Aletti, *Justification by faith in the Letters of Saint Paul*, 139.

<sup>112</sup> Cf. Aletti, *Justification by faith in the Letters of Saint Paul*, 144.

princípios da justificação pela fé em Rom 3,27-31. Temos assim o princípio da universalidade, segundo o qual a justificação é a mesma para todos os crentes, judeus e gentios, pois Deus é o Deus de todos (cf. Rom 3,27.29-30); e o princípio da exclusividade, que diz que os seres humanos são justificados pela fé, independentemente das obras da Lei, ou seja, «sem que seja necessário tornar-se um sujeito da Lei».<sup>113</sup> (cf. Rom 3,28). Em terceiro lugar, em Rom 4, Paulo recorre à autoridade da Escritura, apresentando o exemplo de Abraão. Neste capítulo podemos encontrar duas partes distintas. A primeira parte (Rom 4,1-12) tem como personagem principal Abraão e indica como ele foi justificado (pela fé, independentemente das obras – Rom 4,1-8) e quando foi justificado pela fé (antes da sua circuncisão – Rom 4,9-12). A segunda parte (Rom 4,13-22) centra-se no conteúdo do ato de crer, estabelecendo uma separação entre a fé e a Lei (Rom 4,13-18) e enuncia alguns componentes essenciais do ato de crer (Rom 4,19-22)<sup>114</sup>.

Por último, em Rom 4,23-25, temos a *subperoratio* da unidade retórica de Rom 3,21-4,25, na qual Paulo passa da fé de Abraão para a fé cristã. Deste modo, tal como Abraão acreditou no Deus que é fiel às Suas promessas e que dá vida aos mortos, também os cristãos acreditam neste mesmo Deus, que ressuscitou Jesus dos mortos.

Para além da influência grego-romana na redação da Carta aos Romanos, também podemos verificar a utilização de técnicas exegéticas judaicas tradicionais que nos ajudam a interpretar corretamente a Carta aos Romanos. No texto de Rom 3,21-4,25, que é o objeto de estudo deste trabalho, temos o uso da *gezerah shawah* em Rom 4,3.7-8. A *gezerah shawah* é uma das sete regras exegéticas de Hillel, na qual se estabelece uma analogia entre duas ou mais passagens que partilham entre si uma ou mais palavras, para a partir daí se tirar uma conclusão<sup>115</sup>.

Em Rom 4,1-8, Paulo usa uma *gezerah shawah* de Gen 15,6 (em Rom 4,3) e Sl 31(32),1-2 (em Rom 4,7-8), tendo como termo comum o verbo *logízomai* (ser contado/dito). Gen 15,6 mostra que o ato de acreditar em Deus «é contado» como justiça, sem as obras, e apenas pelo facto de querer escutar a Palavra de Deus e confiar n'Ele. No Sl 31 (LXX), David, que é um fiel súbdito da Lei, mostra que o perdão de Deus é sempre um ato gratuito, e não uma recompensa pelas obras praticadas, pois trata-se dos pecados, contrários à Lei, que não «são contados». Deste modo, o caso de Abraão vale para todos, judeus e gentios<sup>116</sup>.

---

<sup>113</sup> Aletti, *Justification by faith in the Letters of Saint Paul*, 145.

<sup>114</sup> Cf. Aletti, «Romanos», 1429-1430.

<sup>115</sup> Pasquale Basta, «Paul and the *gezerah shawah*: a judaic method in the service of justification by faith», em *Paul's Jewish Matrix*, ed. Thomas G. Casey e Justin Taylor (Roma: Gregorian & Biblical Press, 2011), 125.

<sup>116</sup> Cf. Carvalho, *Introdução às Cartas Autor(i)ais de Paulo*, 299.

## 2.2. O texto de Rom 3,21-4,25 e a sua tradução

Neste segundo subcapítulo, em primeiro lugar, apresento o texto original, em grego, de Rom 3,21-4,25 e, de seguida, apresento a sua respetiva tradução para português.

O texto original grego é o seguinte:

3 <sup>21</sup>Νυνὶ δὲ χωρὶς νόμου δικαιοσύνη θεοῦ πεφανέρωται μαρτυρουμένη ὑπὸ τοῦ νόμου καὶ τῶν προφητῶν, <sup>22</sup>δικαιοσύνη δὲ θεοῦ διὰ πίστεως Ἰησοῦ Χριστοῦ εἰς πάντας τοὺς πιστεύοντας. οὐ γὰρ ἐστὶν διαστολή, <sup>23</sup>πάντες γὰρ ἥμαρτον καὶ ὑστεροῦνται τῆς δόξης τοῦ θεοῦ <sup>24</sup>δικαιούμενοι δωρεὰν τῆ αὐτοῦ χάριτι διὰ τῆς ἀπολυτρώσεως τῆς ἐν Χριστῷ Ἰησοῦ. <sup>25</sup>ὄν προέθετο ὁ θεὸς ἰλαστήριον διὰ [τῆς] πίστεως ἐν τῷ αὐτοῦ αἵματι εἰς ἔνδειξιν τῆς δικαιοσύνης αὐτοῦ διὰ τὴν πάρεσιν τῶν προγεγονότων ἀμαρτημάτων <sup>26</sup>ἐν τῇ ἀνοχῇ τοῦ θεοῦ, πρὸς τὴν ἔνδειξιν τῆς δικαιοσύνης αὐτοῦ ἐν τῷ νῦν καιρῷ, εἰς τὸ εἶναι αὐτὸν δίκαιον καὶ δικαιῶντα τὸν ἐκ πίστεως Ἰησοῦ.

<sup>27</sup>Ποῦ οὖν ἡ καύχησις; ἐξεκλείσθη. διὰ ποίου νόμου; τῶν ἔργων; οὐχί, ἀλλὰ διὰ νόμου πίστεως. <sup>28</sup>λογιζόμεθα γὰρ δικαιοῦσθαι πίστει ἄνθρωπον χωρὶς ἔργων νόμου. <sup>29</sup>ἢ Ἰουδαίων ὁ θεὸς μόνον; οὐχί καὶ ἐθνῶν; ναὶ καὶ ἐθνῶν, <sup>30</sup>εἶπερ εἷς ὁ θεὸς ὃς δικαιοῦσει περιτομὴν ἐκ πίστεως καὶ ἀκροβυστίαν διὰ τῆς πίστεως. <sup>31</sup>νόμον οὖν καταργοῦμεν διὰ τῆς πίστεως; μὴ γένοιτο· ἀλλὰ νόμον ἰσχύνομεν.

4 <sup>1</sup>Τί οὖν ἐροῦμεν εὐρηκέναι Ἀβραὰμ τὸν προπάτορα ἡμῶν κατὰ σάρκα; <sup>2</sup>εἰ γὰρ Ἀβραὰμ ἐξ ἔργων ἐδικαιώθη, ἔχει καύχημα, ἀλλ' οὐ πρὸς θεόν. <sup>3</sup>τί γὰρ ἡ γραφή λέγει; *ἐπίστευσεν δὲ Ἀβραὰμ τῷ θεῷ καὶ ἐλογίσθη αὐτῷ εἰς δικαιοσύνην.* <sup>4</sup>τῷ δὲ ἐργαζομένῳ ὁ μισθὸς οὐ λογίζεται κατὰ χάριν ἀλλὰ κατὰ ὀφείλημα, <sup>5</sup>τῷ δὲ μὴ ἐργαζομένῳ πιστεύοντι δὲ ἐπὶ τὸν δικαιῶντα τὸν ἀσεβῆ λογίζεται ἡ πίστις αὐτοῦ εἰς δικαιοσύνην. <sup>6</sup>καθάπερ καὶ Δαυὶδ λέγει τὸν μακαρισμὸν τοῦ ἀνθρώπου *ὃ ὁ θεὸς λογίζεται δικαιοσύνην χωρὶς ἔργων.*

<sup>7</sup>*μακάριοι ὧν ἀφέθησαν αἱ ἀνομίαι*

*καὶ ὧν ἐπεκαλύφθησαν αἱ ἀμαρτίαι.*

<sup>8</sup>*μακάριος ἀνὴρ οὗ οὐ μὴ λογίσσεται κύριος ἀμαρτίαν.*

<sup>9</sup>Ὁ μακαρισμὸς οὖν οὗτος ἐπὶ τὴν περιτομὴν ἢ καὶ ἐπὶ τὴν ἀκροβυστίαν; λέγομεν γὰρ ἐλογίσθη τῷ Ἀβραὰμ ἡ πίστις εἰς δικαιοσύνην. <sup>10</sup>πῶς οὖν ἐλογίσθη; ἐν περιτομῇ ὄντι ἢ ἐν ἀκροβυστίᾳ; οὐκ ἐν περιτομῇ ἀλλ' ἐν ἀκροβυστίᾳ. <sup>11</sup>καὶ σημεῖον ἔλαβεν περιτομῆς σφραγίδα τῆς δικαιοσύνης τῆς πίστεως τῆς ἐν τῇ ἀκροβυστίᾳ, εἰς τὸ εἶναι αὐτὸν πατέρα πάντων τῶν πιστευόντων δι' ἀκροβυστίας, εἰς τὸ λογισθῆναι [καὶ] αὐτοῖς [τὴν] δικαιοσύνην, <sup>12</sup>καὶ πατέρα περιτομῆς τοῖς οὐκ ἐκ περιτομῆς μόνον ἀλλὰ καὶ τοῖς στοιχοῦσιν τοῖς ἴχνεσιν τῆς ἐν ἀκροβυστίᾳ πίστεως τοῦ πατρὸς ἡμῶν Ἀβραάμ.

<sup>13</sup>Οὐ γὰρ διὰ νόμου ἡ ἐπαγγελία τῷ Ἀβραάμ ἢ τῷ σπέρματι αὐτοῦ, τὸ κληρονόμον αὐτὸν εἶναι κόσμου, ἀλλὰ διὰ δικαιοσύνης πίστεως. <sup>14</sup>εἰ γὰρ οἱ ἐκ νόμου κληρονόμοι, κεκένωται ἡ πίστις καὶ κατήρηται ἡ ἐπαγγελία. <sup>15</sup>ὁ γὰρ νόμος ὄργην κατεργάζεται· οὐ δὲ οὐκ ἔστιν νόμος οὐδὲ παράβασις. <sup>16</sup>Διὰ τοῦτο ἐκ πίστεως, ἵνα κατὰ χάριν, εἰς τὸ εἶναι βεβαίαν τὴν ἐπαγγελίαν παντὶ τῷ σπέρματι, οὐ τῷ ἐκ τοῦ νόμου μόνον ἀλλὰ καὶ τῷ ἐκ πίστεως Ἀβραάμ, ὅς ἐστιν πατὴρ πάντων ἡμῶν, <sup>17</sup>καθὼς γέγραπται ὅτι *πατέρα πολλῶν ἐθνῶν τέθεικά σε*, κατέναντι οὗ ἐπίστευσεν θεοῦ τοῦ ζῶοντος τοὺς νεκροὺς καὶ καλοῦντος τὰ μὴ ὄντα ὡς ὄντα. <sup>18</sup>Ὁς παρ' ἐλπίδα ἐπ' ἐλπίδι ἐπίστευσεν εἰς τὸ γενέσθαι αὐτὸν πατέρα πολλῶν ἐθνῶν κατὰ τὸ εἰρημένον· *οὕτως ἔσται τὸ σπέρμα σου*, <sup>19</sup>καὶ μὴ ἀσθενήσας τῇ πίστει κατενόησεν τὸ ἑαυτοῦ σῶμα [ἤδη] νεκρωμένον, ἑκατονταετῆς που ὑπάρχων, καὶ τὴν νέκρωσιν τῆς μήτρας Σάρρας. <sup>20</sup>εἰς δὲ τὴν ἐπαγγελίαν τοῦ θεοῦ οὐ διεκρίθη τῇ ἀπιστίᾳ ἀλλ' ἐνεδυναμώθη τῇ πίστει, δοὺς δόξαν τῷ θεῷ <sup>21</sup>καὶ πληροφορηθεὶς ὅτι ὁ ἐπηγγελλόμενος δυνατὸς ἐστίν καὶ ποιῆσαι. <sup>22</sup>διὸ [καὶ] ἐλογίσθη αὐτῷ εἰς δικαιοσύνην. <sup>23</sup>Οὐκ ἐγράφη δὲ δι' αὐτὸν μόνον ὅτι *ἐλογίσθη αὐτῷ* <sup>24</sup>ἀλλὰ καὶ δι' ἡμᾶς, οἷς μέλλει λογιζέσθαι, τοῖς πιστεύουσιν ἐπὶ τὸν ἐγείραντα Ἰησοῦν τὸν κύριον ἡμῶν ἐκ νεκρῶν, <sup>25</sup>ὃς παρεδόθη διὰ τὰ παραπτώματα ἡμῶν καὶ ἠγέρθη διὰ τὴν δικαίωσιν ἡμῶν.<sup>117</sup>

A tradução para português do texto de Rom 3,21-4,25 é a seguinte:

<sup>321</sup>Agora, porém, independentemente da Lei, a justiça de Deus manifestou-se, testemunhada pela Lei e pelos Profetas, <sup>22</sup>justiça de Deus que opera pela fé em Jesus Cristo para todos os que creem. Pois não há diferença, <sup>23</sup>visto que todos pecaram e estão privados da glória de Deus. <sup>24</sup>São justificados gratuitamente pela Sua graça, em virtude da redenção realizada em Cristo Jesus. <sup>25</sup>Deus expô-l'O como propiciatório, pelo Seu sangue, mediante a fé, para mostrar a Sua justiça, ao deixar passar sem castigar os pecados de outrora, <sup>26</sup>no tempo da paciência divina. Deus mostra assim a Sua justiça no tempo presente porque Ele é justo e justifica quem tem fé em Jesus.

<sup>27</sup>Onde está, então, o motivo para alguém se gloriar? Fica excluído. Por qual lei? A das obras? De modo algum, mas pela lei da fé. <sup>28</sup>Pois nós sustentamos que o homem é justificado pela fé, sem as obras da Lei. <sup>29</sup>Será Ele apenas Deus dos judeus? Não o é também dos gentios? Sim, também é dos gentios, <sup>30</sup>uma vez que há um só Deus, que justificará os circuncidados pela fé e também os incircuncidados mediante a fé. <sup>31</sup>Então eliminamos a Lei por meio da fé? De modo algum! Pelo contrário, a confirmamos.

---

<sup>117</sup> Nestle-Aland, *Novum Testamentum Graece*, 28ª edição revista (Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 2012).

<sup>4</sup>Que diremos, pois, de Abraão, nosso antepassado segundo a carne? <sup>2</sup>Ora, se Abraão foi justificado pelas obras, ele tem motivo para se gloriar, mas não diante de Deus. <sup>3</sup>Que diz, com efeito, a Escritura? *Abraão acreditou em Deus e isso foi-lhe tido em conta de justiça.* <sup>4</sup>Ora, a quem faz um trabalho, o salário não lhe é atribuído como oferta, mas como um débito; <sup>5</sup>a quem, porém, não trabalha, mas crê naquele que justifica o ímpio, a sua fé é-lhe tida em conta de justiça. <sup>6</sup>Aliás, é assim que David proclama a bem-aventurança do homem a quem Deus atribui a justiça, independentemente das obras:

<sup>7</sup>*Bem-aventurados aqueles cujas ofensas foram perdoadas e cujos pecados foram cobertos.*

<sup>8</sup>*Bem-aventurado o homem a quem o Senhor não tem em conta o pecado.*

<sup>9</sup>Ora, esta bem-aventurança é somente para os circuncidados, ou também para os incircuncidados? Dizemos, com efeito, que *a fé de Abraão lhe foi tida em conta de justiça.* <sup>10</sup>Mas como lhe foi tida em conta? Estando circuncidado ou quando ainda estava incircuncidado? Não foi quando estava circuncidado, mas quando ainda era incircuncidado. <sup>11</sup>E recebeu o sinal da circuncisão como selo da justiça da fé que ele tinha quando era incircuncidado. Assim ele se tornou pai de todos aqueles que creem, estando incircuncidados, para que a eles também seja atribuída a justiça; <sup>12</sup>e pai dos circuncidados, que não só receberam a circuncisão, mas que também seguem as pegadas da fé de Abraão, nosso pai, quando estava incircuncidado.

<sup>13</sup>De facto, não foi através da Lei que se fez a promessa a Abraão, ou à sua descendência, de ser o herdeiro do mundo, mas através da justiça da fé. <sup>14</sup>Porque, se os herdeiros fossem os da Lei, a fé tornar-se-ia vazia e a promessa sem efeito. <sup>15</sup>De facto, a Lei provoca a ira, mas onde não há Lei, não há transgressão. <sup>16</sup>Por isso, a herança vem pela fé, para que seja gratuita e para que seja garantida a promessa a todos os descendentes, não só àqueles segundo a Lei, mas também àqueles segundo a fé de Abraão, que é o pai de todos nós, <sup>17</sup>conforme está escrito: *Eu te constituí pai de muitos povos.* Pai diante de Deus em quem acreditou, o qual faz viver os mortos e chama à existência as coisas que não existem. <sup>18</sup>Ele, esperando contra toda a esperança, acreditou e tornou-se assim pai de muitos povos, conforme lhe tinha sido dito: *Assim será a tua descendência.*

<sup>19</sup>E ele não vacilou na fé ao considerar o seu corpo já morto, com cerca de cem anos, assim como também estava morto o seio de Sara. <sup>20</sup>Diante da promessa de Deus, ele não duvidou por falta de fé, mas fortaleceu-se na fé, dando glória a Deus, <sup>21</sup>convencido de que Ele era capaz de cumprir o que prometeu. <sup>22</sup>Eis a razão pela qual isso lhe foi tido em conta de justiça. <sup>23</sup>Não foi escrito só para ele: *foi-lhe tido em conta,* <sup>24</sup>mas também para nós, que há-de

ser tido em conta, nós que acreditamos n'Aquele que ressuscitou dos mortos, Jesus, nosso Senhor,<sup>25</sup> que foi entregue pelas nossas faltas e ressuscitado para nossa justificação.

### 2.3. Comentário do texto

Neste subcapítulo irei comentar as diversas partes que constituem o texto de Rom 3,21-4,25. Na primeira parte deste comentário (Rom 3,21-26) está incluída a *subpropositio* (Rom 3,21-22a) e a primeira parte da *subprobatio*, isto é, as provas a partir dos factos (Rom 3,22b-26). Esta primeira parte mostra-nos que a justiça divina se manifestou na fidelidade de Jesus Cristo ao Pai por amor de toda a humanidade, sobretudo na Sua morte na cruz, e pode ser recebida pelos homens que colocam a sua fé em Jesus Cristo. A segunda parte do comentário engloba a segunda parte da *subprobatio*, ou seja, as provas baseadas em princípios (Rom 3,27-31), e mostra-nos que Deus justifica todos os seres humanos pela fé. A terceira parte da *subprobatio*, que engloba as provas baseadas na Escritura (Rom 4,1-22), utilizando como exemplo a fé de Abraão, vai ser abordada nas restantes quatro partes do comentário. Assim, a terceira parte deste comentário (Rom 4,1-8) prova-nos que Abraão foi justificado pela fé; a quarta parte (Rom 4,9-12) demonstra-nos que Abraão é o pai de todos os crentes, tanto os circuncidados como os incircuncidados; a quinta parte (Rom 4,13-18) mostra-nos que a promessa de Deus foi feita a Abraão e aos seus descendentes; e a sexta e última parte (Rom 4,19-25) vai partir da fé de Abraão para chegar à fé cristã. Nesta sexta parte também está incluída a *subperoratio* (Rom 4,23-25).

#### 2.3.1. Rom 3,21-26: A justiça de Deus manifesta-se pela fé em Jesus Cristo/fidelidade de Jesus Cristo

Em Rom 3,21, há uma transição para uma nova fase da exposição do Evangelho, que é introduzida com o advérbio *vuvì* (*nuni*), que significa «agora», e que indica uma nova etapa na história da salvação. Aqui, é utilizado pela primeira vez na Carta aos Romanos o «agora» escatológico<sup>118</sup>. Agora Paulo «anuncia a intervenção misericordiosa e definitiva de Deus perante a injustiça e a desobediência humana»<sup>119</sup>. Passámos da antiga era em que todos estavam sob o domínio do pecado (Rom 1,18-3,20) para um novo período da salvação, no qual a justiça de Deus se manifestou de modo que todos os que responderem pela fé, possam receber gratuitamente a salvação.<sup>120</sup>

---

<sup>118</sup> Cf. Fitzmyer, «Carta a los Romanos», 375.

<sup>119</sup> Stegman, «Romans», 1247.

<sup>120</sup> Cf. Douglas Moo, *The Epistle to the Romans* (Grand Rapids, Cambridge: William B. Eerdmans Publishing Company, 1996), 221.

A justiça divina manifesta-se «independentemente da Lei». Isto significa que a lei de Moisés não se encontra relacionada com esta nova manifestação da justiça salvífica de Deus, qual vai substituir a lei mosaica e dar-lhe pleno cumprimento (cf. Rom 10,4). Com isto, Paulo pretende mostrar que a justiça salvífica pertence a Deus e só pode chegar até nós como um dom de Deus, pois os seres humanos não conseguem alcançá-la pelas próprias forças<sup>121</sup>. Deste modo, «esta justiça de Deus dá-se sem a Lei, porque a outorga Deus, mediante o Espírito de graça, àquele que crê sem ser auxiliado para isso pela Lei».<sup>122</sup>

Quando Paulo afirma que «a justiça de Deus se manifestou», significa que ela se revelou no Evangelho (cf. Rom 1,17), que anuncia a boa notícia de que Deus absolve o Seu povo pecador num juízo justo<sup>123</sup>. É preciso esclarecer que, para Paulo, a justiça assume uma conceção bíblica e não se trata tanto de uma conceção jurídica. Assim, a justiça não se trata de uma relação abstrata de um cidadão perante uma lei, mas implica antes uma relação pessoal entre pelo menos dois sujeitos.<sup>124</sup> Deus oferece meios aos seres humanos de modo a ajudá-los a conformarem-se ao Seu projeto e, assim, possam, a partir daí, aceitar ou recusar o Evangelho.<sup>125</sup>

A justiça de Deus é «testemunhada pela Lei e pelos Profetas». Com esta expressão, Paulo refere-se aos escritos do Antigo Testamento (cf. Mt 5,17; At 24,14; At 28,23). Para além disso, podemos verificar que Paulo utiliza o conceito de Lei em dois sentidos distintos. Em primeiro lugar, a Lei representa a *Torah*, que funcionou como um pedagogo até que chegasse Jesus Cristo, para que fossemos justificados pela fé (cf. Gal 3,23-26). Em segundo lugar, «a Lei e os Profetas» representam o conjunto das Escrituras do AT, que dão testemunho de Jesus Cristo. Deste modo, Paulo pode tomar como exemplo o livro do Génesis, que é um dos livros da *Torah*, para provar que Abraão foi justificado pela sua fé em Deus. Isto aconteceu antes que a Lei fosse dada a Moisés, e, logo, aconteceu independentemente das obras da Lei.<sup>126</sup>

Em Rom 3,22, na expressão διὰ πίστεως Ἰησοῦ Χριστοῦ (*dià pisteōs Iēsou Christou*), o genitivo pode ser compreendido como genitivo objetivo, que significa «pela fé em Jesus Cristo»; mas também pode ser entendido como genitivo subjetivo, cujo significado seria «pela fidelidade de Jesus Cristo». Ambos os genitivos têm sentido neste contexto, o que torna difícil a sua escolha para a tradução em português. Paulo pode querer dizer que Jesus Cristo é o objeto da nossa fé e, portanto, a justiça de Deus opera pela nossa fé em Jesus; mas também pode querer

---

<sup>121</sup> Cf. Hahn, *Romans*, 44.

<sup>122</sup> Agostinho, *O espírito e a letra*, 9, 15, PL 44, 209.

<sup>123</sup> Cf. Fitzmyer, «Carta a los Romanos», 375.

<sup>124</sup> Cf. Carvalho, *Introdução às Cartas Autor(i)ais de Paulo*, 160.

<sup>125</sup> Cf. Carvalho, *Introdução às Cartas Autor(i)ais de Paulo*, 165.

<sup>126</sup> Cf. José Enrique Aguilar e Felipe de Jesús Legarreta, *Introducción a Pablo. Romanos y Gálatas*. (Estella: Editorial Verbo Divino, 2018), 112.

dizer que Jesus é o sujeito cuja fidelidade torna possível que a justiça de Deus se manifeste na história da salvação.<sup>127</sup> No entanto, muitos exegetas preferem utilizar o genitivo objetivo, uma vez que dizem que Paulo não está aqui a pensar na fidelidade de Cristo ao Pai.<sup>128</sup> Todos aqueles que têm fé em Jesus Cristo, acreditam n'Ele por causa da Sua fidelidade, porque Ele é digno de fé, uma vez que Jesus é o Filho de Deus fiel que morreu na cruz pelos nossos pecados. Podemos assim dizer que Deus manifestou a Sua justiça salvífica que opera pela fé em Jesus Cristo e devido à Sua fidelidade para todos os que creem n'Ele.<sup>129</sup>

A justificação pela fé alcança todos os que creem, ou seja, permite dissipar todas as diferenças que existiam entre judeus e gentios, na medida em que todos devem chegar a Cristo do mesmo modo, isto é, pela fé.<sup>130</sup> Assim, quando Paulo afirma que «não há diferença» (Rom 3,22b), significa que não há distinção alguma entre os dois grupos de pessoas que são comparadas, os judeus e os gentios. Paulo só utiliza a expressão «não há diferença» apenas mais uma vez em Rom 10,12, quando afirma que «não há diferença entre judeus e gentios, pois Ele é o Senhor de todos».<sup>131</sup>

Quando Paulo afirma que «todos pecaram» (Rom 3,23a), ele está a pensar, em primeiro lugar, nos judeus e gentios, entre os quais não há diferenças neste aspeto. Mas, com esta expressão, ele engloba todos os seres humanos, aos quais se destina a salvação cristã, frente à universalidade do pecado. O verbo ἀμαρτανειν (*'amartanein*), que significa pecar, tem como significado básico «errar o alvo», isto é, não atingir a meta moral, mas também se pode referir à transgressão dos costumes, da lei ou da vontade de Deus.<sup>132</sup>

Com a expressão «estão privados da glória de Deus» (Rom 3,23b), Paulo quer dizer que por causa dos pecados dos seres humanos, eles não podem participar da glória divina, apontando assim para o seu destino escatológico. O verbo ὑστεροῦνται (*ysterountai*) significa «chegar demasiado tarde», «falhar por culpa de si mesmo», «ficar sem».<sup>133</sup> Chamados a participar da presença de Deus, os seres humanos podem ficar afastados desta presença divina pelo seu pecado. Em Rom 1,23, o apóstolo Paulo tinha afirmado que os homens «trocaram a glória do Deus incorruptível» por figuras representativas dos seres criados, referindo-se assim à sua idolatria. Em Rom 5,2, ele vai afirmar que «nos gloriamos na esperança da glória de Deus»; em Rom 8,18, ele diz que «os sofrimentos do tempo presente não têm comparação com a glória

---

<sup>127</sup> Cf. Hahn, *Romans*, 44.

<sup>128</sup> Cf. Fitzmyer, «Carta a los Romanos», 375.

<sup>129</sup> Cf. Matera, *Romans*, 93.

<sup>130</sup> Cf. Gerald Bray, *Romans: La Biblia comentada por los Padres de la Iglesia – Nuevo Testamento 6*. (Madrid: Editorial Ciudad Nueva, 2000), 159.

<sup>131</sup> Cf. Hahn, *Romans*, 45.

<sup>132</sup> Cf. Fitzmyer, «Carta a los Romanos», 375.

<sup>133</sup> Cf. Fitzmyer, «Carta a los Romanos», 376.

que há de revelar-se em nós»; e diz ainda que haverá a passagem do estado atual de «escravidão da corrupção, para alcançar a liberdade da glória dos filhos de Deus» (Rom 8,21).<sup>134</sup>

Em Rom 3,24, Paulo vai dizer que os seres humanos são justificados gratuitamente pela graça divina, passando assim a expressar a nova relação dos seres humanos com Deus. Sermos justificados significa «sermos tornados justos, sermos acolhidos pela justiça misericordiosa de Deus, entrarmos em comunhão com Ele, e conseqüentemente podermos estabelecer uma relação muito mais autêntica com todos os nossos irmãos: isto tendo por base um perdão total dos nossos pecados».<sup>135</sup> Desta forma, a justificação não depende das eventuais boas obras dos homens, mas de um dom gratuito do amor misericordioso de Deus. Assim, com a expressão «gratuitamente», Paulo vai excluir qualquer merecimento da parte dos seres humanos.<sup>136</sup> A expressão «pela Sua graça», por sua vez, vai reforçar o termo «gratuitamente», indicando que a salvação cristã se deve totalmente à benevolência misericordiosa e gratuita de Deus, pois «ser justificado sobre a base da fé é um dom de Deus por pura generosidade».<sup>137</sup>

A justiça divina manifesta-se gratuitamente como um dom de Deus em virtude da redenção que Deus realizou através de Jesus Cristo (Rom 3,24). O termo ἀπολύτρωσις (*apolytrosis*) significa «redenção». No mundo greco-romano, a redenção implicava a libertação de um escravo ou cativo através do pagamento de um resgate. Assim, a redenção realizada em Cristo significa a libertação da escravidão do pecado em que se encontrava a humanidade, que foi resgatada por parte de Cristo.<sup>138</sup> Para além disso, o termo redenção evoca a história do êxodo, na qual Deus, o redentor de Israel, libertou o Seu povo da escravidão do Egito (cf. Ex 15,13; Dt 7,8; Sl 78,35). No entanto, agora aconteceu uma redenção ainda maior, uma vez que «um novo êxodo ocorreu através do sangue do Messias. É um novo ato de redenção que beneficia todas as nações, oferecendo-lhes liberdade espiritual da escravidão do pecado (Rom 6,6; Ef 1,7; Col 1,14)».<sup>139</sup>

Em Rom 3,25, Paulo diz que Deus expôs Jesus Cristo como ἱλαστήριον (*hilastērion*). O termo grego *hilastērion* traduz, nos LXX, o termo hebraico *kapporeth* (cf. Lv 16), que significa o propiciatório, a sede da misericórdia, que o AT concebia como o lugar onde Deus morava.<sup>140</sup> O *kapporeth* é a cobertura de ouro que cobre a Arca da Aliança (cf. Ex 25,17-22). Paulo evoca

---

<sup>134</sup> Cf. Penna, *Lettera ai Romani*, 247.

<sup>135</sup> Bento XVI, *Paulo, o Apóstolo dos Gentios*, 22.

<sup>136</sup> Cf. Fitzmyer, «Carta a los Romanos», 376.

<sup>137</sup> Otto Kuss, *Carta a los Romanos, Carta a los Corintios, Carta a los Gálatas* (Barcelona: Editorial Herder, 1976), 65.

<sup>138</sup> Cf. Fitzmyer, «Carta a los Romanos», 376.

<sup>139</sup> Hahn, *Romans*, 46.

<sup>140</sup> Cf. Max Zerwick e Mary Grosvenor, *Análisis gramatical del Griego del Nuevo Testamento*, trad. José Pérez Escobar (Estella: Editorial Verbo Divino, 2008), 549-550.

assim o ritual do *Yom Kippur*, o grande Dia da Expição (cf. Lv 16,1-34). Para o povo de Israel, o *Yom Kippur* era o único dia do ano em que o sumo sacerdote podia entrar no Santo dos Santos e aspergia o propiciatório que estava sobre a Arca da Aliança com o sangue de bodes e novilhos, expiando assim os seus pecados e os pecados do povo. Ao invocar o ritual do *Yom Kippur*, Paulo está a quer dizer que Cristo crucificado tornou-se no propiciatório da nova economia divina, isto é, tornou-se o meio de expiação ou purificação dos pecados dos homens que os afastavam de Deus.<sup>141</sup> Deste modo, «agora, o *kapporet* é a cruz».<sup>142</sup> Em Cristo Crucificado, Deus volta a apropriar-se do Seu povo, perdoando-lhe os seus pecados.<sup>143</sup> A expressão «pelo Seu sangue» indica claramente que foi na cruz que Deus expôs Cristo como propiciatório, como lugar da misericórdia, onde Ele derramou o Seu sangue pelos pecados de todos os homens. Para evitar que esta expressão seja mal-entendida, a morte de Cristo na cruz não pode ser vista como um sacrifício que aplaca a ira de Deus, mas deve ser antes vista como o modo que Deus utiliza para se apropriar novamente do Seu povo, perdoando-lhe os pecados e reconciliando assim a humanidade com Deus em Jesus Cristo.

Com a expressão *διὰ τῆς πίστεως* (*dià tēs pisteōs*), que significa «mediante a fé», Paulo está a querer dizer que salvação cristã, efetuada na morte na cruz e ressurreição de Jesus, pode ser recebida pela fé, ou seja, é mediante a fé que podemos ter parte nos benefícios da salvação.<sup>144</sup> Podemos assim dizer que Deus estabeleceu Jesus Cristo como *hylastērion*, assumindo a fidelidade de Jesus na cruz e a nossa resposta de fé em Deus.<sup>145</sup> Na morte de Cristo na cruz, Deus mostra a Sua justiça, tornando pública a absolvição dos pecados que Ele nos quer oferecer, contando que nós acolhamos com fé a fidelidade de Cristo manifestada na cruz, que é a expressão máxima do amor de Deus pela humanidade. Desta forma, a justiça humana deve brotar da justiça do próprio Deus. Já os essênios de Qumran também atribuíam a absolvição dos pecadores à justiça de Deus, confiando na Sua misericórdia:

«Quanto a mim, se caio, a misericórdia de Deus será sempre a minha salvação. Se incorro no pecado da carne, o meu julgamento será na justiça de Deus que dura para sempre. Se começo a gemer, Ele me libertará do sofrimento e tornará os meus passos firmes no andar. Colocar-me-á perto das Suas mercês, e julgar-me-á com compaixão. Julgar-me-á na justiça e na verdade, e a Sua imensa bondade sempre redimirá os meus pecados» (1QS 11,12-15).

---

<sup>141</sup> Cf. Fitzmyer, «Carta a los Romanos», 377.

<sup>142</sup> Carvalho, *Introdução às Cartas Autor(i)ais de Paulo*, 127.

<sup>143</sup> Cf. Carvalho, *Introdução às Cartas Autor(i)ais de Paulo*, 128.

<sup>144</sup> Cf. Fitzmyer, «Carta a los Romanos», 377.

<sup>145</sup> Cf. Paul Nadim Tarazi, *The Chrysostom Bible – Romans: A Commentary* (St Paul, Minnesota: OCABS Press, 2010), 87.

Ainda em Rom 3,25, Paulo diz que Deus deixou passar sem castigar (*páresin*) os pecados de outrora. A palavra *πάρεσιν* (*páresin*), presente em Rom 3,25, aparece unicamente neste versículo em toda a Bíblia grega (LXX e NT). Este termo significa saltar/passar por alto, não no sentido de esquecer, mas no sentido de deixar passar sem castigar.<sup>146</sup> Tendo em conta o presente contexto, este termo é utilizado para significar que Deus deixou passar sem castigar certos pecados no passado, devido à Sua clemência, mas que agora, para mostrar a Sua justiça, Deus vai lidar com esses pecados expondo Cristo como o novo propiciatório.<sup>147</sup> Os pecados passados foram deixados passar sem castigo «no tempo da paciência divina» (Rom 3,26a) Esta paciência de Deus já se encontrava no Seu plano salvífico, pois Deus sabia que, chegado o tempo devido, estes pecados seriam expiados pela morte de Cristo na cruz. Mesmo a expiação dos pecados no dia de *Yom Kippur* já consistia numa prefiguração da expiação realizada por Cristo na cruz.<sup>148</sup>

Em Rom 3,26, Paulo afirma que «Deus mostra assim a Sua justiça no tempo presente». Este tempo presente é o «agora» escatológico, mostrando um aspeto importante da finalidade da cruz. Orígenes explica bem este versículo, ao afirmar que «Deus sofria todas estas coisas para depois, isto é, neste tempo, mostrar a Sua justiça. Na consumação do mundo, no tempo mais recente, Deus manifestou a Sua justiça e realizou a Sua redenção em quem fez propiciatório».<sup>149</sup> Paulo afirma ainda que Deus «é justo e justifica quem tem fé em Jesus». Com isto, ele quer dizer que o próprio Deus torna os seres humanos justos mediante a fé em Cristo Crucificado, ou seja, «Deus é justo, e o justo não podia justificar os injustos. Por isso quis a intervenção do propiciador, para que mediante a fé n'Ele pudessem ser justificados os que não podiam justificar-se mediante as suas próprias obras».<sup>150</sup>

Pela fé, os cristãos podem participar na morte e ressurreição de Cristo. A justiça divina pode produzir, mediante a fé, um novo ser, configurado com Cristo.<sup>151</sup> A justiça salvífica de Deus, manifestada na morte e ressurreição de Cristo, pode ser recebida agora por todos, judeus e gentios, pela fé em Jesus Cristo.<sup>152</sup> Em Rom 3,21-26, Paulo apresenta a solução divina para o pecado e a morte dos seres humanos, que consiste na libertação (Rom 3,24: redenção) e no

---

<sup>146</sup> Cf. Zerwick e Grosvenor, *Análisis gramatical del Griego del Nuevo Testamento*, 550.

<sup>147</sup> Cf. Matera, *Romans*, 95.

<sup>148</sup> Cf. Fitzmyer, «Carta a los Romanos», 377.

<sup>149</sup> Orígenes, *Comentário sobre a Epístola aos Romanos*, 3, 8, PG 14, 946.

<sup>150</sup> Orígenes, *Comentário sobre a Epístola aos Romanos*, 3,8, PG 14, 946.

<sup>151</sup> Cf. John M. G. Barclay, *Paul and the Gift* (Grand Rapids, Cambridge: William B. Eerdmans Publishing Company, 2015), 477.

<sup>152</sup> Cf. Dunn, *The Theology of Paul the Apostle*, 385.

perdão (Rom 3,25: propiciação, expiação) para aqueles que acreditam em Jesus Cristo (Rom 3,22.26: fé em Jesus).<sup>153</sup>

### 2.3.2. Rom 3,27-31: Deus justifica toda a humanidade pela fé

Após ter afirmado, em Rom 3,21-26, que Deus justifica gratuitamente todos aqueles que têm fé em Jesus, em virtude da Sua fidelidade manifestada na morte redentora e expiatória na cruz, que perdoa os nossos pecados, Paulo levanta a seguinte questão: «onde está, então, o motivo para alguém se gloriar?» (Rom 3,27a). Ele responde com uma única palavra em grego, ἐξεκλείσθη (*exekleisthē*), que significa «fica excluído» (Rom 3,27b). Os seres humanos não se podem vangloriar perante Deus, uma vez que a sua justificação, redenção e expiação foram realizadas por Deus em Cristo.

A seguir, Paulo coloca a seguinte questão: «por qual lei? A das obras?» (Rom 3,27c). A «lei das obras» refere-se à lei mosaica. Poderia parecer que a lei de Moisés poderia excluir a vanglória diante de Deus, uma vez que todos pecaram (Rom 3,23) e ninguém é justificado diante de Deus pelas obras da Lei (Rom 3,20). No entanto, Paulo responde negativamente a esta questão: «de modo algum, mas pela lei da fé» (Rom 3,27d). É que a Lei implica o esforço humano para alcançar a justiça, enquanto que a fé reconhece tudo o que Deus fez pelos homens em Cristo. Desta forma, a fé exclui toda a vanglória dos homens diante de Deus.<sup>154</sup> Portanto, «a “lei” da fé opõe-se àquela das obras, pois ela representa o princípio, a ordem, em virtude da qual todo o direito e orgulho humanos são excluídos (Rom 3,27)».<sup>155</sup> Perante as obras, como exigência da aliança mosaica, Paulo contrapõe a fé, como a exigência básica da Nova Aliança, e também da Antiga Aliança (cf. Rom 4).<sup>156</sup> Enquanto que «na lei das obras, encontramos a justiça de Deus que ordena, na lei da fé encontramos a misericórdia que vem em nosso auxílio».<sup>157</sup> Na medida em que Deus, na Sua misericórdia, justificou todos os seres humanos, quer sejam circuncidados ou incircuncidados, da mesma forma, isto é, por meio da fé, e independentemente das obras da Lei, ninguém se pode gloriar diante de Deus.<sup>158</sup> São João Crisóstomo, ao comentar este versículo, exprime-se sublimemente assim:

---

<sup>153</sup> Cf. Michael. J. Gorman, «Romans: The First Christian Treatise on Theosis», *Journal of Theological Interpretation* 5.1 (2011): 23.

<sup>154</sup> Cf. Matera, *Romans*, 100.

<sup>155</sup> Herman Ridderbos, *Paul: an outline of his theology*, trad. John Richard de Witt (Grand Rapids, Cambridge: William B. Eerdmans Publishing Company, 1997), 172.

<sup>156</sup> Cf. Moo, *The Epistle to the Romans*, 249.

<sup>157</sup> Guillaume de Saint-Thierry, *Exposé sur l'Épître aux Romains*. Tome I, Livres I-III (Paris: Les Éditions du Cerf, 2011), 241.

<sup>158</sup> Cf. Raymond E. Brown, *Introduzione al Nuovo Testamento* (Brescia: Editrice Queriniana, 2016), 750-751.

Mas qual é o fundamento da fé? Que a salvação é pela graça. E neste ponto mostra o poder de Deus, que não só nos salvou, mas que nos fez justos e nos conduziu a uma sublime glorificação, sem necessidade das obras, exigindo-nos unicamente a fé. Disse tudo isto para ensinar ao judeu crente humildade e modéstia, e reprimir ao mesmo tempo ao que não crê, atraindo-o assim à fé: pois o que alcançou já a saúde, se continua a envaidecer-se, a título da Lei, ouvirá que a própria Lei lhe fechará a boca, o repreende e acusa, que ela impediu a sua salvação e excluiu a sua vanglória: e o que não acreditou, por estas mesmas razões poderá chegar a crer. Vês quão grande é a força da fé? Como acalma os ânimos das antigas obras, proibindo de glorificar-se nelas?<sup>159</sup>

Em Rom 3,28, Paul afirma que os seres humanos são justificados pela fé, independentemente das obras da Lei. Todos os homens falharam em cumprir as obras da Lei. Por isso é que não se podem gloriar diante de Deus com base nelas. A justificação pela fé não significa que a fé seja uma obra na qual os crentes se possam gloriar, pois Deus justificou gratuitamente os homens pelo que Ele realizou em Cristo. Assim, poderíamos afirmar que o que Paulo quer dizer em Rom 3,28 é que uma pessoa é justificada pela graça de Deus em Jesus Cristo, por meio da fé, independentemente de fazer as obras da Lei.<sup>160</sup> Orígenes apresenta o ladrão que foi crucificado com Cristo, como um exemplo de alguém que é justificado pela fé, independentemente das obras. Ele, quando disse a Cristo: «Senhor Jesus, recorda-te de mim quando entrares no Teu reino», Cristo desde a cruz lhe respondeu «Em verdade te digo: hoje estarás comigo no Paraíso (Lc 23,42-43)».<sup>161</sup> N. T. Wright aponta a fé como o sinal distintivo dos cristãos, uma vez que:

O Deus da aliança agora declara, no tempo presente, que a presença da *pístis* é o sinal messiânico da pertença à aliança; é o sinal de que alguém faz parte da família de Abraão; é o sinal de que os seus pecados foram perdoados pela redenção sacrificial realizada em Cristo (Rom 3,24-26). Tudo isto deve acontecer “sem as obras da Lei”, pela razão apresentada em Rom 3, 29-30: se não fosse assim, este Deus seria apenas o Deus dos Judeus, enquanto o próprio monoteísmo baseado no *Shemá* declara, na época da teologia da eleição do segundo Templo, que este Deus é atualmente também o Deus dos Gentios.<sup>162</sup>

Em Rom 3,29-30, Paulo apresenta mais razões para a sua doutrina da justificação pela fé. Deste modo, ele, em primeiro lugar, coloca a seguinte questão: «será Ele apenas Deus dos judeus? Não o é também dos gentios?» (Rom 3,29a) e, logo a seguir, responde com a devida justificação: «Sim, também é dos gentios, uma vez que há um só Deus, que justificará os

---

<sup>159</sup> João Crisóstomo, *Homilias sobre a Epístola aos Romanos*, 7, 3, PG 60, 446.

<sup>160</sup> Cf. Matera, *Romans*, 100.

<sup>161</sup> Cf. Orígenes, *Comentário sobre a Epístola aos Romanos*, 3, 9, PG 14, 952-953.

<sup>162</sup> N. T. Wright, *Paul and the faithfulness of God – parts III and IV* (London: Society for Promoting Christian Knowledge, 2013), 1001.

circuncidados pela fé e também os incircuncidados mediante a fé» (Rom 3,29b-30). Se a justificação dependesse do facto de alguém realizar as obras da Lei, então Deus seria apenas o Deus dos judeus, uma vez que somente a eles foi-lhes dado o dom da Lei. Aqui, a justificação pela fé encontra-se associada com a expressão «também é o Deus dos gentios», enquanto que a justificação pelas obras da Lei estaria associada à expressão "Deus apenas dos judeus".<sup>163</sup> Mas Paulo afirma que Deus também é o Deus dos gentios, mencionando para isso o monoteísmo de Israel tal como o encontramos no *Shemá*: «Escuta Israel. O Senhor é o nosso Deus. O Senhor é um» (Dt 6,4). Mas Paulo utiliza o monoteísmo judaico de uma nova forma. Ele não vai procurar demonstrar a superioridade do povo judeu através da oposição do seu monoteísmo com a idolatria dos gentios. Em vez disso, Paulo vai utilizar o monoteísmo judaico em favor da justificação pela fé, pois se existe um único Deus, que é imparcial, Ele irá justificar os circuncidados e os incircuncidados do mesmo modo, isto é, por meio da fé. Em Rom 3,30, Paulo utiliza duas expressões diferentes para se referir à justificação pela fé dos judeus e gentios: ἐκ πίστεως (*ek pisteōs*) e διὰ τῆς πίστεως (*dià tēs pisteōs*). Trata-se provavelmente de uma diferença estilística e não de uma diferença substancial, uma vez que, em ambos os casos, ele pretende mostrar que Deus justifica os judeus e os gentios da mesma forma, ou seja, com base na fé.<sup>164</sup> Santo Agostinho afirma que estas duas expressões diferentes relativas à justificação pela fé não representam conceitos distintos, mas são apenas uma variedade verbal.<sup>165</sup>

Em Rom 3,29-30, Paulo ultrapassa claramente a restritividade de Israel. Assim, o Deus único justifica judeus e gentios igualmente pela fé. A justiça salvífica de Deus está aberta para todos os crentes, primeiro dos judeus, e depois dos gentios (cf. Rom 1,16).<sup>166</sup> A doutrina paulina da justificação pela fé deve enquadrar-se no contexto do problema de como os judeus e os gentios se encontram relativamente uns aos outros dentro do desígnio salvífico de Deus manifestado em Jesus Cristo. O problema foi que Israel se apropriou da Lei como uma sua prerrogativa especial. Paulo não pretende que se negue a Lei, como uma lei divina, mas apenas quer evitar que a Lei de Deus seja apropriada por Israel.<sup>167</sup>

Em Rom 3,31, Paulo levanta uma questão pertinente. Então, se os judeus e os gentios são justificados pela fé, independentemente das obras da Lei, isso não iria implicar que a Lei seria eliminada através da fé? Por isso, é que ele diz: «Então eliminamos a Lei por meio da fé?»

---

<sup>163</sup> Cf. James D. G. Dunn, *A Nova Perspectiva sobre Paulo*, trad. Monika Ottermann (Santo André, São Paulo: Editora Academia Cristã, Paulus Editora, 2011), 533.

<sup>164</sup> Cf. Matera, *Romans*, 101.

<sup>165</sup> Cf. Agostinho, *O espírito e a letra*, 29, 50, PL 44, 231.

<sup>166</sup> Cf. Dunn, *The Theology of Paul the Apostle*, 537.

<sup>167</sup> Cf. James D. G. Dunn, «The New Perspective on Paul». *Bulletin of the John Ryland's Library* 65 (1983): 122.

(Rom 3,31a). Paulo dá a seguinte resposta: «De modo algum! Pelo contrário, a confirmamos». (Rom 3,31b). Paulo utiliza o verbo ἱσtάνομεν (*histánomen*) que significa estabelecer, confirmar, tornar válido. Santo Agostinho, ao comentar, Rom 3,31 afirma o seguinte: «mas como haveria de se confirmar a Lei, senão pela justiça? Mas a justiça que se alcança pela fé; porque o que não pudera ser cumprido pela Lei, foi cumprido pela fé».<sup>168</sup> Esta resposta de Paulo está de acordo com o que ele irá afirmar mais adiante na Carta aos Romanos, em que ele irá afirmar que Cristo é o *telos* (fim ou meta) da Lei (Rom 10,4). Deste modo, para ajudar a compreender melhor como se pode confirmar a Lei por meio da fé, Paulo vai utilizar o exemplo de Abraão em Rom 4.<sup>169</sup>

Em suma, em Rom 3,27-31, Paulo analisa três pontos importantes. O primeiro é a importância da fé, como resposta humana à iniciativa divina, para a salvação dos homens. O segundo é o estatuto dos gentios, em que Paulo os coloca nas mesmas circunstâncias dos judeus, isto é, ambos são justificados com base na fé. O terceiro ponto é a relação entre a Lei e a fé, chegando-se à conclusão que a fé não anula, mas antes confirma a Lei.<sup>170</sup>

### **2.3.3. Rom 4,1-8: Abraão foi justificado pela fé**

Em Rom 4,1, Paulo utiliza o exemplo de Abraão, que era antepassado segundo a carne do povo de Israel e que era considerado o pai na fé deste povo. Os judeus orgulhavam-se de serem descendentes de Abraão (cf. Mt 3,9; Lc 3,8). Deste modo, Paulo começa por questionar se Abraão, que é considerado o pai do povo de Israel, se pode gloriar diante de Deus, tendo em conta as suas obras (Rom 4,2).

Quando o apóstolo Paulo utiliza a expressão ἐξ ἔργων (*ex ergōn*), em Rom 4,2, ele quer referir-se apenas às obras da Lei, pois somente este sentido se enquadra neste contexto. O judaísmo dessa época considerava que Abraão tinha observado antecipadamente a Lei. Para o povo judeu, se havia alguém que tinha motivos para se poder gloriar diante de Deus, Abraão era certamente essa pessoa. No entanto, Paulo não concorda com a concepção judaica da sua época, segundo a qual Abraão foi um observante da Lei.<sup>171</sup> Ao comentar Rom 4,2, Santo Agostinho considera que: «se Abraão conseguiu glória pelas obras da Lei, como que cumprindo a Lei mediante as suas próprias forças, quando ainda essa Lei não fora dada, a glória é de Deus,

---

<sup>168</sup> Agostinho, *Explicação de algumas proposições da Epístola aos Romanos*, 19, PL 35, 2066.

<sup>169</sup> Cf. Matera, *Romans*, 101.

<sup>170</sup> Cf. Jae Hyun Lee, *Paul's Gospel in Romans: a discourse analysis of Rom 1:16-8:39* (Leiden, Boston: Brill, 2010), 239.

<sup>171</sup> Cf. Fitzmyer, «Carta a los Romanos», 378.

não sua. Pois ele foi justificado não pelo seu mérito, como que pelas obras da Lei, mas pela graça de Deus, mediante a fé».<sup>172</sup>

Em Rom 4,3, Paulo vai citar a Escritura como prova da sua doutrina da justificação pela fé, independentemente das obras da Lei. Ele vai assim fazer uma exegese de Gen 15,6, que diz que «*Abraão acreditou em Deus e isso foi-lhe tido em conta de justiça*». O verbo ἐλογίσθη (*elogísthē*) significa ser contado, ser reconhecido<sup>173</sup>. Assim, para Paulo, a fé de Abraão contava com justiça. Abraão acreditou na promessa de Deus de que a sua descendência seria tão numerosa como as estrelas do céu (cf. Gen 15,5). O verbo acreditar (hebraico: אָמַן – *'āman*) aparece pela primeira vez na Escritura precisamente em Gen 15,6. Aqui, o verbo acreditar relaciona-se com a justiça, sendo esta uma das raras vezes que esta ligação ocorre no AT. Estes motivos indicam que Gen 15,6 é muito relevante como prova do AT da doutrina paulina da justificação pela fé.<sup>174</sup> De facto, Paulo utiliza este versículo tanto na Carta aos Romanos (em Rom 4,3) como na Carta aos Gálatas (em Gal 3,6).

Para podermos compreender a dimensão da fé de Abraão, precisamos de conhecer as circunstâncias do seu chamamento por parte de Deus. Anteriormente, Deus tinha chamado Abraão e tinha-lhe dito para que ele saísse da sua terra e da sua família e que fosse para uma terra indicada por Ele, prometendo fazer dele um grande povo e abençoá-lo (cf. Gen 12,1-2). Apesar de não conhecer esta terra, Abraão fiou-se plenamente da promessa de Deus e partiu, pondo-se a caminho. Mais tarde, Deus prometeu-lhe uma descendência tão numerosa como as estrelas do céu (cf. Gen 15,5), mesmo sabendo que Abraão e Sara, de idade avançada, não tinham nenhum filho, e que Sara era estéril. No entanto, Abraão esperou contra toda a esperança e, por isso, se diz que: «*Abraão acreditou em Deus e isso foi-lhe tido em conta de justiça*» (Gen 15,6).<sup>175</sup> Guillaume de Saint-Thierry descreve a fé de Abraão do seguinte modo:

«A fé de Abraão foi-lhe atribuída como justiça porque ele acreditou perfeitamente. Ele acreditou em Deus que lhe prometeu uma descendência; ele acreditou em Deus quando, saindo da sua terra e da sua parentela, ele obedeceu à ordem de ir para uma terra que ele não conhecia (cf. Gen 12,1-5) ou quando ele ofereceu o filho em quem ele tinha acolhido as promessas (cf. Gen 22, 1-18), ou ainda quando ele exultou ao pensar em ver o dia do Senhor, que ele viu e exultou de alegria (Jo 8,56).»<sup>176</sup>

---

<sup>172</sup> Agostinho, *Explicação de algumas proposições da Epístola aos Romanos*, 20, PL 35, 2066.

<sup>173</sup> Cf. Zerwick e Grosvenor, *Análisis gramatical del Griego del Nuevo Testamento*, 550.

<sup>174</sup> Cf. Moo, *The Epistle to the Romans*, 261.

<sup>175</sup> Cf. Kasper, *La fe que excede todo conocimiento*, 52.

<sup>176</sup> Guillaume de Saint-Thierry, *Exposé sur l'Épître aux Romains*, 249.

Ao utilizar este exemplo de Abraão, Paulo pode mostrar que a fé implica a confiança na palavra de Deus e a intenção de procurar ser-se fiel a ela. A fé é assim um fiar-se totalmente no chamamento e na promessa de Deus, é um apoiar-se e confiar somente na palavra de Deus e é um desligar-se de todas as seguranças humanas.<sup>177</sup> Para além desta confiança pessoal de Abraão em Iahweh, a fé também envolve ter esperança numa promessa que não tem qualquer possibilidade de ser garantida por nenhum ser humano (cf. Rom 4,18). Com este texto do AT, Paulo consegue provar que Abraão foi justificado pela fé, independentemente das suas obras, e que não tinha nenhum motivo para se gloriar diante de Deus.<sup>178</sup>

A seguir, Paulo vai afirmar que: «a quem faz um trabalho, o salário não lhe é atribuído como oferta, mas como um débito» (Rom 4,4). Com isto, ele pretende afirmar que quando alguém realiza um trabalho tem direito a um salário e, assim, este não lhe é dado como uma oferta. É assim que os homens recompensam os homens. Mas acontece que Deus nunca esteve em dívida para com Abraão e, deste modo, a sua justificação não deve ser vista como o pagamento de uma dívida. Deus concede aos homens, mediante a fé, a graça de viverem justamente. Logo, «quando agimos bem, uma vez que recebemos a graça, devemos atribuí-lo não a nós, mas àquele que nos justificou pela graça. Com efeito, se ele quisesse conceder a recompensa devida, daria aos pecadores o castigo devido».<sup>179</sup>

Depois, o apóstolo Paulo diz que: «a quem, porém, não trabalha, mas crê naquele que justifica o ímpio, a sua fé é-lhe tida em conta de justiça» (Rom 4,5). Neste caso, ele não quer afirmar que Abraão fosse ímpio no momento em que acreditou em Deus (cf. Gen 15,6), pois Abraão já tinha sido chamado por Deus anteriormente (cf. Gen 12,1). Com a expressão «aquele que justifica o ímpio», Paulo procura dizer genericamente que Deus pode converter o homem ímpio em piedoso, de modo a que este permaneça justo e piedoso diante de Deus, uma vez que Deus justifica-nos para sermos justos, e não para pensarmos que nos é lícito pecar.<sup>180</sup> Ao referir-se à fé como o início da justificação, que acredita no Deus que nos justifica, Orígenes vai afirmar que:

«esta fé, quando se encontra justificada, é como uma raiz que recebe a chuva na terra da alma, de maneira que quando começa a cultivar-se por meio da Lei de Deus, surgem dela ramos que carregam os frutos das obras. A raiz da justiça não deriva das obras, mas que da raiz da justiça

---

<sup>177</sup> Cf. Kasper, *La fe que excede todo conocimiento*, 52.

<sup>178</sup> Cf. Fitzmyer, «Carta a los Romanos», 378.

<sup>179</sup> Agostinho, *Explicação de algumas proposições da Epístola aos Romanos*, 21, PL 35, 2066.

<sup>180</sup> Cf. Agostinho, *Explicação de algumas proposições da Epístola aos Romanos*, 22, PL 35, 2066-2067.

«cresce o fruto das obras, ou seja, aquela raiz de justiça com a que Deus leva a justiça a quem a aceitou sem as obras».<sup>181</sup>

Paulo vai então tomar o exemplo de David, o qual: «proclama a bem-aventurança do homem a quem Deus atribui a justiça, independentemente das obras» (Rom 4,6). A seguir, ele vai citar o salmo 31(32). Para Paulo, tal como para os seus contemporâneos judeus, David era o autor dos Salmos. Por isso, é que ele coloca o nome de David antes de citar o salmo. Também é relevante o facto de Paulo colocar a expressão «independentemente das obras» imediatamente antes do salmo citado, fazendo assim antever a forma como ele vai interpretar este salmo.<sup>182</sup>

Quando Paulo cita o salmo 31(32), utiliza literalmente a versão dos LXX. O adjetivo μακάριος (*makários*), que aparece logo no início deste salmo, significa feliz, bem-aventurado. Este adjetivo remete-nos principalmente para as bem-aventuranças evangélicas (Mt 5,3-11; Lc 6,20-22), mas também existem outras bem-aventuranças no NT e no AT. Um facto relevante é que, em mais lado nenhum no AT, uma bem-aventurança se encontra associada à ideia do perdão dos pecados, à exceção deste salmo 31(32). Para além disso, não existe nenhum outro exemplo no NT em que uma bem-aventurança seja utilizada como argumento para a justificação pela fé.<sup>183</sup> Tal como Deus tinha tornado Abraão justo pela sua fé, independentemente dos seus atos meritórios, também os homens podem ser aceites por parte de Deus, independentemente dos seus méritos. Isto significa que o facto de não termos obras meritórias não impede que Deus nos aceite e nos justifique. Deus ama-nos tal como somos e, a partir desta experiência da misericórdia de Deus, podemos ser bem-aventurados e podemos-nos reconciliar com Deus, com os outros e com nós mesmos.

No salmo 31(32) são utilizados verbos importantes para a sua compreensão. Paulo utiliza os verbos perdoar, cobrir e não ter em conta, os quais permitem exprimir a remoção dos pecados, como um obstáculo entre Deus e os seres humanos. Isto não significa necessariamente que os pecados permaneçam e que Deus simplesmente os encobre, mas é antes uma forma de exprimir a remissão dos pecados. Tanto Abraão como David são uma prova de que o AT sustenta a doutrina paulina da justificação pela graça divina mediante a fé. Podemos assim afirmar que mediante a fé confirma-se a Lei (Rom 3,31).<sup>184</sup>

O apóstolo Paulo utiliza uma *gezerah shawah* em Rom 4,3.7-8. Como já referi anteriormente, a *gezerah shawah* compara duas ou mais passagens que têm em comum uma ou mais palavras, tirando daí uma conclusão. Paulo utiliza uma *gezerah shawah* de Gen 15,6 (em

---

<sup>181</sup> Orígenes, *Comentário sobre a Epístola aos Romanos*, 4, 1, PG 14, 965.

<sup>182</sup> Cf. Fitzmyer, «Carta a los Romanos», 379.

<sup>183</sup> Cf. Penna, *Lettera ai Romani*, 303.

<sup>184</sup> Cf. Fitzmyer, «Carta a los Romanos», 379.

Rom 4,3) e Sl 31(32),1-2 (em Rom 4,7-8), usando como termo comum o verbo *logízomai* (ser contado/dito). Ele procura demonstrar que o ato de crer em Deus «é contado» como justiça, não sendo considerado como uma boa obra que exija necessariamente uma recompensa divina. Conjugando Gen 15,6 e o Sl 31(32), Paulo demonstra que se perdoar corresponde a justificar e se resulta da gratuidade divina, logo a justificação também resulta daí. Deste modo, a fé não consiste numa obra que precisa de ser retribuída proporcionalmente. No Sl 31(32), David, que está submetido à lei mosaica, reconhece que, também para aqueles que estão submetidos à Lei, o perdão e a justiça não provêm das suas obras, mas são um ato gratuito, uma vez que os pecados, contrários à Lei, não «são contados». Desta forma, o exemplo de Abraão é válido para todos, judeus e gentios.<sup>185</sup>

Em Rom 4,1-8, temos as provas do AT acerca da justificação pela fé, independentemente das obras da Lei. A ato de acreditar é contado como justiça e a fé relaciona-se com a graça, na medida em que não é uma obrigação que confere o direito a uma recompensa.<sup>186</sup> Podemos assim afirmar que «não é a sequência obras-recompensa-vanglória a que tem valor religioso, mas a da fé-graça-agradecimento».<sup>187</sup>

#### **2.3.4. Rom 4,9-12: Abraão é o pai de todos os crentes**

O apóstolo Paulo, após ter citado o Sl 31(32), vai questionar-se se as bem-aventuranças proclamadas por David neste salmo se aplicam somente aos circuncidados ou também se aplicam em relação aos incircuncidados (Rom 4,9a). Ele coloca esta questão tendo em conta que não existe nada neste salmo que indique que esta felicidade se restrinja apenas aos circuncidados. Para além disso, ele também já tinha chegado à conclusão, em Rom 1-3, que todos pecaram, ou seja, não existe uma barreira étnica para o pecado e, deste modo, também não deve existir essa mesma barreira para o perdão dos pecados.<sup>188</sup>

Paulo volta novamente a referir-se a Gen 15,6, afirmando que a fé de Abraão lhe foi tida em conta de justiça (Rom 4,9b). Um judeu poderia concordar com os argumentos que o apóstolo Paulo utilizou até agora, mas ele poderia objetar que as bem-aventuranças do Sl 31(32), 1-2 se podiam aplicar apenas aos circuncidados. Mas Paulo, ao citar Gen 15,6, pretende demonstrar que a vontade salvífica de Deus é universal, uma vez que o texto de Gen 15,6 se refere a Abraão quando ele ainda estava incircuncidado.<sup>189</sup>

---

<sup>185</sup> Cf. Aletti, «Romanos», 1429.

<sup>186</sup> Cf. Aletti, «Romanos», 1429.

<sup>187</sup> Guijarro Santiago Oporto e Miguel Salvador García, *Comentario al Nuevo Testamento* (Madrid, Salamanca, Estella: Atenas, PPC, Sigueme, Verbo Divino, 1995), 427.

<sup>188</sup> Cf. Hahn, *Romans*, 62.

<sup>189</sup> Cf. Kuss, *Carta a los Romanos, Carta a los Corintios, Carta a los Gálatas*, 70.

Em Rom 4,10, Paulo pergunta quando é que a fé de Abraão lhe foi tida em conta de justiça, se antes ou depois de estar circuncidado. Ele responde logo de seguida que Abraão foi justificado pela fé quando ainda estava incircuncidado. A fé de Abraão foi-lhe tida em conta de justiça em Gen 15,6, enquanto que ele só foi circuncidado em Gen 17,9-14. Deste modo, consegue provar a partir das Escrituras que a justificação não se encontra associada à circuncisão e que, assim, Abraão se encontrava na mesma situação dos gentios quando foi justificado pela fé. Paulo apresenta aqui mais um argumento que aponta para o facto de que os seres humanos são justificados pela fé, independentemente das obras da Lei.<sup>190</sup>

A seguir, o apóstolo Paulo vai afirmar que a circuncisão de Abraão foi um selo, isto é, um indicador exterior da justiça que Abraão obteve pela fé quando ainda estava incircuncidado (Rom 4,11a). A circuncisão surge aqui como um selo que testemunha a aprovação por parte de Deus da fé de Abraão. Com isto, Paulo apresenta uma perceção diferente do judaísmo da sua época acerca da circuncisão. Por um lado, ele associa-a à justificação pela fé, como uma marca concreta e visível, que não é irrelevante. Mas, por outro, o fator decisivo já não é a circuncisão, mas a fé.<sup>191</sup> Surge então a seguinte questão: como podemos identificar a descendência que foi prometida a Abraão? Paulo vai então indicar que a paternidade de Abraão é essencialmente uma paternidade espiritual, ou seja, baseia-se na fé e não numa descendência biológica. Por isso, é que Abraão é o pai de todos aqueles que acreditam em Deus, mesmo estando incircuncidados (Rom 4,11b).

Após ter afirmado que Abraão é o pai dos crentes incircuncidados, isto é, dos cristãos gentios, a seguir, o apóstolo Paulo, em Rom 4,12, vai dizer que Abraão também é pai dos circuncidados, que não apenas receberam a circuncisão, mas que também seguem as pegadas da fé de Abraão, ou seja, os cristãos judeus. Eles são chamados a imitar a fé de Abraão, que ele começou a ter quando ainda estava incircuncidado. Isto permite aos crentes judeus assumir a sua circuncisão como um sinal da sua relação com Deus através da fé, e não como uma garantia que automaticamente lhes assegure que estão em comunhão com Deus.<sup>192</sup> Para além disso, em Rom 4,12, Paulo afirma claramente que os circuncidados que acreditam na promessa de Deus tal como fez Abraão, também são seus filhos. Isto permite descartar a hipótese de que a pertença ao povo da aliança estaria agora reservada apenas para os gentios.<sup>193</sup> Assim, Abraão é o pai de todos os crentes, incircuncidados e circuncidados.

---

<sup>190</sup> Cf. Hahn, *Romans*, 62.

<sup>191</sup> Cf. Penna, *Lettera ai Romani*, 308.

<sup>192</sup> Cf. Moo, *The Epistle to the Romans*, 271.

<sup>193</sup> Cf. Wright, *Paul and the faithfulness of God – parts III and IV*, 1004-1005.

### 2.3.5. Rom 4,13-18: A promessa de Deus a Abraão e aos seus descendentes

Paulo começa por afirmar que a promessa de Deus a Abraão, ou à sua descendência, de que havia de receber o mundo em herança, não foi feita através da Lei, mas através da justiça da fé (Rom 4,13). A palavra *ἐπαγγελία* (*epangelía*), que significa promessa, aparece aqui pela primeira vez na Carta aos Romanos.

A promessa de que Abraão iria herdar o mundo não aparece explicitamente na Escritura. Paulo pode estar aqui a usar uma tipologia. Em Gen 15,18-21, Deus prometeu a Abraão dar a terra onde ele residia à sua descendência, que na altura estava ocupada por dez nações. Paulo pode estar a olhar para Canaã como uma imagem do mundo. No entanto, em Sir 44,21, podemos vislumbrar uma extensão mais global da terra que Deus prometeu dar a Abraão, onde se diz que: «Deus prometeu-lhe (a Abraão) com juramento abençoar todas as nações na sua descendência, multiplicá-lo como o pó da terra e exaltar a sua posteridade como as estrelas, dar-lhe em herança o país, de um mar ao outro, desde o Rio até às extremidades da terra».<sup>194</sup>

Paulo diz que esta promessa de Deus a Abraão não foi feita através da Lei (*dià nóμου*), mas através da justiça da fé (*dia dikaiosynēs pisteōs*), pois, para ele, Abraão é o pai tanto dos gentios como dos judeus. Quando Abraão acreditou na promessa de Deus, a sua fé foi-lhe tida em conta de justiça, logo a promessa realiza-se através da justiça que vem da fé.<sup>195</sup> Ao esclarecer que a promessa de uma herança do mundo não vem através da Lei, Paulo quer dizer que nenhum dos preceitos da Lei se podem associar a esta promessa. Só a fé de Abraão poderia levar ao cumprimento da promessa de Deus.

Em Rom 4,14, Paulo afirma que caso os herdeiros sejam aqueles que o são em virtude da Lei, nesse caso a fé tornar-se-ia vazia e a promessa ficaria assim sem efeito. Como a promessa de Deus a Abraão foi feita antes da lei de Moisés, com um intervalo de tempo entre as duas de quatrocentos e trinta anos (cf. Gal 3,17), então a fé vem antes de Lei. Portanto, se os herdeiros fossem os da Lei, a fé seria inútil e ficaria vazia. Enquanto que a promessa requer uma fé como a que Abraão teve e se apoia em Deus, a Lei requer que se realizem as suas obras. Deste modo, a promessa ficaria sem efeito se fosse baseada na Lei. Podemos assim dizer que «a Lei requer obras, que eram exigidas aos judeus, o povo que adere à Lei; a promessa, contudo, requer uma fé confiante em Deus, que está aberta a todos, até para os gentios, que estão “fora da Lei”».<sup>196</sup> Se a herança fosse concedida tendo em conta a relação com a Lei, os conceitos de fé e promessa perderiam o seu significado teológico fundamental, uma vez que a promessa não

---

<sup>194</sup> Cf. Hahn, *Romans*, 64.

<sup>195</sup> Cf. Matera, *Romans*, 114.

<sup>196</sup> Hahn, *Romans*, 65.

se pode aplicar a algo que alguém tem o «direito a», nem o conceito de fé se pode utilizar para aquilo que é um «direito de nascença» ou um «salário».<sup>197</sup>

A seguir, Paulo vai dizer que «a Lei provoca a ira, mas onde não há Lei, não há transgressão» (Rom 4,15). Aqui, ele foca-se na natureza da Lei e evoca o tema da ira de Deus que foi desenvolvido anteriormente em Rom 1,18-3,20. A Lei tem uma função gnosiológica em relação ao pecado, ou seja, ela permite reconhecer o pecado (Rom 3,20). Logo, não pode haver transgressão contra a Lei onde não existe Lei, visto que as pessoas ignoram a vontade de Deus. No entanto, aqueles que conhecem a Lei, sabem quais são os seus preceitos e, por isso, podem transgredi-los conscientemente.<sup>198</sup> Consequentemente, um judeu, ao quebrar qualquer um dos preceitos da Lei e ao recusar o arrependimento, está a acumular a ira divina sobre si (cf. Rom 2,5).

Em Rom 4,16, Paulo vai explicar por que é que a promessa de Deus feita a Abraão vem através da fé, após ter explicado anteriormente por que ela não pode vir através da Lei. A promessa tem que se basear na fé, que está intimamente relacionada com a graça de Deus. Caso a promessa viesse através da Lei, então não poderia incluir aqueles que não estão sob o regime da lei mosaica, ou seja, os gentios. A promessa baseia-se na fé, que é a resposta adequada dos seres humanos para poderem receberem o dom gracioso da promessa de Deus. Deste modo, a promessa divina pode-se realizar em todos aqueles que acreditam e confiam em Deus do mesmo modo que Abraão acreditou.<sup>199</sup>

Os descendentes de Abraão não são só aqueles que vivem de acordo com a *Torah*, mas são aqueles que têm a fé de Abraão, que é o pai de todos, tanto dos cristãos judeus como dos cristãos gentios. A única maneira de que a promessa mantenha a sua validade é a fé. Deste modo, a fé permite que a promessa de Deus seja gratuita e esteja ao alcance de todos os crentes. São João Crisóstomo afirma o seguinte: «vês como a fé não só fortalece a Lei, mas que não deixa perecer a promessa de Deus; e, pelo contrário, a Lei observada fora do tempo, anula a fé e impede a promessa? Com isto prova que a fé, longe de ser coisa inútil e supérflua, é absolutamente necessária para salvar-se».<sup>200</sup> Paulo nega que a Lei possa determinar aqueles que devem ser contados entre os herdeiros de Abraão, pois isso iria anular a promessa de Deus a Abraão de uma descendência tão numerosa como as estrelas do céu (cf. Gen 15,5). Mas através da fé, a promessa pode-se cumprir para todos os descendentes de Abraão, não só para aqueles

---

<sup>197</sup> Cf. Moo, *The Epistle to the Romans*, 275.

<sup>198</sup> Cf. Matera, *Romans*, 114.

<sup>199</sup> Cf. Matera, *Romans*, 115.

<sup>200</sup> João Crisóstomo, *Homilias sobre a Epístola aos Romanos*, 8, 4, PG 60, 459.

segundo a Lei, mas também para aqueles que, independentemente da Lei, possuem a fé de Abraão.<sup>201</sup>

Em Rom 4,17, de modo a provar que Abraão «é o pai de todos nós» (Rom 4,16), o apóstolo Paulo vai citar Gen 17,5, onde se afirma: «Eu te constituí pai de muitos povos». No capítulo 17 do livro do Génesis, Deus estabelece a aliança da circuncisão com Abraão e os seus descendentes. No entanto, Paulo vai evocar aqui a paternidade universal de Abraão, em vez de se focar na aliança da circuncisão. Com isto, ele pretende dizer que Abraão não é somente o pai do povo de Israel, mas também é o pai de muitos povos. Esta paternidade de Abraão não é uma paternidade biológica, mas sim uma paternidade espiritual, ou seja, ele será pai de todos os que seguem o seu exemplo de fé.<sup>202</sup>

A seguir, o apóstolo Paulo vai dizer que o Deus em quem Abraão acreditava é o Deus que «faz viver os mortos e chama à existência as coisas que não existem» (Rom 4,17). Abraão acreditou no poder de Deus para realizar aquilo que é humanamente impossível, isto é, o poder de Deus lhe dar um filho na sua velhice e posteriormente lhe dar numerosos descendentes. Para Paulo, «apenas Deus, o criador e dador da vida, poderia realizar a Sua promessa a Abraão, cujo corpo com cerca de cem anos, já estava morto (Rom 4,19)».<sup>203</sup>

Depois, Paulo vai afirmar que Abraão, «esperando contra toda a esperança, acreditou e tornou-se assim pai de muitos povos» (Rom 4,18a). Abraão tinha muitas razões para não acreditar que fosse possível que ele alguma vez pudesse ter uma descendência. No entanto, mesmo contra todas as expectativas, ele acreditou em Deus e confiou na Sua promessa. Ele soube esperar na palavra de Deus e acreditou no Seu poder criador para realizar aquilo que humanamente parecia impossível. Em Rom 4,18, Paulo associa a fé com a esperança, na medida em que a fé confia e espera naquele que promete, ou seja, é uma fé que espera mesmo quando não há motivos para esperar. Orígenes, ao comentar Rom 4,18, vai afirmar que «como Abraão “acreditou contra toda a esperança”, assim todos os que são filhos de Abraão pela fé confiam na esperança, contra toda a esperança, de cada um dos que creem, da ressurreição dos mortos, da herança do reino dos céus».<sup>204</sup>

Depois, Paulo vai citar Gen 15,5, em que Deus disse a Abraão para levantar os olhos para o céu estrelado e contar as estrelas e, de seguida, promete-lhe que: «Assim será a tua descendência» (Rom 4,18b). Esta promessa divina foi feita a Abraão, que acolhe a palavra de

---

<sup>201</sup> Cf. Dunn, *The Theology of Paul the Apostle*, 378.

<sup>202</sup> Cf. Matera, *Romans*, 115.

<sup>203</sup> Hahn, *Romans*, 66.

<sup>204</sup> Orígenes, *Comentário sobre a Epístola aos Romanos*, 4, 6, PG 14, 980-981.

Deus incondicionalmente e com uma confiança ilimitada, mesmo contra todas as expectativas.<sup>205</sup> Eis a natureza radical da fé de Abraão perante a promessa de Deus.

### 2.3.6. Rom 4,19-25: Da fé de Abraão à fé cristã

Em Rom 4,19, Paulo afirma que Abraão não vacilou na fé ao ver como estava morto (*nēnēkrōménon*) o seu corpo, com cerca de cem anos, tal como estava morto (*nēkrōsin*) o seio da sua mulher Sara. Aqui, é feita uma referência a Gen 17, quando Abraão se prostra com o rosto por terra e se ri perante a notícia de que ele, com cem anos, e Sara, com noventa anos, iriam ter um filho. (cf. Gen 17,17). O apóstolo Paulo usa a palavra *νέκρωσις* (*nēkrōsis*) para se referir ao corpo de Abraão e ao seio de Sara. Esta é uma palavra que raramente é utilizada na Escritura. Para além deste versículo, a sua única outra ocorrência em toda a Bíblia grega, tanto no AT como no NT, é em 2 Cor 4,10, onde se refere que os apóstolos levam sempre no seu corpo a morte de Jesus para que a vida de Jesus também seja manifestada no seu corpo. Em Rom 4,19, quando se usa a palavra *nēkrōsis*, pretende-se destacar a natureza extraordinária da fé de Abraão. Apesar de um ponto de vista humano não haver qualquer esperança para uma vida nova nascida de um corpo morto, ele não vacilou na fé e acreditou em Deus e no Seu poder para dar vida aos mortos.<sup>206</sup> A fé cristã, tal como a de Abraão, precisa de consistir numa confiança que «não pode ser senão em conjugação com uma promessa que está por realizar no futuro. Abraão teve que confiar na promessa de que Deus iria fazer surgir uma semente para ele apesar do seu “corpo já morto” e do ventre também já morto de Sara».<sup>207</sup>

A seguir, o apóstolo Paulo vai dizer que Abraão, «diante da promessa de Deus, não duvidou por falta de fé, mas fortaleceu-se na fé, dando glória a Deus» (Rom 4,20). Aqui é estabelecido um contraste entre a fé (*pístis*) e a falta de fé (*apistía*), para demonstrar que, perante a promessa divina, a sua fé não permitiu que ele duvidasse e vacilasse, mas que fosse fortalecido. Abraão acreditou na promessa, «apesar de Deus não lhe ter dado demonstração alguma, nem feito nenhum milagre, mas não disse mais do que simples palavras, que prometiam coisas que a natureza não podia dar».<sup>208</sup>

Com a sua fé, Abraão deu «glória a Deus (Rom 4,20). A palavra glória traduz a palavra grega *dóxa*, que, por sua vez, traduz a palavra hebraica *kābôd*, que exprime a homenagem que é devida a Deus pelo Seu «peso», ou seja, trata-se de entender seriamente quem é Deus na Sua

---

<sup>205</sup> Cf. Oporto e García, *Comentario al Nuevo Testamento*, 428.

<sup>206</sup> Cf. Matera, *Romans*, 116-117.

<sup>207</sup> Tarazi, *The Chrysostom Bible – Romans: A Commentary*, 102-103.

<sup>208</sup> João Crisóstomo, *Homilias sobre a Epístola aos Romanos*, 8, 5, PG 60, 461.

grandeza e alteridade em relação aos seres humanos, e não se trata somente de louvá-l'O.<sup>209</sup> A glória que Abraão deu a Deus traduz a sua resposta de gratidão e reconhecimento relativamente a Ele. Deste modo, a justiça que é tida em conta a Abraão atribui-se a esta sua resposta perante Deus. É a fé de Abraão diante da sua situação de morte, que não duvida da fidelidade de Deus, que dá glória a Deus. Ele glorificou a Deus porque acreditou na Sua promessa, mesmo quando não havia nenhuma razão humana para haver esperança.

Em Rom 4,21, o apóstolo Paulo vai explicar porque Abraão não duvidou da promessa divina e deu glória a Deus pela sua fé. A razão é que Abraão estava «convencido de que Ele era capaz de cumprir o que prometeu». (Rom 4,21). Perante o seu corpo já morto, Abraão acreditou no Deus que faz viver os mortos. Ele confiou e pôde experimentar que Deus é o único que dá vida aos mortos e chama à existência o que não existe (Rom 4,17).<sup>210</sup> Quando Paulo diz que Abraão estava «plenamente convencido» refere-se à convicção plena de Abraão de que Deus é capaz de cumprir a Sua promessa inaudita.<sup>211</sup>

A seguir, após ter descrito a fé de Abraão, Paulo vai concluir que esta foi «a razão pela qual isso lhe foi tido em conta de justiça» (Rom 4,22). Aqui, é citada a segunda parte de Gen 15,6. A justiça é atribuída por Deus a Abraão como um dom, uma vez que ele acreditou no Deus que é fiel e tem poder para cumprir a Sua promessa, dando vida aos mortos. O judaísmo daquela época, ao interpretar o texto de Gen 15,6, pensava que Deus tinha atribuído um ato de justiça a Abraão como uma boa obra. Já o apóstolo Paulo vai interpretar este texto com base na sua doutrina da justificação pela fé.<sup>212</sup>

Em Rom 4,23-24, o apóstolo Paulo vai afirmar que a justiça que Deus atribuiu a Abraão, como um dom, perante a sua fé, não diz respeito somente a Abraão, mas também aos seus descendentes. A estes é-lhe pedida uma fé indefetível como a de Abraão, mesmo perante as piores dificuldades.<sup>213</sup> Paulo utilizou a fé de Abraão como exemplo para usá-la como modelo para a fé cristã, na medida em que os cristãos, tal como Abraão, acreditam no mesmo Deus que faz viver os mortos, no Deus que «ressuscitou dos mortos, Jesus, nosso Senhor» (Rom 4,24). Deste modo, no julgamento escatológico, será atribuída a justiça aos cristãos que tiveram a fé de Abraão.<sup>214</sup>

Paulo aplica o texto de Gen 15,6 não só a Abraão, mas também a todos os cristãos, aos quais lhes será tida em conta de justiça a sua fé no Deus que ressuscitou Jesus dos mortos. Por

---

<sup>209</sup> Cf. Penna, *Lettera ai Romani*, 327.

<sup>210</sup> Cf. Matera, *Romans*, 117.

<sup>211</sup> Cf. Penna, *Lettera ai Romani*, 327.

<sup>212</sup> Cf. Matera, *Romans*, 117.

<sup>213</sup> Cf. André Viard, *Saint Paul: Épitre aux Romains* (Paris: Librairie Lecoffre, 1975), 122-123.

<sup>214</sup> Cf. Fitzmyer, «Carta a los Romanos», 380.

um lado, o Deus dos cristãos é o Deus de Abraão, ou seja, é Aquele que cumpre sempre as Suas promessas. Por outro lado, o Deus de Abraão é o Deus dos cristãos, ou seja, é Aquele que faz viver os mortos. Podemos assim afirmar que a fé de Abraão no Deus que dá vida aos mortos é uma prefiguração da fé cristã no Deus que ressuscitou dos mortos Jesus.<sup>215</sup> Orígenes, ao comentar Rom 4,24, afirma que «o Apóstolo, ao chamar Deus, a quem acreditamos e a quem Abraão acreditou, não disse: aos que creem no Deus Altíssimo, ou aos que creem n’Aquele que fez o céu e a terra, ou n’Aquele que fez os anjos e as restantes potências da glória celeste, mas disse: “Aquele que ressuscitou o Senhor Jesus de entre os mortos”».<sup>216</sup>

O apóstolo Paulo termina o capítulo 4 da Carta aos Romanos com a afirmação de que Jesus «foi entregue pelas nossas faltas e ressuscitado para nossa justificação» (Rom 4,25). Ao dizer que Jesus foi «entregue» (*paredothē*) pelas nossas «faltas» (*paraptōmata*), Paulo está a usar a voz passiva, apontando assim para a iniciativa divina na obra da salvação. Deus entrega o Seu Filho, que se doa totalmente e morre na cruz pelos nossos pecados. Mas Jesus também foi ressuscitado (*ēgerthē*) para nossa justificação (*dikaiōsin*). É de notar que, apesar da doutrina da justificação desempenhar um papel central na Carta aos Romanos, a palavra «justificação» aparece apenas aqui e em Rom 5,18.<sup>217</sup> Em Rom 4,25, Paulo evoca Is 53,4-5.11-12, em que Cristo assume o papel do Servo de Iahweh, que tira o pecado dos homens e alcança a sua justificação. É de notar ainda que neste versículo a preposição *διὰ* (*dià*) é usada duas vezes: uma para se referir à entrega de Jesus pelos pecados dos homens e outra para mencionar a ressurreição de Jesus para a justificação dos seres humanos. A utilização dupla da preposição *dià* neste versículo, de acordo com vários exegetas, tem um significado diferente, sendo que no primeiro caso tem um uso causal («por causa das nossas faltas») e no segundo caso é utilizada como preposição final («para nossa justificação»)<sup>218</sup> Paulo termina assim o capítulo 4 de Rom com a referência ao mistério pascal, que é o mistério central da fé cristã. A cruz e a ressurreição encontram-se estreitamente associadas e não se devem separar, uma vez que constituem duas fases do mesmo acontecimento salvífico.

## 2.4. Síntese

Em Rom 3,21-26, Paulo afirma que a justiça salvífica de Deus se manifestou através da fé em Jesus Cristo e da Sua fidelidade a Deus, ou seja, através da Sua morte na cruz, Jesus foi fiel a Deus e cumpriu o Seu desígnio salvífico para toda a humanidade. Todos aqueles que

---

<sup>215</sup> Cf. Fitzmyer, «Carta a los Romanos», 380.

<sup>216</sup> Orígenes, *Comentário sobre a Epístola aos Romanos*, 4, 7, PG 14, 984.

<sup>217</sup> Cf. Matera, *Romans*, 118.

<sup>218</sup> Cf. Fitzmyer, «Carta a los Romanos», 380-381.

acreditarem em Jesus Cristo podem receber, como dom, esta justiça divina, que se manifestou independentemente da Lei, mas não em oposição à Lei. Através de Jesus, Deus justificou, redimiu e reconciliou os seres humanos consigo, perdoados-lhes os pecados. O apóstolo Paulo utiliza três metáforas para exprimir a salvação manifestada em Cristo: justificação, redenção e expiação.

Em Cristo crucificado e ressuscitado, Deus manifestou definitivamente o Seu amor e a Sua fidelidade para com todos os seres humanos, sem distinção, judeus e gentios. Deus justificou-nos pela Sua graça em virtude da redenção realizada em Cristo. Os pecados dos homens foram julgados. Este julgamento é o perdão para todos aqueles que o quiserem receber gratuitamente, colocando a sua fé em Jesus Cristo. A humanidade foi assim absolvida dos pecados por causa do que Deus realizou em Cristo e não por causa dos méritos humanos. Fomos justificados sem o merecermos. Deus redimiu toda humanidade em Jesus Cristo, libertando-a da escravidão do pecado, sob cujo domínio todos se encontravam anteriormente. Deus mostra assim a Sua fidelidade ao longo da história da salvação, pois tal como Ele tinha redimido Israel da escravidão do Egito e do exílio, agora Deus redime todos os seres humanos, judeus e gentios, da escravidão do pecado. Em Cristo, os pecados dos homens foram expiados, pois Deus expôs o Seu Filho como propiciatório, na cruz, que foi aspergida com o sangue de Cristo. Desta forma, Deus apropria-se novamente do Seu povo, perdoados os pecados dos homens e reconciliando-os consigo.

Em Rom 3,27-31, Paulo recorda que ninguém se pode gloriar diante de Deus. Isto pode ser facilmente compreendido à luz do que foi dito anteriormente sobre a morte de Cristo na cruz, na qual todos nós fomos cúmplices pelos nossos pecados. Foi em virtude da redenção realizada em Jesus Cristo na cruz que Deus justificou a humanidade. Isto é um dom gratuito de Deus que pode ser recebido pela fé. Como afirma o Concílio de Trento, «somos justificados pela fé, porque a fé é o princípio da salvação humana, o fundamento e raiz de toda a justificação» (DS 1532). Por isso é que Paulo vai poder afirmar mais tarde que a vida moral é um culto espiritual oferecido a Deus (cf. Rom 12,1), ou seja, é uma resposta de agradecimento pelo que Deus realizou em Cristo em nosso favor.

Aparentemente, aquilo que Paulo diz em Rom 3,27-31, parece contradizer o AT, pois Deus tinha estabelecido uma aliança com o povo de Israel no monte Sinai e a observância da Lei permitia aos judeus manter-se nesta aliança. Mas agora Paulo vai afirmar que os todos seres humanos, judeus e gentios, são justificados pela fé, independentemente das obras da Lei. O povo de Israel apoiava-se na sua condição exclusiva em relação às outras nações e isso tinha-se tornado numa perversão da essência do chamamento, da promessa e da eleição de Deus como

um ato da Sua livre graça.<sup>219</sup> Esta restritividade de Israel precisava de ser ultrapassada, pois Deus, que é o único Deus de todos, justifica igualmente os judeus e os gentios pela fé. Parece que esta noção de fé anula a lei mosaica. Para responder a esta problemática, o apóstolo Paulo vai fazer uma releitura do AT à luz da salvação manifestada agora em Jesus Cristo, na qual ele evidencia que Deus sempre requereu do Seu povo a fé. Para isso, no capítulo 4 da Carta aos Romanos, Paulo vai dar o exemplo de Abraão, como modelo de fé.

Em Rom 4,1-8, Paulo vai demonstrar que Abraão foi justificado pela fé. Ele não tinha qualquer motivo para se gloriar diante de Deus, uma vez que foi a sua fé que lhe foi gratuitamente tida em conta de justiça, tal como se pode proclamar a felicidade de alguém cujos pecados não são tidos em conta porque foram gratuitamente perdoados e cobertos.

Em Rom 4,9-12, o apóstolo Paulo vai mostrar que Abraão é o pai de todos os crentes, tanto dos circuncidados como dos incircuncidados. A justiça divina foi atribuída a Abraão por causa da sua fé, antes de ele ter sido circuncidado. Por isso, ele é considerado o pai dos crentes incircuncidados, ou seja, dos cristãos gentios. Mas Abraão também é o pai dos crentes circuncidados que têm a mesma fé que Abraão teve, isto é, os cristãos judeus. Deste modo, a fé não anula a Lei, mas antes a confirma.

A seguir, em Rom 4,13-18, Paulo vai focar-se na promessa que Deus fez a Abraão e aos seus descendentes e na natureza extraordinária da fé de Abraão. A promessa que Deus fez a Abraão baseia-se na fé e não na Lei, visto que a lei mosaica exclui todos aqueles que não pertencem ao povo de Israel, enquanto que a fé inclui todos os que acreditam, mesmo aqueles que não são circuncidados. A promessa de Deus a Abraão tem um alcance universal, pois engloba todos os que têm uma fé como a de Abraão, uma fé no Deus que dá vida aos mortos e que nos permite assim esperar contra toda a esperança.

Em Rom 4,19-22, o apóstolo Paulo vai afirmar que a fé de Abraão lhe foi tida em conta de justiça, uma vez que ele acreditou que Deus tinha poder para cumprir as Suas promessas e que lhe poderia dar uma descendência numerosa, mesmo perante o seu corpo já morto e o seio estéril e sem vida da sua mulher Sara. Assim, Abraão acreditou no Deus que dá vida aos mortos.

Em Rom 4,23-25, Paulo conclui que os cristãos são chamados a ter a mesma fé de Abraão. Tal como Abraão acreditou no Deus fiel que cumpre as Suas promessas e faz viver os mortos, também os cristãos são chamados a acreditar no Deus que ressuscitou Jesus dos mortos. O Deus de Abraão é o mesmo Deus dos cristãos, que continua a realizar a Sua obra de salvação com o Seu povo. Nós, cristãos, somos chamados a acreditar e confiar em Deus que nos

---

<sup>219</sup> Cf. Dunn, *A Nova Perspectiva sobre Paulo*, 544.

demonstrou a Sua fidelidade e amor através da morte do Seu Filho Jesus Cristo na cruz por causa dos nossos pecados e da Sua ressurreição para a nossa justificação.

## CONCLUSÃO

A fé, segundo Rom 3,21-4,25, consiste fundamentalmente na confiança que os cristãos colocam em Deus devido à Sua fidelidade manifestada no Seu Filho Jesus Cristo, sobretudo através da Sua morte na cruz e ressurreição. A justiça salvífica de Deus opera pela fé em Jesus Cristo, que gratuitamente justifica, redime e expia os pecados de todos aqueles que creem Nele. A fé que os cristãos são chamados a ter em Jesus Cristo é a mesma fé que Abraão teve em Deus, uma vez que o Deus dos cristãos é o mesmo Deus de Abraão, é Aquele que cumpre sempre as Suas promessas e que dá vida aos mortos, é Aquele que ressuscitou Jesus dos mortos para a nossa justificação.

No primeiro capítulo, vimos que a comunidade cristã de Roma era constituída por cristãos judeus e gentios, na qual devem ter ocorrido divisões e tensões entre aqueles que observavam a Lei e aqueles que não eram observantes da Lei. O apóstolo Paulo procura uni-los em Cristo. O texto de Rom 3,21-4,25 situa-se no segundo bloco da primeira parte da *probatio* da Carta aos Romanos. Aqui, após ter concluído que, sem o Evangelho, a ira de Deus se manifesta igualmente para todos os seres humanos, tanto os judeus como os gentios (cf. Rom 1,18-3,20), o apóstolo Paulo vai apresentar a sua doutrina da justificação pela fé, sem as obras da Lei, para todos, judeus e gentios. Para Paulo, a justiça divina manifesta-se em Jesus Cristo e pode ser recebida pela fé. Depois, ele apresenta o exemplo de Abraão, que foi justificado pela fé.

A seguir, vimos como ao longo da história da salvação no AT se manifestou a fidelidade de Deus, à qual o povo de Israel era chamado a responder pela fé. Apesar das muitas infidelidades do Seu povo, Deus permaneceu sempre fiel e nunca desistiu do Seu povo eleito. No AT, a fé pode ser descrita como a confiança nas promessas de Deus, o apoiar-se apenas Nele e o abandono em Deus que conduz a história e estabelece a Sua aliança, primeiro, com os patriarcas e, depois, como o povo de Israel. Deste modo, perante o plano salvífico que Deus vai estabelecendo com os homens, estes devem responder pela fé.

Depois, verificámos que o conceito de fé no AT e no NT, por um lado, apresenta uma continuidade, uma vez que o conceito neotestamentário de fé inclui o significado veterotestamentário de fé, obediência, confiança, esperança, fidelidade. No entanto, por outro lado, verifica-se um desenvolvimento posterior, pois no NT há uma centralização cristológica da fé, ou seja, a fé neotestamentária está sempre associada a Jesus Cristo. O apóstolo Paulo vai assumir o significado geral da fé cristã como a aceitação do *kerygma*, isto é, a aceitação da mensagem sobre a ação salvífica de Deus em Cristo, que é a proclamação apostólica de Jesus crucificado e ressuscitado. A principal novidade de Paulo para o conceito de fé no NT foi a

associação da fé com a justiça e a justificação (cf. Rom 3,21-4,25; Gal 3,6-14). Esta sua ênfase na justificação pela fé foi a sua forma de combater a relevância que era colocada na justificação pelas obras da Lei.

No segundo capítulo deste trabalho, verificámos que, dentro da estrutura retórica estratificada da Carta aos Romanos, o texto de Rom 3,21-4,25 apresenta-se como uma unidade argumentativa com a sua *subpropositio* (Rom 3,21-22a) e a respetiva *subprobatio* (Rom 3,22b-4,22) e *subperoratio* (Rom 4,23-25). Na *subpropositio*, Paulo afirma que a justiça de Deus se manifesta independentemente da lei mosaica, que ela é confirmada pelo testemunho da Sagrada Escritura e indica a causa instrumental (fidelidade de Jesus Cristo) e os recetores (todos os que creem em Jesus) da justiça de Deus. Depois, na *subpropositio*, o apóstolo Paulo vai recorrer a três tipos de provas. Primeiro, ele apresenta as provas baseadas nos factos, mostrando a obra de Deus em Cristo em favor dos homens (Rom 3,22b-26). Depois, são apresentados os princípios da justificação pela fé (Rom 3,27-31). Em terceiro lugar, Paulo recorre à autoridade da Escritura, apresentando o exemplo de fé de Abraão (Rom 4,1-22). Aqui podemos distinguir duas partes. A primeira (Rom 4,1-12) mostra como Abraão foi justificado (pela fé, independentemente das obras – Rom 4,1-8) e quando ele foi justificado pela fé (antes da sua circuncisão – Rom 4,9-12). A segunda parte (Rom 4,13-22) foca-se no conteúdo do ato de crer, estabelecendo uma separação entre a fé e a Lei (Rom 4,13-18) e enunciando alguns elementos fundamentais do ato de crer (Rom 4,19-22). Por último, temos a *subperoratio*, na qual Paulo parte da fé de Abraão para chegar à fé cristã, mostrando que, como Abraão acreditou no Deus que é fiel às Suas promessas e que faz viver os mortos, também os cristãos acreditam neste mesmo Deus, que ressuscitou Jesus dos mortos.

A seguir, no comentário de Rom 3,21-26, vimos que Deus manifestou a Sua justiça salvífica na fidelidade de Jesus Cristo, através da Sua morte redentora na cruz, que expia os nossos pecados. Esta justiça divina torna-se efetiva para todos aqueles que acreditam e colocam a sua confiança em Jesus Cristo, que nos justifica gratuitamente. Pela fé, os cristãos podem participar na morte e ressurreição de Cristo. Quem acredita em Jesus pode ser liberto da escravidão do pecado e ter os seus pecados perdoados, fazendo assim a experiência do amor e da salvação divina.

Em Rom 3,27-31, pudemos chegar à conclusão de que não existe qualquer motivo para alguém se gloriar diante de Deus, pois todos os seres humanos, judeus e gentios, são justificados igualmente pela fé, sem as obras da Lei. Existe um único Deus, que justifica os judeus e os gentios da mesma forma, com base na fé. Paulo não pretende que a Lei seja negada, como uma lei divina. Ele apenas pretende evitar que a Lei seja apropriada pelo povo judeu como uma sua

prerrogativa especial. É neste contexto, em que Paulo procura combater a restritividade de Israel, que se deve situar a sua doutrina da justificação pela fé.

No capítulo 4 da Carta aos Romanos, o apóstolo Paulo utiliza o exemplo de Abraão como modelo de fé, mostrando assim que a sua doutrina da justificação pela fé não anula a Lei, mas antes a confirma. Em Rom 4,1-8, Paulo prova que Abraão foi justificado pela fé, utilizando Gen 15,6 como texto-chave para a sua exegese. Abraão não se podia gloriar perante Deus pelas suas obras, já que foi a sua fé que lhe foi gratuitamente tida em conta de justiça. Em Rom 4,9-12, Paulo demonstra que Abraão foi justificado pela fé, antes de ele ter sido circuncidado. Por esta razão, ele é considerado o pai de todos os crentes, tanto dos circuncidados como dos incircuncidados.

A seguir, em Rom 4,13-18, Paulo mostra que a promessa que Deus fez a Abraão se baseia na fé e não na Lei, na medida em que a lei mosaica exclui aqueles que não pertencem ao povo de Israel, enquanto que a fé inclui todos aqueles que acreditam. Desta maneira, a promessa de Deus a Abraão inclui todos os que têm a fé de Abraão, ou seja, aqueles que acreditam no Deus que dá vida aos mortos e que assim lhes permite esperar contra toda a esperança. Podemos assim afirmar que «o mesmo Deus que pede a Abraão para se confiar totalmente a Ele, revela-Se como a fonte donde provém toda a vida. Desta forma, a fé une-se com a Paternidade de Deus, da qual brota a criação: o Deus que chama Abraão é o Deus criador, aquele que “chama à existência o que não existe” (Rm 4, 17)» (*Lumen Fidei* 11).

Por último, em Rom 4,19-25, o apóstolo Paulo vai partir da fé de Abraão para chegar à fé cristã. Abraão acreditou que Deus tinha poder para cumprir as Suas promessas e que lhe poderia dar uma descendência numerosa, mesmo perante o seu corpo já morto e o seio estéril e sem vida da sua mulher Sara. Por isso, a sua fé foi-lhe tida em conta de justiça. O Deus de Abraão é o mesmo Deus dos cristãos, é o Deus fiel que cumpre as Suas promessas e dá vida aos mortos. Deste modo, os cristãos são chamados a ter a mesma fé de Abraão, são chamados a acreditar no Deus que ressuscitou Jesus dos mortos. Deus demonstrou-nos a Sua fidelidade e o Seu amor através da morte do Seu Filho Jesus Cristo na cruz por causa dos nossos pecados e da Sua ressurreição para a nossa justificação.

Assim, a salvação manifestada em Jesus Cristo permite-nos confiar em Deus, mesmo diante das tribulações deste mundo. Estamos rodeados por várias testemunhas de fé, como «Abraão, que acreditou, “esperando contra toda a esperança” (Rom 4,18); a Virgem Maria que, na peregrinação da fé, foi até à noite da fé, comungando no sofrimento do seu Filho e na noite do seu sepulcro; e tantas outras testemunhas da fé» (CIC 165).

## **BIBLIOGRAFIA**

### **I. Fontes**

Alt, A., O. Eißfeldt, P. Kahle e R. Kittel. *Biblia Hebraica Stuttgartensia*. 4ª edição revista. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1990.

*Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 2012.

Nestle-Aland. *Novum Testamentum Graece*. 28ª edição revista. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 2012.

Rahlfs, A. *Septuaginta*. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1979.

### **II. Instrumentos**

Arndt, William F. e F. Wilbur Gingrich. *A Greek-English Lexicon of the New Testament and other Early Christian Literature*. Chicago: The University of Chicago Press, 1957.

Balz, Horst e Gerhard Schneider (eds.). *Diccionario Exegetico del Nuevo Testamento*. Vol. II. Traduzido por Constantino Ruiz-Garrido. Salamanca: Ediciones Sigueme, 1998.

Botterweck, G. Johannes e Helmer Ringgren. *Theological Dictionary of the Old Testament*. Vol. I. Traduzido por John T. Willis. Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Company, 2011.

Clines, David J. A. (ed.). *The Dictionary of Classical Hebrew*. Sheffield: Sheffield Academic Press, 1993.

Even-Shoshan, Abraham (ed.). *A new concordance of the Bible: thesaurus of the language of the Bible Hebrew and Aramaic roots, words, proper names, phrases and synonyms*. Jerusalem: Kiryat Sefer Publishing House Ltd., 1996.

Hatch, Edwin e Henry A. Redpath. *A concordance to the Septuagint and the other Greek versions of the Old Testament*. 2ª ed. Grand Rapids: Baker Books, 1998.

Kittel, Gerhard e Gerhard Friedrich. *Grande Lessico del Nuovo Testamento*. Vol. X. Brescia: Paidea, 1975.

Koehler, Ludwig e Walter Baumgartner. *The Hebrew and Aramaic Lexicon of the Old Testament*. Vol. I e II. Traduzido por M. E. J. Richardson. Leiden: Brill, 2001.

Marshall, I. Howard (ed.). *Concordance to the Greek New Testament*. 6ª ed. London: T&T Clark Ltd, 2002.

Muraoka, Takamitsu. *A Greek-English Lexicon of the Septuaginta*. Louvain: Peeters, 2009.

Zerwick, Max e Mary Grosvenor. *Análisis gramatical del Griego del Nuevo Testamento*. Traduzido por José Pérez Escobar. Estella: Editorial Verbo Divino, 2008.

### III. Estudos

Agostinho. *O espírito e a letra*. PL 44, 201-246.

————— *Explicação de algumas proposições da Epístola aos Romanos*. PL 35, 2063-2088.

Aguilar, José Enrique e Felipe de Jesús Legarreta. *Introducción a Pablo. Romanos y Gálatas*. Estella: Editorial Verbo Divino, 2018.

Aletti, Jean Noël. *God's justice in Romans: Keys for interpreting the Epistle to the Romans*. Roma: Gregorian & Biblical Press, 2010.

————— *Justification by faith in the Letters of Saint Paul: keys to interpretation*. Roma: Gregorian & Biblical Press, 2015.

————— «Romanos». Em *Comentario Bíblico Internacional*, editado por William R. Farmer, 1416-1458. Estella: Editorial Verbo Divino, 2013.

Barclay, John M. G. *Paul and the Gift*. Grand Rapids, Cambridge: William B. Eerdmans Publishing Company, 2015.

Barth, Gerhard. «πίστις/pístis». Em *Diccionario Exegetico del Nuevo Testamento*. Ed. Horst Balz e Gerhard Schneider. Vol. II: 942-961. Salamanca: Ediciones Sigueme, 1998.

Basta, Pasquale. «Paul and the *gezerah shawah*: a judaic method in the service of justification by faith». Em *Paul's Jewish Matrix*, editado por Thomas G. Casey e Justin Taylor, 123-165. Roma: Gregorian & Biblical Press, 2011.

Beinert, Wolfgang. *Diccionario de Teología Dogmática*. Barcelona: Editorial Herder, 1990.

————— «Fe». Em *Diccionario de Teología Dogmática*. Ed. Wolfgang Beinert. 288-292. Barcelona: Editorial Herder, 1990.

Bento XVI. *Paulo, o Apóstolo dos Gentios*. Lisboa: Paulus Editora, 2008.

Bianchini, Francesco. *L'Apóstolo Paolo e le sue lettere: Introduzione al Corpus Paulinum*. Città del Vaticano: Urbaniana University Press, 2019.

Born, A. Van Den. *Dicionário Enciclopédico da Bíblia*. Traduzido por Frederico Stein. Petrópolis: Editôra Vozes Ltda., 1971.

Bray, Gerald. *Romanos: La Biblia comentada por los Padres de la Iglesia – Nuevo Testamento 6*. Madrid: Editorial Ciudad Nueva, 2000.

Brown, Raymond E. *Introduzione al Nuovo Testamento*. Brescia: Editrice Queriniana, 2016.

Brown, Raymond E., Joseph A. Fitzmyer e Roland E. Murphy (eds.). *Nuevo Comentario Bíblico San Jerónimo*. Estella: Editorial Verbo Divino, 2004.

Bultmann, Rudolf. «πιστεύω/pisteuō, πίστις/pístis». Em *Grande Lessico del Nuovo Testamento*. Ed. Gerhard Kittel e Gerhard Friedrich. Vol. X: 337-488. Brescia: Paidea, 1975.

Carvalho, José Carlos. *Introdução às Cartas Autor(i)ais de Paulo*. Porto: Universidade Católica Editora, 2017.

Casey, Thomas G. e Justin Taylor (eds.). *Paul's Jewish Matrix*. Roma: Gregorian & Biblical Press, 2011.

Chiu, José Enrique Aguilar, Richard J. Clifford, Carol J. Dempsey, Eileen M. Schuller, Thomas D. Stegman e Ronald D. Witherup. *The Paulist Biblical Commentary*. New York, Mahwah: Paulist Press, 2018.

Concílio de Trento. 6ª sessão. *Decreto sobre a justificação*. 1547, DS 1520-1583.

Concílio Vaticano II. *Constituição dogmática sobre a Revelação Divina, (Dei Verbum)*. 1965, DS 4201-4235.

Denzinger, Heinrich e Peter Hünermann. *El magisterio de la Iglesia: Enchiridion symbolorum definitionum et declarationum de rebus fidei et morum*. 2ª ed. Traduzido por Bernabé Dalmau et al. Barcelona: Editorial Herder, 2017.

Dunn, James D. G. *A Nova Perspectiva sobre Paulo*. Traduzido por Monika Ottermann. Santo André, São Paulo: Editora Academia Cristã, Paulus Editora, 2011.

————— *The Theology of Paul the Apostle*. Edinburgh: T&T Clark, 1998.

————— «The New Perspective on Paul». *Bulletin of the John Ryland's Library* 65 (1983): 95 -122.

Duplacy, Jean. «Fé». Em *Vocabulário de Teologia Bíblica*. Ed. Xavier Léon-Dufour. 12ª ed. 345-353. Petrópolis: Editora Vozes, 2017.

Eicher, Peter. *Diccionario de conceptos teológicos*. Vol. I. Barcelona: Editorial Herder, 1989.

Farmer, William R. *Comentario Bíblico Internacional*. Estella: Editorial Verbo Divino, 2013.

Fitzmyer, Joseph A. «Carta a los Romanos». Em *Nuevo Comentario Bíblico San Jerónimo*, editado por Raymond E. Brown, Joseph A. Fitzmyer e Roland E. Murphy, 361-418. Estella: Editorial Verbo Divino, 2004.

Fitzmyer, Joseph A. «Teologia paulina». Em *Nuevo Comentario Bíblico San Jerónimo*, editado por Raymond E. Brown, Joseph A. Fitzmyer e Roland E. Murphy, 1212-1213. Estella: Editorial Verbo Divino, 2004.

Franciscus PP. *Litterae encyclicae Lumen Fidei*. Em *Acta Apostolicae Sedis* 105. Città del Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2013.

Freedman, David Noel (ed.). *The Anchor Bible Dictionary*. Vol. 2. New York: Doubleday, 1992.

————— *Eerdmans Dictionary of the Bible*. Grand Rapids, Cambridge: William B. Eerdmans Publishing Company, 2000.

García, Miguel Salvador. «Carta a los Romanos». Em *Comentario al Nuevo Testamento*, editado por Guijarro Santiago Oporto e Miguel Salvador García, 411-448. Madrid, Salamanca, Estella: Atenas, PPC, Sigueme, Verbo Divino, 1995.

Gorman, Michael. J. «Romans: The First Christian Treatise on Theosis». *Journal of Theological Interpretation* 5.1 (2011): 13-34.

Guillaume de Saint-Thierry. *Exposé sur l'Épître aux Romains*. Tome I, Livres I-III. Paris: Les Éditions du Cerf, 2011.

Hahn, Scott W. *Romans*. Grand Rapids: Baker Academic, 2017.

Igreja Católica. *Catecismo da Igreja Católica*. Moscavide: Fundação Secretariado Nacional da Educação Cristã, 2017.

Igreja Católica Romana/Federação Luterana Mundial. «Declaração Conjunta sobre a Doutrina da Justificação». *Theologica*, 2ª série, 35,1 (2000): 147-162.

Imschoot, P. Van. «Fé». Em *Dicionário Enciclopédico da Bíblia*. Ed. A. Van Den Born. 564-567. Petrópolis: Editora Vozes Ltda., 1971.

Jepsen, Alfred «𐤓𐤏𐤔/’āman». Em *Theological Dictionary of the Old Testament*. Ed. G. Johannes Botterweck e Helmer Ringgren. Vol. I.: 292-323. Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Company, 2011.

João Crisóstomo. *Homilias sobre a Epístola aos Romanos*. PG 60, 391-682.

Kasper, Walter. *Introdução à Fé*. Porto: Livraria Telos Editora, 1973.

————— *La fe que excede todo conocimiento*. Santander: Editorial Sal Terrae, 1988.

Kuss, Otto. *Carta a los Romanos, Carta a los Corintios, Carta a los Gálatas*. Barcelona: Editorial Herder, 1976.

Langevin, Gilles. «Fe». Em *Diccionario de Teología Fundamental*. Ed. René Latourelle e Rino Fisichella. 472-479. Madrid: Ediciones Paulinas, 1992.

Latourelle, René e Rino Fisichella. *Diccionario de Teología Fundamental*. Madrid: Ediciones Paulinas, 1992.

Lee, Jae Hyun. *Paul's Gospel in Romans: a discourse analysis of Rom 1:16-8:39*. Leiden, Boston: Brill, 2010.

Léon-Dufour, Xavier. *Vocabulário de Teologia Bíblica*. Traduzido por Simão Voigt. 12ª ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2017.

Lozano, Alfonso Lozano. *Romanos 5: la vida de los justificados por la fe y su fundamento, la reconciliación por nuestro Señor Jesucristo*. Estella: Editorial Verbo Divino, 2012.

Lührmann, Dieter. «Faith». Em *The Anchor Bible Dictionary*. Ed. David Noel Freedman. Vol. 2: 744-758. New York: Doubleday, 1992.

- Matera, Frank J. *Romans*. Grand Rapids: Baker Academic, 2010.
- Moo, Douglas. *The Epistle to the Romans*. Grand Rapids, Cambridge: William B. Eerdmans Publishing Company, 1996.
- Murphy-O'Connor, Jerome. *Paulo, escritor de cartas: O seu mundo, as suas opções, as suas técnicas*. Prior Velho: Paulinas Editora, 2010.
- Oporto, Guijarro Santiago e Miguel Salvador García. *Comentario al Nuevo Testamento*. Madrid, Salamanca, Estella: Atenas, PPC, Sigueme, Verbo Divino, 1995.
- Orígenes. *Comentário sobre a Epístola aos Romanos*. PG 14, 833-1292.
- Penna, Romano. *Lettera ai Romani*. Bologna: Edizioni Dehoniane Bologna, 2010.
- Reumann, John. «Faith». Em *Eerdmans Dictionary of the Bible*. Ed. David Noel Freedman. 453-454. Grand Rapids, Cambridge: William B. Eerdmans Publishing Company, 2000.
- Ridderbos, Herman. *Paul: an outline of his theology*. Traduzido por John Richard de Witt. Grand Rapids, Cambridge: William B. Eerdmans Publishing Company, 1997.
- Seckler, Max e Christoph Berchtold. «Fe». Em *Diccionario de conceptos teológicos*. Ed. Peter Eicher. Vol I: 425-438. Barcelona: Editorial Herder, 1989.
- Stegman, Thomas D. «Romans». Em *The Paulist Biblical Commentary*, editado por José Enrique Aguilar Chiu, Richard J. Clifford, Carol J. Dempsey, Eileen M. Schuller, Thomas D. Stegman e Ronald D. Witherup, 1234-1288. New York, Mahwah: Paulist Press, 2018.
- Tarazi, Paul Nadim. *The Chrysostom Bible – Romans: A Commentary*. St Paul, Minnesota: OCABS Press, 2010.
- Viard, André. *Saint Paul: Épitre aux Romains*. Paris: Librairie Lecoffre, 1975.
- Wright, N. T. *Paul and the faithfulness of God – parts III and IV*. London: Society for Promoting Christian Knowledge, 2013.

